

INQUISIÇÃO TRIMURTIANA

Tempo de Apostasia



Autor: Jan Val Ellam

Edição e Preparação Digital: Gullan Grey!

Edição original: Inquisição Trimurtiana, 2018.

Edição portuguesa concluída em 23-11-2020



Livroteca Gullan Grey!

Sinopse

O tempo dos deuses aproxima-se do fim.

Em Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia, Jan Val Ellam relata a convivência direta e profundamente conflituosa entre um ser humano e Brahma, Vishnu e Shiva — os três arquitetos da criação que, durante eras, sustentaram, manipularam e disputaram os rumos da vida universal.

Perante o senso crítico e a razão filosófica desenvolvidos pela humanidade, os antigos Senhores da Vida são obrigados a confrontar aquilo que nunca haviam verdadeiramente reconhecido: os limites das próprias mentes, a falência dos seus métodos, a decadência das estruturas que governam e a responsabilidade pelos sofrimentos impostos às criaturas.

Enquanto Brahma resiste a cumprir os compromissos assumidos, tornando-se apóstata perante o próprio código de honra trimurtiano, Vishnu e Shiva começam a reconhecer que as formas através das quais exerceram o poder se tornaram obstáculos ao futuro. Ao mesmo tempo, o universo antimaterial onde vivem as linhagens demos entra em processo de desagregação, anunciando o fim de uma era que já não pode ser prolongada.

No centro desse colapso encontra-se a humanidade terrestre. Aquilo que os deuses criaram para servir os seus projetos transforma-se agora na consciência capaz de os avaliar, diagnosticar e talvez indicá-lhes um caminho de libertação.

Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia apresenta uma narrativa radical sobre poder, queda, responsabilidade e transição, na qual os criadores descobrem que já não controlam o destino da criação — e que o futuro poderá depender precisamente daqueles que durante milénios procuraram dominar.

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Introdução	1
CAPÍTULO 1.....	4
A Noção Inadequada de Senso Crítico dos Trimurtianos.....	4
CAPÍTULO 2.....	23
O Mais Inapropriado dos Julgamentos	23
CAPÍTULO 3.....	47
Pequenez Espiritual	47
CAPÍTULO 4.....	83
Fenómenos Denunciadores do Fim.....	83
CAPÍTULO 5.....	104
A Estranha Autorrealização de Shiva	104
CAPÍTULO 6.....	124
O Fim da Lila	124
CAPÍTULO 7.....	150
“Decifrem-me!”	150
CAPÍTULO 8.....	168
O Alerta Que Não Veio e a Transição Que Não Aconteceu	168
CAPÍTULO 9.....	192
Os Adhytia e a “Ordem dos Indecifráveis”	192
CAPÍTULO 10.....	224
Esgotamento e Solidão.....	224
Posfácio	245
Sobre o Autor	250
Entrevista com Jan Val Ellam.....	251
Roteiro de Leitura dos Livros.....	257
Projeto Orbum.....	267
IEEA.....	270

INQUISIÇÃO TRIMURTIANA

Tempo de Apostasia

Jan Val Ellam

Introdução

Penso que jamais saberei ao certo o que aconteceu com a minha referência pessoal enquanto personalidade. A sensação do “eu”, em mim, sabia que não era o meu corpo humano que, novamente, ali se encontrava, apesar de tudo me levar a crer que assim fosse.

Sentia-me como se estivesse vestido à moda da minha vida atual, apesar de envolvido com uma veste profundamente confortável e que sabia não se encontrar entre as minhas posses terrenas.

Penso ter desfalecido e, embora principiasse a acordar como se estivesse de volta à condição humana, vi-me como que a sonhar, tendo uma longa conversa com os espíritos — as suas formas *Adhyagya* — que respondem pelas formas *trimurtianas* (expressões *Adhydaiva* edificadas após o “mergulho” nesta Criação) de Vishnu e Shiva, enquanto “tudo abaixo de nós” parecia ser a confusa “Criação Bipartida”, da qual o universo em que a Terra estava situada parecia ser tão somente uma das suas partes componentes.

O que me era dado perceber assemelhava-se a dois universos paralelos, subjacentes, um em expansão — o nosso, onde a vida biológica impera — e um outro retraído, desagregado, como se “recortado” em muitas partes — onde vivem os chamados “entes-clones” e as diversas classes de “demónios”.

Enquanto no nosso universo existem as galáxias como sendo as “partes macro”, formadoras do mesmo, naquele outro, os “recortes” pareciam ser “moradas apartadas”, que o compunham.

Os espíritos daqueles dois seres “conversaram comigo” observando a lógica das convenções mentais da natureza humana, que neles parecia ser natural, apesar de existir um “quê” de diferente entre a lógica humana e a deles. Este aspeto, se por um lado parecia ser normal, por outro causava-me estranheza porque, naturalmente, eu estava predisposto a esperar um padrão de postura e de conduta daqueles espíritos — a quem considerava como sendo superiores — bem mais elevados do que os que pude por mim mesmo aferir.

Somente tempos mais tarde, é que pude compreender que, realmente, eles eram e são “elevados”. O problema, ou a minha estranheza, residia em certos padrões que estavam

indelevelmente ligados às suas formas *Adhyatman*, que representavam as suas personalidades como divindades atuantes antes da Criação Universal indevida, que foi procedida por *Adhyshprabrajna*, na sua expressão *Adhyatman*. Após a sua “queda” na Criação indevida, esta entidade — antes *Adhyshprabrajna* — conseguiu erigir uma forma de expressão (*Adhydaiva*) que viria a ser conhecida, na cultura humana, como Brahma/Javé/Alá, dentre outros nomes e epítetos, da qual tornou-se prisioneira e dela jamais se libertou.

As formas *Adhyagya* — espíritos — que respondem por Vishnu e Shiva instruíram-me numa série de postulados e de possíveis procedimentos a serem assumidos pelo espírito que me anima a personalidade terrestre e, quanto mais informações eram adequadas ao meu psiquismo, mais me sentia incomodado a cada vez que o meu modo terreno de pensar aflorava em meio àquele processo.

Havia, sim, uma clara dose de constrangimento da parte daqueles dois seres espirituais — e de mais alguns outros que também ali se faziam presentes —, o que me incomodava mais ainda por força da pequenez que o meu psiquismo terreno sentia quando se percebia como tal, convivendo com todo aquele contexto incomensurável e ao mesmo tempo deplorável, conforme o meu juízo — e faço absoluta questão de isto registrar, ainda que o futuro possa revelar este e outros equívocos da minha parte.

Ali, naquele nível, onde a mente espiritual dos seres nele congregados parecia não ter mais encobrimentos, e a verdade cristalina sobre o que acontecera com as suas formas *Adhyatman*, então conhecidas como *Adhyshmatna* (Vishnu) e *Adhyshsava* (Shiva), simplesmente encontrava-se estabelecida e era comum ao conhecimento de todos e não havia mesmo segredos.

Foi a partir da expressão mental de um ser, na sua forma *Adhyatman* — no caso *Adhyshprabrajna* — que a Criação indevida passou a existir, e cujo espírito, ou sua forma *Adhyagya*, não se encontrava presente àquele encontro porque jamais conseguira imantar-se à sua expressão *Adhydaiva* –Brahma — exatamente por se encontrar inabilitada desde o impensável ato de expressão criativa.

Devido a isso, desde então, Brahma sempre foi e ainda é um ser holográfico, sem “alma”, ou seja, apartado da sua condição excelsa espiritual. Da sua condição anterior na forma *Adhyatman*, viu-se “extraído” o seu “corpo mental” e é este que responde pela sua existência como Brahma, até aos tempos atuais.

Era-me difícil receber orientações daquelas entidades espirituais que iam de encontro às conveniências das suas próprias formas *Adhydaiva* — Vishnu e Shiva —, das quais os mesmos agora dependiam, pois para elas tiveram que voltar o foco das suas consciências desde o início dos tempos problemáticos, quando Shiva e Vishnu tiveram que “acontecer” para o âmbito interno da Criação, no mesmo nível existencial no qual Brahma já se encontrava prisioneiro desde a “queda” da sua consciência mental, enquanto forma *Adhyatman* problemática.

Novamente, a minha condição humana iria ter que registar a ininterrupta convivência com as formas *Adhydaiva* de Brahma, Shiva e Vishnu, convivência esta que passou a ter lugar no algo inquieto psiquismo que me restou desde o ano de 2008, quando havia me encontrado somente com Brahma/Javé, e que se intensificou mais ainda a partir dos factos registados na segunda parte do livro “*Inquisição Filosófica*”.

Deixo, portanto, registado o que julgo ser estratégico para a compreensão das gerações futuras sobre como todos estes acontecimentos, jamais vistos pelo mundo à minha volta, tiveram lugar.

Parte do que “falei para os três da *Trimurti*” teve como base a orientação que os espíritos de dois deles me levaram a fazer. Muito, porém, do que expressei àqueles três seres, o fiz por conta do meu próprio temperamento, conforme os critérios que as minhas quotas de senso crítico e de razão filosófica humanas o permitiram.

Jamais desejei estar no mesmo ambiente ou a conviver com aqueles três seres, ou de pelo menos me encontrar com um só deles.

Contudo, em sendo inevitável, segundo eles, a minha presença naquele contexto, o que ali fiz e expressei foi e é de minha total responsabilidade, seja lá o que isto possa significar em toda esta história.

Seguramente, devo ter errado bastante e me equivocado em muitas coisas, mas, perante as circunstâncias, não podia e não tem mesmo como ser diferente.

Atlan, 30 de novembro de 2015.

Jan Val Ellam

CAPÍTULO 1

A Noção Inadequada de Senso Crítico dos Trimurtianos

— Fica à vontade, ó Vishnu, Brahma entendeu que perdeu a aposta, pois o humano não titubeou — disse Shiva.

Vishnu voltou a atenção para Brahma e ambos fitaram-se por um longo momento, até que este fez um sinal de aquiescência. O gigante — Brahma —, então, voltou-se, e com a sua expressão impassível, porém, amargurada, fixou-se longamente em mim.

Baixei os olhos pois, ao mesmo tempo que algo me unia àquele ser, um sentimento muito forte de repúdio aflorou-me no íntimo, e a expressão “aposta” ficou martelando no meu psiquismo.

— Aqui termina um ciclo, ó humano — observou Brahma —, que somente pode ser concluído com a sua valorosa contribuição, como também a de muitos que se encontram na Terra e ainda nada sabem sobre este nível de realidade em que nos encontramos. Antes que receba críticas da sua parte, deixe-me explicar a questão da aposta.

— Não precisa! — disse, para minha própria surpresa.

— Já havia entendido tudo, apenas me era penoso aceitar que fosse esta a moeda da convivência entre vocês. Isto está abaixo de qualquer crítica. O facto de você tentar explicar-me, de desejar esclarecer-me, somente demonstra que vocês, os chamados “Senhores da Vida”, não têm o mais primário dos sentimentos do progresso espiritual que, na Terra, chamamos de “vergonha na cara”! Vocês não sentem nenhuma vergonha pelo que estão a fazer desde o início de toda essa vexaminosa situação! *Na Terra, muitas são as espécies que existem e somente a humana sente vergonha. Que tipo de espécie é essa, a vossa, que não possui o ritmo mental apropriado para poder envergonhar-se de alguma coisa?* Arreponder-se depois dos crimes, desde que seja honesto, parece que Brahma pratica esta postura mental em alta monta. Contudo, de que adianta arreponder-se mil vezes e se repetir, criminosamente, na mesma atitude em outros milhares de oportunidades? Falta o senso da vergonha! Vocês realmente não conseguem sentir vergonha? Será? Ou isto é tão somente um disfarce medíocre de vocês para que o “humano escolhido” não descreva, com cores fortes, o grau de psicopatia que vocês três detêm nessa condição demo?! E toda essa descendência ramificada em padrões que mal imagino, que surgiu a partir do “código da vida” de cada um de vocês, ninguém, dentre eles, sente mesmo vergonha? *Quer dizer que do último demo surgido como descendente direto de Indra (Zeus) até vocês, que foram os primeiros, ninguém consegue ter mesmo vergonha nas multífaces que vocês ostentam?*

— Ai de mim! Ai de mim! Isto não vai dar certo com este humano
— lamentou-se Brahma.

— Seja lá qual for o estratagema de vocês dois, não vai funcionar com este humano. Ele é mais inflexível do que nós.

— Não sou inflexível — retruquei —, tanto que ainda estou aqui e digno-me a falar com vocês, apesar de não saber se existe alguma dose de livre arbítrio, que me fosse possível dela utilizar, para não me encontrar aqui. Entretanto, *parece que o espírito que me anima é conivente com isto tudo, e o nível espiritual que o manipula também, pois que seja!* De “estupro em estupro”, tendo como base as apostas entre vocês, tão flexível sou que, na minha “pequenez”, ainda me permito tentar colher algo de bom dos que me “estupram”, dos que me escravizam a uma situação perversa, dos que me enjaulam e ainda passeiam perante o meu cansaço, mostrando possuir a chave, negociando-a em troca da minha subserviência... E ainda são tidos como “deuses”, quando mais me parecem seres “apodrecidos” e necessitados da misericórdia alheia, muito mais do que a minha própria quota de necessidade neste quesito.

— Desculpem-me, mas, por “miserável” que eu seja, tenho alguma dose de vergonha na cara. Vocês, ao contrário, parecem não saber nem o significado do que estou a expressar.

— *Temos honra, ó humano — falou Shiva.*

— *Não se precipite! Temos o nosso código de honra. Procuramos ser honrados em relação ao nosso padrão de convivência ajustado e aplicado entre nós e às nossas descendências. Apostámos porque*

assim é da natureza de Brahma e sempre foi esse o seu modo de se manter ativo na sua interação connosco, após a sua reconstrução, como você já sabe. Foi e ainda é o modo mais fácil de lidar com as suas convenções mentais após a sua “queda”. Assumimos, eu e Vishnu, essa mesma convenção algorítmica que marca o psiquismo dele, desde a sua derrocada, como sendo o único modo de levarmos adiante a estratégia que agora estamos prestes a finalizar.

— As diversas classes de seres que dele descenderam diretamente, quando despertados, como também de *todos os nossos descendentes, somos todos movidos por “jogos mentais”, sendo esta a nossa motivação existencial mais marcante no psiquismo da cultura que nos caracteriza.* A nossa honra está em assumirmos o preço da aposta acordada, e foi assim que muito foi construído no âmbito interno desta Criação. Procure compreender o estado mental em que nos encontramos, dessas nossas formas *Adhydaiva*, que foram criadas para podermos, a partir delas, atuar no âmbito interno do que foi gerado.

— Cautela, ó humano, pois você é um dos poucos, talvez, o único, dentre os terráqueos, a conseguir conviver connosco e admoestar-nos corretamente, mas não exagere! *Tente compreender a natureza desta Trimurti, pois, bem ou mal, ela é o que existe para dar conta do todo universal, pois são as nossas energias pessoais que a tudo sustentam, goste você ou não. Confesso que não era para ter sido assim, mas foi desse modo que a energia criativa de Brahma se expressou, e as energias aglutinadora e corretiva, minhas e de Vishnu, tiveram que ser*

também expressas, para que o trágico início pudesse um dia ter uma finalização produtiva. A Trimurti é quem cuida disso, certa ou erradamente.

— *Portanto, não há outra opção disponível. Se existe, jamais pudemo-la construir, pelo menos até agora. Na verdade, a Trimurti cuidou de tudo até estes tempos, quando se conclui o ciclo referido por mim a Vishnu. Foi-se o Manvantara da Trimurti, sabemos disto! Estamos a tentar dar início a um outro tempo, onde as apostas, antes necessárias como disfarces para as reais intenções que movem os factos, possam ser substituídas por outra forma de gerenciamento.*

— *Contudo, das que foram feitas no passado, tanto longínquo como recente, os seus resultados ainda estão a ser aferidos para que, pelo menos seja ressaltado aquilo que você já expôs em palestra singular, ou seja, o facto da "apostasia"¹ estar a ter lugar entre nós, devido a Brahma não "aceitar certas derrotas" e recusar-se a "pagar o preço" das apostas oficialmente assumidas. O retardo da chegada de Sophia/Jesus é um aspeto deste problema. Contudo, você mesmo é o maior exemplo do que falo, por desagradável que isto lhe possa parecer, pois muito do que você passa e tem enfrentado deve-se ao facto de Brahma, também, não ter aceitado o resultado que colheu, vindo de você. Com a nossa lógica, não temos como agir diferente. A lógica humana, porém, abarca todas as demais por ser a mais abrangente das criadas até agora e, por*

¹ NAT: — ação de renegar algo.

isso, foi a última a surgir, ou seja, a mais recente da história da Criação.

— *Eis o valor da lógica humana: Ela pode compreender tudo e todas as questões inerentes à problemática da Criação, contudo, ainda não parece ser complexa a ponto de assimilar o que se encontra além das suas fronteiras, aspecto que a nós também não é dado.* Por isso, precisamos da sua lógica e da de todos, na Terra, que já vislumbram o contexto espiritual que envolve esta Criação na qual estamos mergulhados.

— Sim, ó humano, o seu concurso é a razão da aposta, pois Brahma sempre submeteu a todos os humanos, até o limite das suas imposições, colhendo inevitavelmente de todos eles o que quis — explanou Vishnu.

— Isso somente não aconteceu com Jesus e, mais recentemente, com você; entretanto, a sua história ainda não acabou. Apenas, Brahma reconheceu que, com toda sorte de dificuldade que os seus desígnios impuseram à sua condição humana, ele sempre esperou que você iria ceder e a ele se submeteria para receber as bênçãos retificadoras, porém, você nunca o fez. No fim das forças que movem os nossos psiquismos nessa questão, é que estamos a reconhecer e a explicar-lhe que a sua contribuição e o seu concurso foram os dois últimos fatores a gastar — não por sua culpa, mas pela insistência de Brahma — a sua energia criativa, e nada ele pôde criar através da sua pessoa, enquanto humano. Então, o processo inverteu-se, pois é a energia dos humanos que agora influencia Brahma, por força da condição dele. Este jogo nunca

antes pôde ficar claro para os terráqueos, pois, realmente, como você mesmo ressaltou, ele é perverso e violento para os valores humanos da atualidade. As vezes em que as expressões mais caras das nossas potências ocultas assumiram formas carnaís na Terra, tentámos esclarecer algumas destas questões, mas tal não se deu, e sei que você tem críticas duras ao modo como a minha contraparte humana se conduziu neste assunto.

— *Não, do homem Jesus nada tenho a reclamar, muito pelo contrário, apenas acho que ele foi enganado e se enganou, até mesmo por conta dessas apostas criminosas e injustificáveis, por mais que vocês possam argumentar o contrário. Compreender, acho até mesmo que compreendo. Aceitar esse método, não me cabe julgar... enquanto as apostas entre vocês não envolviam "vida alheia". Entretanto, se vocês acham que são "donos da vida" e de todos os que a portam, de todos os seus agentes, aqui expresso a minha mais profunda repulsa filosófica em relação à conduta criminosa de vocês! Isso não precisava ter continuado desse modo. Penso que assim continuou porque vocês dois também adoeceram e padecem agora do mesmo mal que sempre atormentou Brahma. Vocês também estão em derrocada! Faliram! Estão e são tão criminosos quanto Brahma! Quanto às suas formas avatáricas, ou expressões *Adhyajna*, como vocês as chamam por meio da linguagem sânscrita, acho apenas lamentável que essas suas personificações, apesar de, na expressão humana se portarem na Terra de modo muito superior ao de vocês, também encham o mundo de problemas, de lealdades estéreis, de desdobramentos criminosos, que somente pioram as coisas por lá. Quanto a estas formas que aqui estão, que são vocês, em sendo as responsáveis*

pelo que se pode ou não fazer em toda esta história, vocês nada fizeram ou fazem que a razão humana possa aplaudir.

— Desculpem, mas vocês sempre apequenam as suas romagens terrenas quando apresentam o já ultrapassado “jeito trimurtiano de ser”, quando se apresentam como sendo “o deus encarnado”, “aquele que está sentado à direita do Pai”, “aquele que é um só com Deus”, “eu sou o caminho, a verdade e a vida”, “eu sou o deus verdadeiro”, “eu sou isto ou aquilo”, do que eu consigo me recordar. Para quê isso? Para quê tanta afetação? Por quê tanta porção de ego demo numa personificação humana? Será que não poderia ser melhor programado? Ah, ingenuidade humana, esta minha, esqueci que as benditas apostas entre vocês não permitem uma programação diferente. Por que Sai Baba e Jesus teimaram por fazer afirmações no sentido do “eu sou isto ou aquilo” quando, sob a perspectiva do progresso espiritual, isso mais parece arrogância e prepotência desnecessárias?

— Ainda que pudessem ser, ou mesmo que sejam isto ou aquilo, para quê afirmar conceitos desse naipe para uma humanidade tão carente e ainda ignorante quanto aos aspetos da verdade que a envolve? Ainda que não seja a vossa intenção, isso gera intolerância religiosa, divisão, dependência, subserviência e personalismo, além de, o que é pior, faz surgir religiões e seguidores que se pretendem tão ou mais importantes que os próprios fundadores, ainda que os elevem à categoria de deuses.

— *Demoníaco, demasiadamente demoníaco, parafraseando Nietzsche.* Como vocês podem esquecer disso quando se fazem

humanos? Se bem entendo, ó Shiva, pelo menos a sua mente tem estado presente inúmeras vezes na Terra, tentando contribuir com o progresso humano. Entretanto, sem me referir ao passado longínquo que somente agora vocês estão a informar-me a respeito, foi somente nos últimos tempos, ó Vishnu, que o seu espírito lá se fez presente como humano, na pessoa de Jesus e, se por um lado deixou um precioso legado erigido pelos humanos que o seguiram, por outro, gerou um problema cujo sangue derramado em seu nome até hoje eu me questiono se, nesta sua condição *Adhydaiva*, você tem ideia do que promoveu. O pior é que, *enquanto Jesus, agiu de um modo em relação a Javé, mas depois, como ressuscitado, revelou o que como Jesus você parece só ter percebido nos últimos momentos da cruz. Ou seja, você tão somente transferiu um problema terrível para os ombros humanos e jamais dignou-se a consertar o aspeto inapropriado das suas atitudes.* Os pobres humanos ainda foram levados a considerá-lo um deus, do mesmo modo que os hindus fazem, e você não se constrange nem um pouco com isto. Estou errado?

Aquele ser diferenciado dos outros dois, que ali se apresentavam, olhou-me como se fosse trespassar-me, mas não de modo violento nem muito menos raivoso, apenas estranho, e permaneceu longo tempo em silêncio. Enquanto isto, Brahma, visivelmente pretendeu interferir no teor do que estava a ser abordado, mas Vishnu endereçou-lhe, aí sim, um olhar terrivelmente forte, como se o impedindo de ir adiante.

Em algum momento daquela disputa vibratória, que estava a ser travada ali, na minha frente e na de Shiva — que parecia estranhar o modo como Vishnu

estava a dirigir-se a Brahma naquela oportunidade —, Vishnu voltou-se na minha direção e afirmou:

— Sim, você está enganado. Nisto, você está equivocado. O que teve que ser feito foi um complemento pela impossibilidade do meu aspeto humano levar adiante o pretendido. *A minha forma humana — a qual retirei de uma outra forma que sustento (Sophia) — foi programada para fazer cumprir o estabelecido por Brahma/Javé, no sentido de um messias poderoso, e ele teve acesso à organização do meu código pessoal, que foi inserido na minha mãe terrena, pois assim rezavam os termos da nossa aposta.*

— Isso e mais a cultura que herdei do povo no qual nasci, levaram-me a ver bondade, amor, justiça e perfeição neste ser (Brahma), que agora você vê. Sim, *do mesmo modo como você se assustou ao perceber o modo dele agir, a minha condição humana também o fez, mas tão somente no dia da crucificação. Toda a vida da minha condição humana foi como um pêndulo interminável entre as "ordens de Javé" — implicitamente registadas no código de DNA humano que assumi, e que sempre surgiam por impulsos ao longo de quase toda a juventude daquele corpo — e o que o meu próprio tirocínio me inclinava a fazer no sentido de não utilizar os poderes mentais da minha condição excelsa para "subordinar os humanos da Terra, levando-os novamente para o comando de Javé". No que o enganei, tendo em conta que assumi que assim o faria, pois "esse" era o termo da aposta. Caso não o fizesse, pagaria o preço. Paguei! Sei que você já havia compreendido isso, não é mesmo? — questionou-me Vishnu.*

Fiquei surpreso com o modo como ele colocou aqueles factos e permaneci em silêncio.

— Realmente, ó humano, isso encerrou-se agora — continuou Vishnu.

— *A próxima ida de Shiva será na condição humana e, dependendo dos desdobramentos do atual curso dos factos, ele já poderá prescindir dessas afirmações porque já não mais precisamos provocar Brahma para que ele se mantenha atuante.* A minha contraparte realmente divina, esta sim, estará por trás da minha componente pessoal que mais se aproxima dos humanos, que é a forma ressuscitada do homem que ela foi. Você mesmo está a traçar esse “divisor de águas” quando afirma, impiedosamente, que as divindades que geraram este processo existencial faliram, quando se refere a nós três. Do modo como você o afirma, isto está certo, mas o inconveniente é escutar o que você diz do modo como o faz. Seja para as circunstâncias do tempo em que você vive, seja pela inconveniência com que os “ouvidos *trimurtianos*” escutam e assimilam o que a sua lógica conseguiu perceber, suportar toda esta gama de acusações da sua parte, não nos é fácil porque a nossa lógica ainda não consegue receber estas coisas sem contrariedade.

— Sinceramente, não tenho lá ideia precisa do que a minha condição humana está a fazer. Estou a dividir, sim, mas só para a minha própria compreensão acumulada, do que vocês antes semearam como “sagrado” para os terráqueos — mas que penso ser mais procedente da pura perversão dos seus jogos de apegos e de afetação demoníaca —, do que realmente, na minha “pequenez”

e “miserável” condição, ainda consigo vislumbrar como sendo realmente “sagrado”. Vocês não sabem o que é “sagrado”, não nesta condição *Adhydaiva*! Vocês “apodreceram”!

— Desculpem-me, mas com a ajuda dos entes espirituais — livres da afetação dessa zona perturbadíssima que vocês geraram —, da convivência com eles, é que trago o que penso ser efetivamente sentimentos e posturas nobres e honrados, e noções sobre o “Sagrado” — e isto é bem diferente do que vocês semearam na Terra! O “Sagrado” que cultivo parece ser tão distinto do tipo de conceito que vocês ainda hoje alimentam, que prefiro mesmo nem aprofundar este tema. Já lhes disse, portanto, que nada quero e/ou espero de nenhum de vocês, pois tudo o que até agora pude perceber, vocês três somente agem motivados pelo tempero da *Lila* — o que compreendo, por força da doença que aqui posso perceber nos três. Entretanto, acho de todo lamentável, pois tudo o que vem de vocês se encontra viciado e alicerçado em “troca”, em “pacto”, em “bênção” e em “graça”, e isso não é “sagrado” pois, vindo da parte vocês, é tão somente a corrompida “podridão” do “troca-troca” entre “deuses e lacaios”. Se for realmente “sagrado” o que vocês pensam vivenciar, peço já aqui todas as desculpas que um ser “miserável” como eu deve pedir a seres “grandiosos”, como vocês se autoproclamam. Já lhes disse que *não sirvo mais para existir sob a pretensa tutela de vocês porque perdi qualquer tipo de “respeito hierárquico”* e nada mais resta em mim que com isto se pareça. Estranhamente, consigo subordinar-me a quem quer que eu naturalmente perceba como sendo menos defeituoso do que o meu ego humano. Muito estranho!

— Digo-lhes novamente que, se eu, pequeno que sou, nada espero de vocês, não sejam vocês a esperarem nada de mim, por mais poderosos que vocês possam se achar para algo retirarem de alguém do meu “tamanho”. No mundo mais além, onde os humanos labutam, ninguém lá imagina que as coisas possam ser como vocês aqui se mostram. O condicionamento que vocês nos impuseram foi tão bem aplicado que, praticamente, todos oram a vocês com gratidão, amor e respeito... Que vergonha! Contudo, no fundo, cada vez que aqui me trazem, é como se vocês esperassem que os humanos da Terra fizessem por vocês o que as autoridades autoproclamadas das suas investiduras deveriam ter feito ou mesmo deveriam estar a fazer. Porém, as elites religiosas do mundo veneram vocês e as preces deles parecem não mais lhes servir... Será que isto não está errado? Cansaram? Ou nunca fizeram nada e somente produziram coreografia e com elas enganaram os humanos do passado?

— *Toda a insanidade, todo este tempo de insanidade que vivemos na Terra é da absoluta responsabilidade de vocês. Vocês encheram o planeta com uma quantidade de seres, sem fazer as contas das questões ambientais, como se fossem amadores eternos da incúria que lhes marca as atitudes, seja lá em que modo de expressão isso possa se dar. As suas formas humanas começam processos dos quais vocês não cuidam depois, e cabe aos humanos, aprisionados na ignorância que vocês mesmos nos impuseram, levar adiante o fardo do que vocês lá deixam, mesmo tendo suas sensibilidades trucidadas por todo tipo de motivo.*

— Vocês transferem para a Terra todos os problemas e apostas do contexto da Lila, escolhendo ao léu os seres humanos que, como Jó, tiveram e terão as suas vidas atropeladas, sem que jamais isto seja repostado. Isto é mais que crime! Isto é irreparável! Parem com isto! Vocês estão falidos, moral e espiritualmente falando, e penso que assim é desde que se investiram dessas formas *Adhydaiva*. A obtusidade é tão forte no psiquismo de vocês que sequer podem ou conseguem admitir que, se o fruto das apostas de vocês é o que se vê aqui ou na Terra, obviamente vocês erraram o tempo todo e nunca tal o reconheceram. O próprio surgimento da “espécie humana desperta” parece ter sido uma “inesperada surpresa”, nos moldes em que se deu, e até hoje vocês discutem sobre os seus panoramas, que permanecem ocultos para o conhecimento dos terráqueos. E ainda se acham “deuses”. Isso é vergonhoso! O vosso poder mental deixa-vos insanos! Essa natureza demoníaca de vocês três é insana, demente e criminosa. Acabem com isso e transfiram-se definitivamente para outras formas...

— Ele não pode transferir-se! — afirmou Shiva, referindo-se a Brahma.

— Ele ainda não pode fazer isso, e do modo como entendemos, você já devia saber disto, pelo que lhe foi demonstrado até por ele mesmo. Entenda, ó Ellam, somos o que somos e não pode haver conserto para nós, apesar de que tudo o que promovemos para a Criação a mantém em curso e não pode mais ser redimensionado. Muito fizemos através das formas *Adhyajna* que endereçámos, em momentos diferentes, aos diversos níveis do que passou a existir. Esses *avatares*, considerámos como tendo sido essenciais às

experiências que precisávamos promover para o surgimento da vida, sempre em níveis de complexidade crescente. Naqueles tempos, não havia humanos com o tipo de lógica que hoje o marca. Você já sabe disto e muitos, na Índia, compreendem esta questão, ainda que de modo parcial. O momento de conserto, para nós, já passou lá atrás, no tempo do fuso horário cósmico que existe entre as nossas “moradas” subjacentes ao universo. Isso fizemos, eu e Vishnu, para podermos apoiar Brahma na sua “queda”. Ao nos fazermos iguais a ele, assumimos o seu “DNA pessoal” com toda a sorte de doenças que ele plasmou em si mesmo ao cair. *Assumimos a doença nestes corpos, que agora você pode ver, para que, em sentindo as suas dores e dificuldades, pudéssemos atinar com uma maneira de curarmos a nós mesmos e, assim, curar Brahma. O que acontece com um de nós é repassado para os demais, e sei que disto você tem a devida consciência.*

— Eu não aceito mais ser trazido até vocês... Isto não tem como dar certo.

— Não está na sua vontade esta opção... — advertiu Shiva.

— Não está porque vocês não respeitam a natureza humana. Vocês a violam o tempo todo...

— Nós somente o fazemos quando precisamos e ... — tentou justificar Shiva.

— Você, efetivamente, ó Shiva, não tem noção de que, para mim, tudo o que vocês produzem, e que envolve a manipulação de outras espécies, é “diabólico” — e uso este termo no sentido que a noção do senso crítico terrestre produziu para qualificar o que não era do “bem”. Desculpem, mas quem tem vocês três como personagens de um “pano de fundo podre” como este não precisa de “diabo”, porque vocês suprem com maestria esta representação mental, tendo em vista toda essa desconcertante “podridão” que impingem às experiências das espécies que surgem nesta Criação criminosa. São estas as palavras que aqui uso, na frente dos três e dos demais cujas presenças eventualmente percebo, para qualificar o irreparável acúmulo de crimes que vocês impõem à sensibilidade de todos os seres que têm a infelicidade de “acontecer” no seio deste Caos impiedoso. Não tenho como modificá-las e já isto expressei a Brahma/Javé, em algumas oportunidades. Não existem conceitos mais adequados ou apropriados que eu possa usar, com a minha noção terrena sobre os factos advindos daqui, ou seja, vocês personificam o que de pior a minha consciência particularizada já teve a infelicidade de constatar. Isto que lhes apresento é uma simples constatação, sem envolvimento emocional e/ou apego a quaisquer outros valores que me pudessem cegar o tirocínio.

— Essas três formas que vocês chamam de demodhárnicas ou Adhydaiva, de acordo com o meu modo de pensar, repito, são “diabólicas”. Vocês deveriam envergonhar-se disto, mas não o fazem, ao contrário, parecem jactar-se de serem o que são, quando isto é puro vexame existencial. Quando o espírito de vocês dois personificam avatares lá na Terra, é impressionante como eles

perdem a noção da “podridão” da condição mental destas suas duas formas Adhydaiva que permanecem atuantes, já que se pensam “força de sustentação” do que foi criado. E o pior é que, como terráqueos, esses avatares ainda se acham “deuses”, e de lá saem deixando um extenso rebanho — que os cultua como tais —, esquecidos de que a responsabilidade pelo caos, pela “podridão” existencial, pela maldade e pela perversão, que causam sofrimento e desespero de muitos moldes, repousa nas suas consciências, quando e se um dia, uma destas formas de vocês vier ou voltar a ter algum nível de consciência mais elevada.

— E sou eu que tenho que perceber isto? Sou eu, um reles humano, cheio de mazelas, a afirmar isto perante estas suas formas embrutecidas, e ainda ter a responsabilidade de traduzir esta tragédia para os meus pares em existência terrena? *Por que Jesus e/ou Sai Baba não tiveram a decência de fazer isto? Por que não puderam perceber a real situação do contexto geral? Porque os seus intelectos estão vinculados a vocês, e a doença que os marca aqui não lhes deixa perceber a real situação quando assumem uma forma humana. Será isto? Vocês aprisionam, de modo inapropriado, os intelectos destes avatares e, talvez, por isso eles têm dificuldades de se expressarem como tais? Estou certo? Será isto? Vocês têm certeza de que ainda querem trazer-me para este ambiente e dar continuidade a este tipo de convivência? E se for verdade o que vocês já reafirmaram, de que este entendimento, primeiro está a surgir na Terra, para depois ser exportado para toda a Criação, por que agora isto se faz necessário? O que posso eu dizer sobre vocês que seja diferente do que estou a afirmar?*

— Gostaríamos que fossem retificados muitos pontos do que você afirma, mas estamos a tentar isto há mais de dois anos e a sua inflexibilidade não permite estes ajustes — disse Shiva.

— Convençam-me!

— Este é o nosso problema — tornou a expressar-se Shiva.

— Não estamos a conseguir, e o que você está a fazer, somente em parte nos satisfaz.

— Arranjem outro!

Assim falou Shiva, em tom grave e solene:

— Estas nossas formas *Adhydaiva* não dispõem de mais tempo, e a semente daquele que foi Enoch é uma só e parece que é na sua componente maior — na Terra vocês a chamam de “espírito” — que repousa a continuidade operativa dos problemas atuais. *A opção, no passado, de Brahma/Javé por Enoch, enclausurou todo o processo nos termos em que ele atualmente se dá. Não há outra opção! Pelo progresso e convivência direta dele com Brahma/Javé, como efeito disso, o DNA dele registou áreas únicas e especiais.*

— *Por isso, Enoch não passou pela morte física, sendo retirado para ficar o resto dos seus dias e fenecer em ambiente que não era terreno. Antes, porém, deixou a sua descendência na Terra e depois foi levado para a Brahmaloça, tendo antes passado, tanto pela*

minha "morada" — a Shivaloka — como pela Vishnuloka. Em ambas, o DNA humano dele foi ainda acrescido de experiências que somente ele as teve e as tem registadas em si mesmo. Ou seja, nas possibilidades do seu DNA repousam segredos que desconhecemos, pois parece estar associado à sua componente maior pessoal. Tenho que dizer-lhe isto e sei que você compreende o que estou a transmitir-lhe, apesar de também saber que este assunto o desagrada e não será, mesmo, aprofundado.

— Não, não o será, pelo menos no que depender da minha vontade humana.

— Pois assim seja! — concluiu Shiva.

CAPÍTULO 2

O Mais Inapropriado dos Julgamentos

Por diversos elementos que fui recolhendo ao longo da convivência com aqueles seres — nas suas expressões *Adhydaiva* — e, em especial, pelo que também penso ter deduzido do conjunto dos factos, a minha premissa de análise era a de que eles, realmente, estavam falidos e sem condições de promoverem, por eles mesmos, as soluções dos dramáticos problemas que viviam.

Haviam sido os “agentes da tragédia universal” e, por meio das suas formas *Adhyajna*, procuravam e ainda procuram construir a redenção do processo, o que até agora não conseguiram. Apesar disso, portando os eternos “disfarces demo”, foram sempre tidos e vistos como “Senhores do Processo Universal”.

Não era muito do feitio deles “assumirem fraquezas” a ponto de reconhecerem o que, a meu juízo, era pura decadência. Por isso, foi com surpresa que recebi a confissão, da parte de Shiva, sobre o facto de eles “não terem muito mais tempo”, ainda que ele tenha se referido ao aspeto de lhes ser possível ajustar ou resolver os problemas acumulados e os “da hora”. Foi desta maneira, ainda sob o “clima” da revelação feita por Shiva, que Brahma a ele se dirigiu nestes termos:

— Não é você quem encerra os assuntos entre nós, e não deveria ter sido você a informar em demasia ao humano um assunto que era somente do nosso conhecimento. Ele já sabe o suficiente e até mesmo sobre este aspeto ele, por si mesmo, já havia percebido o essencial. Não era para você ter agido dessa forma. Você, sempre querendo ser o maior entre nós! Sou eu que tenho de dizer ao humano que ele não tem como não fazer parte do nosso circuito, pois assim foi decidido por mim que o escolhi, e se nisso havia algum estratagema de vocês dois para comigo, que esse se cumpra. Portanto, ele aqui virá, estará connosco sempre que o trouxermos, e não há outra opção que lhe possa ser aplicada.

— Tem, sim, a morte do corpo animal que utilizo, e da maneira que o desgaste que vocês me impõem está em curso crescente, isso deve estar para acontecer dentro em breve. Você, ó Brahma, é quem se especializou nisto e penso que está no tempo de a sua vingança pessoal finalizar esse processo. Vocês não me terão muito tempo por aqui, seja lá o que isto signifique. Quando um predador morde dez vezes a sua vítima, é somente uma questão de tempo até esta perecer, isto supondo que não venham mais mordidas. Contudo, as feras sempre mordem, daí a minha certeza que não durarei muito na condição humana, pois foram e continuam a ser muitas as “mordidas”, o que, para mim, é um alívio, uma vez que não há convencimento possível para que um predador deixe de sê-lo e não suporto mais as suas “mordidas”, ó Brahma, e a dos que o acompanham. Que seja, pois! — afirmei, enquanto inconscientemente levantei-me, pois estava meio que encostado em algo semelhante a uma “poltrona” cheia de artifícios.

— Onde você vai? — questionou-me Brahma.

— Não vou “mordê-lo”... já que você me toma por fera, por monstro, vejam só o que tenho de receber das minhas criaturas. Para onde você pretende ir?

— Não sei, somente quero sair daqui e, se não conseguir, será à custa de alguma agressão de vocês...

Não precisei falar muito mais, pois senti-me paralisado, algo doía na minha cabeça e comecei a desfalecer, tamanho era o meu esforço em confrontar aquilo tudo. Consegui, ainda, perceber, antes de desfalecer, que Vishnu observava-me algo constrangido e volitou na minha direção, enquanto com um simples movimento de cabeça parecia dar um fim àquele tipo de energia que me dominava. E perguntou-me:

— Se nós lhe pedíssemos para ficar, você nos atenderia?

— Não! — foi a minha resposta, antes de perder a consciência.

Não sei quanto tempo aquele apagão durou e o interessante é que cheguei mesmo a ter “sonhos” nos moldes em que os conhecemos na Terra, só que bem mais vívidos. De modo estranho, algo em mim sabia que estava “desacordado” na companhia daqueles seres, enquanto um outro “eu” estava em contato, naquele exato instante em que tudo aquilo estava a acontecer, com as expressões *Adhyagya* — os espíritos — de Vishnu e Shiva, além de outras que também se faziam presentes naquela ocorrência.

Algo ali se passou, cujos desdobramentos coleciono até o momento em que escrevo estas páginas, apesar de, muitos deles, não fazerem sentido imediato para a minha lógica. Algum tempo depois, lá estava eu, novamente, acordado na “poltrona”, sentindo-me “muito bem”, como se nada tivesse ocorrido. Despertei em meio a uma “conversa áspera”, entre Brahma e Shiva, sobre um determinado problema na *Brahmaloka*. Não compreendi muita coisa. Fiquei a pensar em como aqueles seres demonstraram, em repetidas oportunidades, a incompreensível dependência que eles pareciam ter em relação ao meu jugo pessoal acerca de determinados assuntos. Aparentemente, discordavam de quase tudo que eu pensava e expressava nos livros e nas palestras, contudo, não me largavam e, decididamente, não demonstravam poder de convencimento suficiente para me fazer mudar de opinião.

Aquilo era muito estranho para mim, pois na minha condição humana, um dos aspetos do meu psiquismo é perceber as inúmeras vezes em que consigo notar o quanto erro em impressões, opiniões e na leitura dos factos à minha volta. Por que será que, exatamente em assuntos superlativos e que se elevavam bem mais acima da minha lógica pessoal, ali estava eu com a mesma disposição para “mudar de opinião”, e aqueles seres, sendo quem eram, não tinham a menor capacidade de promover algo tão simples no meu psiquismo?

Com o tempo, fui me cansando cada vez mais daquelas manifestações, e decidi ali mesmo que, se mil vezes me trouxessem de volta, mil vezes eu iria “julgar” a Criação de Javé, na parte que me tocava, para ver se ele parava de me infernizar a vida terrena, ou mesmo para que daquilo pudesse surgir algo que fosse minimamente proveitoso, seja lá para quem fosse, se é que fazia algum sentido tomar aquela decisão.

Sentia-me como se aquela “vontade repentina”, surgida no meu psiquismo, fosse advinda do “sonho” com as formas espirituais de dois daqueles seres. Os três continuavam a abordar uma questão cujos termos não me era possível acompanhar, porém, de algum modo, sabia terem relação com a “morada” de Brahma, ou a *Brahmaloka*, ou o “céu do Criador”, como de vez em quando me soava o seu significado.

Escutei, por mais bastante tempo, toda aquela história e decidi interferir quando a discussão, em língua estranhamente compreensível para mim, abordou a questão da “morte” de certas classes de seres demoníacos em algumas *lokas* ou “moradas” que se situam em universo paralelo ao nosso, e estas nada tinham a ver com o que chamamos de “realidade espiritual”.

— Vocês três também irão fenecer, sabiam disto?

Eles voltaram-se para mim enquanto algo parecido com um sorriso de superioridade surgia, de modo distinto, naquelas faces absurdamente diferentes entre si.

— Despertou, por fim, ó humano... — disse Brahma.

— Não, não iremos fenecer. Já não lhe disse que somos imortais? São as nossas mentes que mantêm tudo! É a minha mente que sustenta a base do que nós três, enquanto “Senhores da Vida”, daqui operamos. Cale-se sobre isto! — ordenou Brahma.

— Não, não me calo. Inúmeras vezes vocês disseram-me que eram imortais, mas, também nisto, vocês parecem estar equivocados.

— Não estamos! — afirmou secamente Shiva, com autoridade.

— Estão sim. Contudo, isto é problema que vocês terão que descobrir. Pensem o que quiserem. Somente assim irão prestar contas do que fizeram e ainda estão a fazer. Então, como disse, isto é problema vosso.

— Ó humano, quem você pensa que é para saber disto a nosso respeito e nós não? Que contas temos a prestar e a quem? — questionou Shiva, de modo algo crítico.

— Observe, ó Shiva, que a culpa é sua, é desta sua mania de grandeza de sempre querer finalizar as nossas trocas mentais, como se você fosse o maior entre nós — pontificou Brahma, ao mesmo tempo em que me olhava e me mandava permanecer em silêncio. Este traço da sua personalidade é provocador e passível sempre de reprimenda da minha parte. Foi por causa disto, de referir-se de modo impróprio a certos assuntos à frente deste humano, ou seja, foi por causa desta sua “mania operativa” que muitos significados saíram de você e agora teremos que receber deste humano mais tolices ainda.

— Tolice é o que você ostenta no seu psiquismo. Não foi por causa do que Shiva se referiu... — tentei expressar.

— E que causa poderia ser a que lhe moveria a informar-nos isso? Brahma tem razão em perguntar-lhe, quem você pensa ser ou representar para agredir-nos com estas informações? — questionou Vishnu, enquanto com o seu olhar parecia analisar-me, como se estivesse a preparar-se para os desdobramentos daqueles factos.

— Não tenho ideia, mas vocês são quem deveriam saber quem eu sou ou quem represento, então, torno a dizer, isto é problema vosso. A mim pouco importa. Não sou eu que lhes tenho comigo, são vocês que me mantêm convosco. Saibam, porém, que essas vossas formas demoníacas são longevas, mas não são eternas, e isto é uma boa notícia. Entretanto, vocês são e estão tão dementados em relação a certos assuntos, que se incomodam com panoramas deste tipo. Parece faltar-lhes tino espiritual para lidar com isto. Este é um dos problemas das classes dos seres demos, não é mesmo? — devolvi.

— Isso não está claro para mim, ó Ellam... — falou Vishnu.

— Confesso que não tenho a certeza do que Brahma e Shiva ostentam sobre serem imortais estas formas que nos personificam. Tenho refletido muito sobre este aspeto das nossas existências, mas é como tem sido até agora. Por que você atesta-nos estas coisas?

— As expressões *Adhyagya* — espíritos — da sua consciência e da de Shiva assim informaram ao espírito que me anima, e o fizeram com o intuito de que, em algum momento desta história,

eu lhes revelasse isto. Parece que os espíritos de vocês sabem o que vocês não conhecem, e sabem também que, de algum modo, vocês iriam provocar-me a tal ponto que me forçariam ou me estimulariam a informar-lhes. Além disso, sabem o que mais achei estranho? Foi o aspeto de perceber que isto teria que se dar ao tempo da minha vida terrena. É tudo muito curioso e enigmático! Sendo tudo isto verdade, a vida que vocês levam nestas formas parece ser mais e mais inquietante para os seus próprios espíritos. Como é que vocês, sendo quem são, sabem ainda tão pouco sobre aspetos realmente importantes da existência? Este, sim, é o panorama que me parece mais desesperador.

— E o que mais os nossos espíritos lhe disseram? — perguntou Shiva, agora com doses de uma ironia à moda demoníaca.

— Vocês têm-se como grandes, mas parecem-me crianças, sob a perspectiva do psiquismo afetado que possuem. Cresçam em sabedoria e decência e, enquanto estiver vivo e me for dado estar com vocês, então lhes direi o resto do que julgo saber a respeito do problema. Aproveitem antes para descobrir que vocês têm alma, e até mesmo Brahma pode e deve fazer isto, ainda que se encontre dela apartado. Entretanto, não é este o caso de vocês dois. Já é tempo de crescerem! Vocês já estão muito velhos nestas formas e ainda são o que sempre foram.

— Cresçam! Digo-lhes agora porque não sei se terei outro momento para fazê-lo. O corpo que utilizo vem-se consumindo, e penso que rapidamente, por força das inúmeras armadilhas e ardis tramados no roteiro da minha vida terrena. Em sendo verdade o

que os seus espíritos informaram, quando os mesmos morrerem, vocês três, em especial Brahma, estarão com seríssimos problemas caso não tenham feito uma “mudança de fase” no estado consciencial, libertando-se desta “jaula magnética” em que o “eu caído” de vocês está metido. Vocês não têm como evoluir por meio destas formas *Adhydaiva*, apenas precisam aprender a “abrir mão delas”, do mesmo modo como nós, os humanos — pelo menos aqueles que despertam o “eu profundo” —, procedemos com o nosso “ego animal”, fazendo com que o mesmo se deixe envolver e ser dominado pelo “eu profundo”, presente em cada um.

— Para os humanos, isto custa muito esclarecimento, esforço, disciplina e vivência; para vocês, porém, basta um “movimento da consciência” pessoal neste sentido. No caso de vocês dois, para as suas organizações pessoais, confesso não entender muito bem as possíveis implicações da morte do corpo animal que utilizo, até mesmo porque sempre evitei refletir sobre isto. No caso de Brahma/Javé, porém, pelas inúmeras violações da minha intimidade psíquica e genética procedida por ele e os seus “desqualificados cumpridores de ordens” — um criminoso sozinho nunca poderá pretender muita coisa e, por isso, sempre tem que existir os tais seguidores, basta observar os inúmeros exemplos terrenos —, acho que até sei o significado e o tamanho do problema dele por tratar os “corpos alheios” partindo da arrogante e criminosa premissa que os mesmos são dele. Isto o transforma no mais ingênuo e estúpido dos seres, por pretender ter um “tamanho e amplitude” que ele não tem.

— Aproveitem, pois, enquanto a minha condição terrena ainda existe. Em sendo verdade estas premissas, não há “plano b” para vocês! Ou vocês fazem agora, ao tempo desta minha vida e da de vocês, nestas formas *Adhydaiva*, ou a própria força *tamásica*-entrópica, no passado aplicada pela sua consciência pessoal *Adhyatman*, ó Shiva, trucidará com o que resta da capacidade mental de vocês, o que impedirá o progresso das suas formas *Adhyajna*, as únicas capazes de levar adiante esta tragédia a um possível bom termo. Compreendam enquanto ainda podem.

— Nós já suportámos coisas demais deste terráqueo — disse Brahma, quando interferi.

— Eu, em especial, já o suportei sobremaneira e apoquentame perceber que, às vezes, não vejo como a minha relação com ele terminará em bom termo.

— Não, ó Brahma, isto não tem mesmo como terminar bem, mas é devido ao modo doentio como a mente de vocês se comporta. Não é você o atingido, o agredido. Não são vocês os que são “estuprados” a cada momento da vida. Você, ó Brahma, é quem faz isso, é quem promove e perpetua esta farsa em torno do seu pretenso poder que não serve para nada, a não ser atender às lacunas da sua loucura. Portanto, pare com esta atitude demente de se sentir ofendido quando o agredido, aqui, sou eu.

— Ora, terráqueo, há tempos decretei o julgamento de todos, humanos, anjos e falsos deuses que participaram dos primórdios da

história do que hoje se passa na Terra e fiz de Enoch o meu porta-voz... — começou a dizer Brahma.

— Você não tem autoridade para julgar quem quer que seja, pois faltam-lhe autoridade moral e senso crítico para tanto, ó Brahma. Pare com esta farsa de pensar que você decide alguma coisa e que os seus anjos o obedecem ou tentam obedecê-lo, ou ainda, fingem que o obedecem para você passar melhor, mas, além disso, você não consegue fazer coisa alguma. Caia na real!

— Você é quem está a ser julgado pelo que fez... e esta construção crítica sobre o seu feito é tão somente a primeira parte do processo. Por enquanto, a *Brahmaloka* encontra-se a cair sobre a sua cabeça e a dos demais que ali habitam. Mais um pouco e todo o peso de equívocos da sua Criação também repousará na mente responsável por tudo isto. Prepare-se, em vez de ficar a viver na ilusão de que você está no comando de alguma coisa.

— O que estou a fazer é tão somente a dar-lhe a medida de como você será julgado, em tempos futuros, por muitos outros que sofrem por sua causa e por você mesmo, quando surgir um tempo no qual, até lá, alguma noção de caráter você tenha conquistado.

Brahma explodiu em fúria na minha direção, para logo depois, aparentemente, controlar-se, enquanto Shiva alternava as suas formas de expressão pessoal. Vishnu permanecia aparentemente impassível. Contudo, outros horizontes que nos rodeavam e que estavam lotados de entidades, que pareciam assistir a tudo aquilo, começaram a vibrar de modo

extremamente desagradável. Foi somente naquele momento que tive consciência que aquela não era somente uma “conversa a quatro”.

As “respostas” que até então havia colecionado sobre “onde eu me encontrava”, começaram a desmoronar, uma por uma, à medida que comecei a desconfiar — ou fui intuído — sobre o significado de toda aquela ocorrência que vinha se repetindo ao longo de mais de dois anos do fuso terrestre.

— Quem é você para me julgar desta forma, ó humano? — questionou Brahma, ainda com traços de fúria na sua expressão.

— Já lhe disse, não tenho a menor ideia, mas mil vezes vocês me tragam aqui, mil vezes julgarei, a meu modo, o que você fez e está a fazer.

— Isto é inadmissível — protestou Brahma.

— Não cabe aos humanos julgar os seus Criadores. Cabe a mim, sim, julgar as minhas criaturas que participam, junto comigo, daquilo que gerei — ponderou ele, ainda ostentando traços de fúria.

— Se é que isto, que acontece com você, é uma evolução, ó Brahma. Saiba que ela se dá num contexto clínico fechado de idiotia e de demência e, por mais que você evolua, será, contudo, tão somente nestes padrões, mas jamais deixará de possuí-los em algum grau. Quando isso estiver definido e padronizado à moda humana, ou seja, no grau destas doenças que o seu DNA transmitiu

à vida biológica universal, é que você poderá ser tratado como um doente mental nos moldes do psiquismo humano. Entenda que você está na transição entre estas duas situações.

— Por enquanto, o viés psíquico da sua evolução é o da natureza humana. Entretanto, o seu marco de conquista ainda não lhe permite, por mim, nem mesmo ser considerado um doente mental. Seja lá o que você for, é de uma “podridão sórdida” esta sua insistência em se achar “isto e aquilo” e de querer dominar os demais. O corpo que uso lá na Terra é seu, composto pelo seu DNA, portanto, tome-o consigo a hora que você quiser. Contudo, o psiquismo que dele emana, você não o domina, como não me domina aqui. Você e estes milhões de seres, aqui reunidos, podem matar-me, mas não me dominam.

— Enquanto eu existir, será porque vocês não me liquidaram, pois nada faço além da conta para manter a vida. Portanto, enquanto vida existir em mim, é e será sempre sob esta perspectiva que lhe oferecerei à medida de como você poderia ser julgado por você mesmo se tivesse senso crítico à moda humana para tanto. Preso a um inferno, você já está, e o problema é que você mantém todos — que existem a partir do seu DNA pessoal — também presos consigo neste drama existencial. A raça humana, por sua natureza singular, tem olhos e senso crítico para perceber isto, e razão filosófica suficiente para não o odiar.

— É “esse milagre” que se espera quando todos souberem como você é, como também o que você fez e ainda está a tentar fazer. Este é o primeiro tempo do seu julgamento. Caia na real! Como você é refém das suas criaturas e, em especial dos humanos, evolua enquanto pode, antes de começar a sentir os eflúvios que inevitavelmente virão dos que sofrem há milénios pela sua falta de habilidade em conduzi-los e por deles exigir o absurdo. Que de bom posso dizer a seu respeito se você mesmo me agride criminosa e covardemente? Por sua insistência junto a mim, isto está a tornar-se inevitável. Compreendeu? Você tem duas opções, ó Brahma: deixar-me de lado e penso que tudo isto cessará e será esquecido, ou insistir nisto, sem saber onde e como toda esta história irá terminar. Todavia, o seu poder está a acabar e estará terminado com o encerramento do tempo desta minha vida terrena, entenda você ou não, aceite ou não.

— Desgraçadamente, por uma opção sua no passado, e pelo rumo dos factos, estamos unidos, e quando este corpo que utilizo cessar, com ele outros compartimentos da sua mente se inclinarão para a inutilidade. Estas apostas de vocês não permitiram ainda a visita de Sophia ao mundo terráqueo. Isto poderia evitar muita coisa! Como está a ser procrastinado, as coisas estão a tomar este rumo desvairado. Interessante, não? Aproveite, ó Brahma, enquanto estou vivo na condição humana, pois tem alguém, ainda que equivocado e “estuprado” por sua estupidez, a tentar ser honesto com você. Aproveite, pois você não terá outro momento como este.

— Já lhe disse que não tenho como prescindir da sua companhia, mas, ao mesmo tempo, é-me, às vezes, insuportável conviver com o que vem do seu tirocínio e dos que estão por trás de você nesta história — reclamou Brahma.

— Lamentável a minha situação... e penso que a de vocês também, pelo que ele diz, se estiver correto. Isto é diferente de tudo o que, até agora, colecionámos na nossa cultura... Entretanto, ainda assim, não lhe permito julgar...

— Não preciso da sua autorização para tanto nem para coisa alguma. Em estando aqui, assim ajo e agirei. Você é um criminoso perverso e demente em certo grau, mas não o suficiente para que o tipo de psicopatia, que lhe marca, o impeça de saber o que está a fazer. Você sabe muito bem...

— Pare com isso... — interrompeu Brahma.

— Não, jamais, enquanto aqui estiver.

— Então, julgue-os também, e aplique a sua medida sobre eles porque muito do que sou e faço é deles que recebo a sugestão ou motivação para realizar — ponderou Brahma.

— Nós nos sustentamos mutuamente. Não é que sejamos um só, isto é conversa de Vishnu. A sustentação que damos uns aos outros nos coobriga, ainda que em disputa, no meio a conflitos, ou mesmo quando estávamos distantes, a manter as nossas operações

mentais em andamento, e é isto que a sua lógica chama de “aposta”. Pois que seja! Se a vida que temos provocado na minha Obra tem sido financiada por meio de apostas, entenda que isto é tão somente a motivação que a nossa *Lila* produz em mim, ou seja, a aceitação das teses provocadoras que eles dois me ofertam, para negociarmos.

— Na minha Obra, tudo é negociação, desde que fui agredido covardemente por Shiva e sistematicamente enganado por Vishnu, tudo é negociação e, por isso, a vida de vocês assim também é. Julgue-os, portanto, mas daqui você somente se verá livre quando eu assim o definir. Você não tem controle sobre isto. Por outro lado, admito que você conseguiu ter um tipo de liberdade, dentro do meu padrão de consciência pessoal, que me estarrece... e poucas vezes me encanta. Sei que preciso desta convivência, e se o preço é este, aceito, desde que você também os julgue.

— Não aceito nada disto! — afirmou Shiva, se agigantando e assumindo uma forma combativa à medida em que se expressava.

— Realmente, os humanos saíram do casulo dos nossos sonhos de um modo impróprio. São o que eles querem ser e não o que provocávamos no seu código, ó Brahma, em tempos passados, quando fazíamos todas as experiências disponíveis no jogo das possibilidades.

— Precisamos voltar a controlá-los e sei que, o que este humano vem chamando de educação *demodharmica*, própria para

demónios, talvez não sirva mesmo para a humanidade. Pode ser que ele tenha razão, mas, ainda assim, devemos insistir para que grande parcela dos humanos possa ser educada por este viés *demodhármico*. Não será a opinião dele que prevalecerá entre nós. Isto não poderá ser. Não me submeterei a isto, pois não era este o caminho que julgávamos percorrer ao absorvermos a lógica dele para humanizá-lo, ó Brahma. Está além do aceitável para a nossa condição — apartou Shiva de um modo que jamais saberei se aquilo era honesto da parte dele ou tão somente um ardil para lidar com Brahma, a fim de que ele assumisse como inevitável o progresso do que ali ocorria.

— Não temos alternativa... lembre-se que foi nele que guardei os padrões... — começou a expressar Brahma de um modo jamais percebido por mim ao longo do processo até àquele ponto, para logo ser aparteado por Vishnu.

— Entenda, ó Shiva, — ponderou Vishnu — sem entrar no mérito dos detalhes que cercaram a singular existência de Pandora, que agora goza da confiança de Ellam, e utilizando-me tão somente das metáforas do que a cultura dos humanos a ela credita, independentemente dos factos terem acontecido dessa ou daquela forma, nós não temos como prescindir dele porque a sua mente humana é, para nós, a “caixa de Pandora”, sob um certo aspeto, que encomendámos lá atrás, quando Brahma/Javé registou o seu código-parâmetro de medição e das possibilidades observadas por ele naqueles tempos, acreditando, então, que a sua consciência particularizada sempre lhe seria fiel.

— Brahma pagará o preço que tiver que ser pago pelos factos, pois não há mesmo outra alternativa para ele. Nós dois sabíamos disto e nada fizemos, na época, para que não viéssemos depois a ser acusados por Brahma de termos manipulado os acontecimentos daqueles tempos anteriores à grande devastação¹. Ele agora terá que arcar com as consequências da única opção que lhe está disponível no tempo presente. Não porque eu goste ou mesmo esteja inclinado a aceitar, pois também rejeito o facto de um humano vir a julgar-nos e, mais ainda, que venha a tornar isto de conhecimento público, pois ele já começou o processo de divulgação que era do nosso interesse, e não creio que ele irá parar agora, mas não era isso que estava previsto. O que ele está a codificar não é o conteúdo que estimávamos que viesse a ter lugar entre os terráqueos da nova geração.

— Como poderia ser, ó Vishnu, o conteúdo encomendado por vocês se o modo como pensam se encontra apartado da complexidade dos factos que vocês mesmos promoveram? Quando escuto e consigo perceber o teor das “negociações” aqui havidas, inquieta-me a sensação que invade o meu psiquismo de achar que três seres terráqueos dementes conversariam de modo muito mais produtivo que vocês. Os pensamentos e impressões vindos de vocês não correspondem aos factos, pelo menos aos que posso perceber na Terra e a partir da lógica que lá nasceu com o modo de pensar humano.

¹ NAT: Aqui tem o mesmo sentido do dilúvio bíblico.

— A complexidade inerente aos problemas desta Criação e aquela advinda do modo racional terráqueo, parecem estar muito acima da capacidade mental de vocês três de bem percebê-la. Vocês estão falidos e ultrapassados pelo avanço desta complexidade dos factos. Pelo menos, é o que posso perceber. Se é que de facto existe um intrincado código de processos e de possibilidades — no jogo que vocês inventaram — registado no meu DNA pessoal, esta violenta atitude de vocês, muito semelhante a que nós, os humanos, fazemos ao “ferrar o gado com a nossa marca”, terminou por transformar o “violentado” numa peça que, estranhamente, ganhou vida própria no jogo de vocês e se tornou independente em relação aos “donos do tabuleiro e das peças”. Por mais que vocês me enganem, ou seja, iludam, pisem, atropelem e preguem ardis e armadilhas nesta “peça”, é facto que a mesma não consegue livrar-se da perseguição dos “donos do jogo”, mas, ainda assim, mesmo sendo covardemente agredido a cada golpe que recebe, mantém-se com alguma lucidez e muita independência mental em relação aos algozes que tentam retomar o poderio sobre as “peças do jogo”. Em sendo assim, ó Vishnu, como é que um ser que se pretende grandioso como você, tido por centena de milhões de pessoas como um “superdeus”, ainda pretende que o “conteúdo” seja produzido nos moldes ultrapassados que ainda lhes marcam estes psiquismos doentes? Estes, em vez de ainda estarem à procura de dominar os outros, deveriam, na verdade, há muito, ter percebido o quanto de mal estão a fazer a si mesmos e a todos os demais. Até quando esta ausência de senso crítico cegará o tirocínio limitado e ultrapassado de seres como vocês?

Vishnu nada disse e tão somente continuou a olhar-me do modo fixo, aparentando ser aquele o seu estado natural de olhar para as coisas, eventos e personagens à sua volta. Shiva e Brahma olhavam-se enquanto mais e mais me era dado perceber as “faces” de outras figuras que acompanhavam o desenrolar daqueles factos.

Diante do silêncio de todos resolvi continuar a minha abordagem.

— Se é verdade que não existirá um “plano b”, e que o “plano a” seja, de facto, também verdadeiro, em vocês não se tornando capazes de realizar esse movimento de consciência, essa transição de fase mental nesses poucos dias, meses ou anos terrenos que ainda me restam, sei lá, tenho absoluta certeza que, após a morte da minha condição humana, mesmo que vocês ainda se encontrem ativos, alguns membros da linhagem de descendentes de vocês três, os chamados *Adhytia*, tentarão ocupar os canais de comunicação possíveis entre os terráqueos e vocês, na tentativa de desqualificar estas informações, com a pretendida intenção de ainda mostrar poder aos terráqueos.

— Mesmo que isso venha a ter lugar, não logrará sucesso por muito tempo, porque vocês três não mais os comandarão daí por diante, e eles não terão poder para dominar os “novos *avatares*” que, desesperadamente, os espíritos de vocês dois ainda tentarão produzir para fazer com que processos renovadores possam surgir a partir da Terra. Inclusive isso também não dará certo porque não haverá massa crítica, entre os humanos, para que esses processos possam ser produzidos. Este parece ser o “x” da questão. Será sempre “mais do mesmo” e a “mesmice” será a grande desgraça

vibratória para vocês, que estarão feitos “mortos-vivos” nestas formas *Adhydaiva*, que hoje ostentam. Vocês três serão tão somente “zumbis” de vocês mesmos, vampirizando sempre os *Adhytia* e as gerações deles advindas, enquanto impedem de ocorrer qualquer progresso, como já é o caso de vocês agora, neste momento em que estamos a trocar estas impressões, em que o “grau de cegueira” de Brahma e a singular ineficácia mental de vocês dois estão a impedir o progresso dos factos que poderão gerar os tais “processos renovadores”. Lamento por mim, por todos os meus afetos humanos, por todos os meus semelhantes, por todos os demos e clones, enfim, por vocês mesmos, mas estaremos todos condenados a uma opção de destino que não chegará a lugar nenhum, caso vocês “não tenham olhos” para perceber a importância do que vocês mesmos providenciaram, que foi e é este impasse, como forma de forçar as suas consciências pessoais a promoverem as “mutações quânticas” necessárias a que um novo conjunto de algoritmos e de convenções mentais pudessem surgir nas suas formas *Adhyajna*, que, até agora, estão prisioneiras do modo doentio como vocês dois pensam enquanto nestas formas *Adhydaiva* de Vishnu e Shiva.

— Como já lhes disse em outra oportunidade, e como foram vocês que inventaram este processo, rezem, rezem bastante para vocês mesmos — se é que adianta alguma coisa —, já que não conhecem nada nem ninguém além dos limites da cegueira que marca os seus psiquismos, para que vocês consigam fazer algo digno destas suas formas “apodrecidas”.

— É muito doloroso escutá-lo, ó humano — observou Vishnu, mas talvez você esteja com a razão. Quanto à “caixa de Pandora”, sabemos muito bem quem gerou e organizou o que nela veio a ser inserido para que, posteriormente, viesse a ser aberta no seio da humanidade. Afinal, aquele era o “presente de Zeus”.

— Contudo, pergunto-me quem foi o arquiteto e mentor do que se encontra registado nessa sua consciência particularizada, para que nesta convivência conosco, no seio da nossa descendência que nos assiste, nós, os “Senhores dos Processos Universais”, viéssemos a receber tanta “carga energética”, tanto “peso vibratório” no teor das notícias, das constatações e das advertências com que temos sido brindados pela sua condição humana? E que doença será esta a nossa que, ainda que desconfortáveis, não conseguimos prescindir da sua presença de forma a que tantos males não nos atinjam e aflijam? Será que o que nos força a ficar aqui, perante a sua condição humana, tem a ver com o facto de terem sido os nossos próprios seres, movidos por um estado de consciência mais elevado que o que aqui nos marca, como você costuma apontar, assim o determinam ou determinaram já mesmo no passado? Por quem você possa ser, ó humano, responda-me: o que você sabe a respeito disto? — perguntou Vishnu com um intraduzível olhar fixado no alto, como se convidando todos os que ali estavam a buscarem além das fronteiras usuais da lógica que lhes era comum, alguma resposta mais transcendente para aquela questão. Mal consegui acreditar no que estava a escutar.

— Sou dado a poucas certezas, ó Vishnu, e nas poucas que tenho, ainda costumo enganar-me bastante. Portanto, não pretenda retirar de mim o que nem mesmo tenho para consumo pessoal. Lido com os factos, por estranhos e absurdos que pareçam, mesmo sabendo que muitos deles foram promovidos pela invasão indevida e covarde de vocês na minha vida. Lidem vocês com os seus! Se existe uma força situada além do “tudo” que vocês pensam existir, sejam vocês os descobridores da mesma, assim como os humanos são também obrigados, seja pela fé ou pelo conhecimento esclarecido, a lidar com toda esta sorte de interferência nas suas vidas. O tempo de vocês urge e o esgotamento já me consumiu. Preciso de algum suporte, pois não me sinto bem.

Assim falei porque uma dor muito forte começou a fazer-se sentir na minha organização corporal terrena, o que impedia que eu me concentrasse no que ali estava a ter lugar. Já tendo o meu psiquismo humano passado pelas dores de um infarto, senti-me novamente envolvido com o mesmo quadro e simplesmente mais uma vez me preparei para que os factos se consumassem. Nada pedi em termos de ajuda, simplesmente permaneci tentando respirar, com o intuito de suportar a dor.

Permaneci com a mente e a percepção ativas enquanto a conversa entre aqueles seres parecia não ter cessado devido ao meu “problema”. Não sei exatamente o que houve ou mesmo se ocorreu alguma coisa e, mais ainda, se alguém ali havia notado o que se passava comigo. A sensação foi a mesma do infarto anterior, mas, estranhamente, sabia ainda encontrar-me no mesmo ambiente com aqueles seres, todos ali posicionados.

Muita troca de informações teve lugar entre aqueles seres. Após “discussão acalorada” entre os três, concluíram que deveriam aceitar que o meu tirocínio terrestre avaliasse a todos. Fiquei pasmo com aquilo tudo enquanto procurava perceber se o “meu eu” humano estava vivo ou morto.

A partir de um certo momento, um silêncio perturbador imperou naquele ambiente. A luminosidade local pareceu diminuir ou harmonizar-se, e aquelas redes de energia que, a meu juízo pareciam dividir os “reinos” de cada um daqueles três seres, pareciam, agora, unificar-se, deixando-os como se estivessem num mesmo “cenário” já que, antes, aquilo mais parecia uma “demo-conferência multidimensional” com a presença de um intruso, que era o meu caso.

Estranhamente, passei a sentir-me no mesmo “local” em que eles estavam, o que tão somente aumentou a minha inquietação e desconforto. Não sei o que houve, desfaleci em pleno silêncio.

CAPÍTULO 3

Pequenez Espiritual

Acordei devido às “vibrações” que ecoavam na minha mente, advindas da confusa situação discursiva entre os três seres. Enquanto voltava a mim, percebi que dois outros seres, que pareciam encontrar-se próximos, agora se afastavam, lentamente, como se tivessem permanecido ao meu lado durante o período em que permaneci desacordado. Um deles foi situar-se dentre os que se encontravam na hierarquia de Brahma, e o outro passou a permanecer ao lado de Vishnu, só que um pouco mais atrás, junto com os que ali já se encontravam posicionados.

Decidi permanecer em atitude discreta de observação pois, agora, de modo singular, a minha percepção visual e auditiva parecia encontrar-se em elevadíssimo grau de expressão. Contudo, sentia-me estranho.

Havia acontecido alguma coisa com a qual, naquele momento, não atinava. Somente mais tarde é que pude compreender que, diante do meu estado, eles haviam resolvido modificar o “teor vibratório” daquele lugar, diminuindo o “atrito energético” entre os três tipos de força mental ali presentes.

De modo algo confuso, passei a perceber o “organismo eletroquímico” daqueles três seres — e de outros que ali se encontravam —, sendo cada

um deles absolutamente distinto dos outros dois. Por que agora aquilo parecia-se transparente, é algo que não sei explicar.

Quanto ao aspeto exterior daqueles seres, diminutas peças de cartilagem, com diferentes formas e tamanhos, pareciam compor o que seria uma “pele-mosaico” nos corpos impressionantes que, agora, Vishnu e Shiva ostentavam, cheios de uma radiação que saía das suas pessoas, mas que parecia desvanecer-se naquela atmosfera e que deixava de ser percebida a alguns poucos centímetros das suas formas.

A pessoa de Brahma, por sua vez, parecia deter bem menos daquela condição radiante, quando comparada às condições que eram apresentadas por Vishnu e Shiva. De modo ainda mais estranho, o seu corpo parecia-me bem mais transparente do que os dos outros dois. As suas cabeças, agora, pareciam maiores e um “terceiro olho”, presente tanto em Shiva, como em Brahma, adornavam aquelas faces estranhas. O terceiro olho de Brahma estava fechado e situado em um lugar que não obedecia ao padrão usual de uma possível lógica de alinhamento ou de divisória de quadrante facial. Era muito estranho para o meu padrão, apesar de não ser aquela a primeira vez que ele se me mostrava com aquela face. O terceiro olho de Shiva encontrava-se aberto, e parecia ser independente dos outros dois, o que me causou espanto porque, às vezes, os dois olhos que conhecemos na condição humana, olhavam numa certa direção, e o de cima para outra, o que era inusitado, apesar de já ter visto outras tantas esquisitices naqueles seres, tais como “mais de uma cabeça” e “mais de um par de braços”, dentre outras características.

O aspeto mais singular daquilo tudo foi que, naquela oportunidade, quando comparada com todas as outras que já havia vivenciado, a minha percepção

dava conta do que estava à minha vista, como também o que aparentemente deveria estar oculto naquele cenário. Era como se as minhas capacidades de visão e de audição estivessem, agora, com o “poder de fazer curvas”, de penetrar em qualquer coisa viva ou mesmo nas edificações que ali se encontravam. Não sei o porquê daquele contexto. Muita coisa do que percebi, até consegui compreender, mas outras, não. Na verdade, a maioria dos aspetos com os quais interagi, pelo menos até ao momento em que produzo esta narrativa, sobre eles não faço a menor ideia dos seus significados.

Brahma estava a defender o seu “direito” de cobrar providências da descendência de Vishnu para que alguma pendência entre habitantes de “moradas celestiais” com “problemas de desconstituição” pudesse ser resolvida. Vishnu estava a ponderar que não havia mais como evitar estes problemas e que as moradas em questão deveriam ser abandonadas, pois estavam condenadas pela desagregação do “espaço-tempo” comum àquele universo.

Sendo testemunha silenciosa daquilo tudo, fui deduzindo o que ali estava a ter lugar, o que tão somente reforçava o que já havia antevisto ainda no outro cenário em que se deram aquelas ocorrências até então. Não sabia se era o mesmo contexto local que se modificava tal qual um teatro, muito menos se aquele enredo, com cores dramáticas e ridículas, estava a passar-se em lugares distintos.

Apesar de sentir-me em paz, um quê de estranheza fazia-se presente no meu psiquismo. Fui abstraindo-me do que estava a passar-se à minha volta, ao mesmo tempo em que olhei para as minhas mãos e as achei maiores das que normalmente, na minha condição humana, costumo perceber. Notei

que a tonalidade das mesmas estava mais clara, além de um estranho sinal na pele, à altura do pulso esquerdo. Aquelas características simplesmente não “pertenciam ao corpo” que sempre me deu guarida ao longo da presente vida.

Afastei, o quanto pude, a estranha veste que agora usava, para melhor observar-me, mas não logrei melhores resultados. Levei as mãos ao rosto e comecei a apalpar-me, na tentativa de identificar-me naquele corpo o qual, singularmente, parecia não ser mais o “meu” que até antes do desfalecimento sabia ou julgava saber ter sido o “modelo” utilizado pela minha consciência espiritual.

Quando as minhas mãos pousaram sobre a barba, percebi, com certa inquietação, que a mesma era longa, o que na minha atual vida jamais portei. Não havia notado, mas naquela altura dos factos, todos estavam em silêncio, enquanto muitos me observavam na investigação que a minha “personificação atual” fazia naquele corpo.

Pensei comigo mesmo, durante algum tempo, que o meu corpo animal havia morrido no pico da dor que sentira, e que aquela era uma “nova” ou “antiga” forma de expressão do espírito que me animava, que o mesmo havia prontamente resgatado e/ou plasmado para que aquela história continuasse — foi esta a impressão imediata que me dominou o psiquismo por algum tempo.

Passei a julgar-me desligado do corpo terreno, o qual supus ter morrido. Vendo, porém, a continuidade dos factos, o seu triste desenrolar, pois ali continuava eu com aqueles seres sem nenhum padrão de elegância, e pus-

me a pensar sobre o aspeto de que “nem morto” eu me livrava daquela violência. Aquela percepção causou-me uma profunda confusão mental. Foi a partir deste ponto que comecei a questionar sobre onde me encontrava, pois sabia que nos ambientes espirituais os eventos não se processavam daquele modo. Brahma, que parecia ter percebido há mais tempo que eu já estava desperto, desde que um dos seus “anjos” fizera algo na minha organização pessoal, endereçou-me a palavra:

— Diga, ó humano, o que mais a sua insatisfação de se encontrar aqui agora irá produzir para o nosso desconforto? Fui eu que a tudo gerei e eles dois foram os meus sócios-parceiros na edificação das formas que a vida assumiu no âmbito da minha Obra. Aos meus descendentes e aos deles, também deleguei este poder de cocriação. Vocês, humanos, detentores do “mistério”¹, agora pretendem até saber o que nós não sabemos. Somente a Enoch eu disse que a minha natureza me forçava a necessitar de uma outra “contraparte minha” que iria proceder com o julgamento de todos, juntamente comigo. Fiz questão de ser transparente para poder anunciar ao mundo a ida do meu emissário, e sobre isso, toda uma contenda foi estabelecida em torno dessa questão, cujo processo ainda está dependente...

— Pague a aposta que você perdeu, ó Brahma — admoestou Vishnu.

¹ NAT: trata-se do estranho grau de racionalidade que marca o psiquismo dos terráqueos.

— Já é tempo dessa pendenga acabar. Percorri todo o tortuoso labirinto imposto pelos seus caprichos, que a nada mais conduzem, pelo menos enquanto o seu tirocínio for este que tem impedido o progresso dos factos. Precisamos superar isso. Você e os seus descendentes diretos² não têm outra alternativa, e a minha descendência e a de Shiva também não. Esgotámos todas as possibilidades. Desde o princípio da nossa conjugação vibratória para estruturar os acontecimentos com os nossos padrões mentais, sabíamos que existia um “limite” para as nossas potencialidades. O humano tem razão. O que ele chama de “falência” é tão somente a percepção de que nós e a nossa descendência³ chegámos a esse limite sem termos conseguido gerar a reconfiguração no código da vida que criámos, configuração esta necessária à redenção das nossas consciências.

— Por isso, criámos os seres evolutivos no universo mais amplo, que ordenámos antes da nossa desdita. Eles, nos seus padrões mais avançados de estruturação cerebral, desde que voltados para o “progresso das suas consciências”, poderão realizar o que nós não logramos devido ao “modo de ser” que fomos obrigados a construir para nós mesmos. Você compreende Brahma? Pague a aposta! Desligue a sua força mental de domínio sobre a sua energia. Deixe-me assumir a sua componente e juntos administraremos o porvir.

Brahma voltou-se na direção de Vishnu e disse:

² NAT: anjos-clones.

³ NAT: — todas as classes e gerações de seres demos.

— Você está a utilizar as mesmas expressões mentais do humano ao se referir ao nosso problema. Ainda não conclui todas as...

— Cesse o seu esforço mental, ó Brahma — pontificou Vishnu.

— Não há mais como prosseguirmos com isto sem assumirmos os valores e as novas convenções que o humano produziu para os nossos psiquismos. É tempo de você pagar a aposta sob pena de até os seus próprios descendentes diretos atestarem a sua “condição de apóstata” perante o padrão de honra que estabelecemos entre nós e que deve presidir o modo como interagimos. Para os da sua hierarquia e os demais que nos cercam, isto não pode ficar assim.⁴

— Penso que não será necessário! Não para este aspeto da aposta ou do conjunto delas que, conforme deduzo, tenham sido feitas por vocês ao longo destes últimos quinze mil anos terrenos. Vocês brigam tanto em torno dos critérios assumidos como em razão dos resultados aferidos. Vishnu e Shiva, ó Brahma, agiram com honra quando as suas duas últimas expressões *Adhyajna* entre os humanos, a saber Jesus e Sai Baba, sofreram os termos das apostas feitas por vocês. Eles dois não interferiram no sentido de

⁴ NAT: — Para minha surpresa, ao longo da convivência com aqueles seres, escutei deles, em algumas oportunidades, o emprego da expressão “apostasia” em relação aos que, em assumindo os termos de uma aposta, deles se afastavam no sentido de não reconhecer o resultado sobre o que foi acordado.

Como a “cultura demo” praticamente sempre se baseou neste mecanismo psíquico — na verdade, surgiu a partir dele — tudo, absolutamente tudo o que fosse passível de ser colocado em termos de aposta, era, como tal, firmado entre as partes.

Com o tempo, aqueles que não pagavam os termos da aposta, fosse por qualquer motivo, eram chamados de “apóstatas”, sendo esta uma das expressões mais degradantes para um ser vinculado à cultura demo ter que escutar.

Entre os humanos é que este conceito, mais tarde, veio a ser assumido entre os gregos como sendo empregável a alguém que, em linhas gerais, abandona a sua fé.

poupar àquelas suas condições humanas, o peso do vexame e do opróbrio que o encurtamento das suas vidas, sofreram. Aqui já nem falo dos desdobramentos que isso provocou entre os desavisados seguidores que tão somente recebem esses legados e os sacralizam com a ingenuidade que marca a visão de mundo que as épocas permitem. Entretanto, ainda assim, Vishnu e Shiva agiram com honra. Você, disto, parece ser incapaz. Esperar que você honre alguma coisa nesta sua atual condição, é tolice! — disse para minha própria surpresa.

Respirei fundo para procurar entender o que estava a passar-se comigo, quando fui percebendo as “amplitudes de conhecimento e de pensamentos” que agora se encontravam disponíveis na minha mente. Contudo, a minha inquietação permanecia sendo a de perceber que “vontade era aquela” que me fizera falar e que me dominava o psiquismo desde que havia despertado. Era como se existissem dois modos de pensar no meu psiquismo e, por isso, o “meu atual modo terreno de pensar” ficara surpreso com aquele impulso que havia atropelado o meu crivo.

— Estimo que vocês me compreendam — continuei.

— É o aspeto “predador” da sua personalidade, ó Brahma, que você precisa fazer cessar. Sem isto, a sua postura mental será sempre a mesma, consumindo toda a sua energia tão somente para a “captura”, para a “conquista” de seres subordinados à sua vontade. Essa postura matou e ainda mata a muitos, eu que o diga, mas também matou em você a possibilidade de redenção que não pode dar-se por meio dos padrões mentais viciados deste seu modo de ser. Quando você afirma, para os desavisados seres que não o

podem perceber diretamente, “eu sou aquele que é”, isto tão somente atesta a sua incompetência em sequer saber definir-se de algum modo, e isto já lhe disse.

— Compreenda, porém, que esta limitação, além de consumir a muitos, liquidou também em você a possibilidade de continuação desta sua personalidade, pelo menos neste “corpo” multifacetado que os seus anjos têm mantido. A sua situação vibratória é tão decrépita que nem mais você atina com a questão de honra que enaltece a forma como vocês vivem. Você não tem mesmo como pagar esta aposta e a antiga e tediosa desculpa de que o “processo ainda não findou” não convence sequer, desde há muito, os seus próprios descendentes. A sua insistência em manter-se “predador” em relação às suas criaturas, para dominá-las a qualquer custo, enfeou-o a tal ponto que a beleza, que anteriormente era a baliza da arquitetura dos projetos celestiais que a sua mente, antes da “queda”, procurava potencializar, agora é tão somente um “ponto cego” que a estupidez deste seu modo de ser não tem como vislumbrar. Apóstata, sem honra e sem dignidade, é o que você ainda é, e desconfio, para meu desconforto, que lhe será mesmo impossível a tão aclamada reconfiguração do seu ser.

— Compreenda, ó Brahma, você não é nada do que pensa ser! Na verdade, vocês três não são coisa alguma do que pensam ser. Vocês podem valer tanto quanto vale qualquer um dos seres gerados pela engenharia mental que possuem, porém, nada mais que isto! Sob a perspectiva moral, sendo honesto com o que penso, você, ó Brahma, não vale coisa alguma, pois somente faz o mal, de modo frio e perverso, quando a sua vontade está em jogo.

— Vocês dois, podem valer mais do que Brahma porque nem sempre agem sob o impulso do egoísmo, mas ainda assim, valem bem menos do que as suas formas *Adhyajna*, como as de Krishna, de Jesus e de Sai Baba apontam que vocês possam valer. Sinto-me estranho, por agora perceber algo que o espírito que me anima, estava a procurar disponibilizar-me já há algum tempo, mas o meu ego terráqueo vinha recusando-se a receber. Não sei por que isto agora me ocorre, em especial quando uso esta “nova” forma corporal... Por que estou a afirmar isto? É preciso que vocês me compreendam. Cada vez que o espírito que me anima provocava certas intuições na minha mente, sempre procurei não registar nem levar adiante o teor dos significados, pois que, imediatamente após as mesmas, sempre me obrigava a pensar em qualquer outra coisa, menos no que fosse referente a vocês três, os detestáveis “Senhores da *Lila*”, cuja simples lembrança me causava e causa desconforto no psiquismo humano. Porquê? Nenhum estuprado gosta de se lembrar do seu estuprador e é tão somente isto que vocês significam para mim.

— Tenho que ser honesto, por isso nada quero nem espero de vocês. Lamento que muitos na Terra tenham sido condicionados a pedir e a depender de vocês, mas comigo, tal não se dá em relação a vocês nem a ninguém. Se o correto é pedir, triste de um deus que disto precisa para ser quem ele é. Nada sou, porém, disto não participo, não nestes termos. Apesar do assédio e da violência constantes, sinto-me apartado de vocês e do que representam em menor ou em maior escala. Contudo, aqui, nestas circunstâncias, o espírito que me anima, associado a outros guias e mentores, venceram a minha barreira mental e, para minha mais profunda

surpresa, vou agora referir-me às questões que até o momento vocês demonstram não conhecer.

Enquanto falava, fui percebendo uma superlativa “pressão auditiva” sobre o meu processo mental, como se a Criação ativada e vinculada às mentes daqueles três seres, estivesse conectada à minha ou coisa que o valesse. Tentei olhar novamente para aquela forma de expressão que dava guarida ao meu modo humano de ser, enquanto persistia a dúvida sobre o que, de facto, havia acontecido com o corpo animal referente a esta vida.

— Advirto-os, ó seres empedernidos no padrão demoníaco, que este padrão há muito já poderia ter sido superado por dois de vocês, pois conforme as suas formas *Adhyagya* confidenciaram ao espírito que me anima, não foi somente a forma *Adhydaiva* conhecida como Brahma que sofreu e sofre profundas consequências da “queda” sofrida pelo seu “corpo mental” — que passou a ser Brahma, esta sua forma reconstruída *Adhydaiva*, enjaulada em uma das dimensões da sua Criação, que é esta na qual nos encontramos, conforme começo a deduzir.

— As formas *Adhyagya* de vocês dois também sofreram profunda deformação por força do “mergulho” que fizeram, mas, principalmente, porque ambos não superaram os padrões da doença assumida a partir da herança do código da forma *Adhydaiva* de Brahma, o que vitimou estas suas duas formas *Adhydaiva*, que hoje vocês ostentam como Vishnu e Shiva. Por isso, vocês três faliram, enquanto Cocriadores mergulhados na própria Criação. Assim, cada uma das suas duas formas *Adhyagya* também se tornaram incompetentes para sustentar, por muito mais tempo,

duas ou mais expressões existenciais, que até há pouco tempo conseguiam fazer, no decurso deste drama.

— Contudo, isto agora acabou. Nestes últimos tempos, elas não mais puderam fazer e, por isso, muitos dos *avatares* de vocês dois se valeram de uma outra forma de expressão espiritual, as *Adhybutha*, e estas não conseguem mesmo ter “olhos” espirituais profundos para, enquanto *avatares*, ver a amplitude do problema em que elas mesmas estão mergulhadas. Conseguem perceber-se como Cocriadoras, mas não conseguem perceber de quê, nem como foi que as suas formas anteriores fizeram ou deixaram de fazer, ainda que as páginas das mitologias terrenas apontem essa Cocriação como sendo de longa data.

— Entretanto, é demais para o ego de um *avatar* admitir o equívoco, ainda que não sejam deles, especificamente, mas sim de suas formas dimensionadas em tempos anteriores e em dimensões distintas daquela onde se situa o planeta Terra. Estes espíritos aqui presentes comigo, que nada têm a ver com o gênero *Adhy* ao qual os espíritos de vocês três pertencem, com as suas especificidades e histórico próprios, solicitam-me que lhes informe o que as formas *Adhyagya* de vocês três — sim, ó Brahma, inclusive o seu espírito que se encontra combalido — solicitaram que lhes fosse informado. Contudo, não o farei, pelo menos por agora; neste exato momento, não o farei.

— Será difícil explicar aos meus contemporâneos o que houve ao longo daquela comunicação, que mais parecia “mediúnica”, em plena ocorrência junto àqueles seres. Como senti o “envolvimento

espiritual” — que vinha evitando a todo custo — sobre a minha condição humana, para meu espanto, ali, naquele ambiente, reagi do mesmo modo quando percebi a influência de outras mentes sobre a do espírito que me anima e a influência dele sobre a minha porção terráquea.

— A violência de Brahma/Javé e dos seus anjos sobre a minha sensibilidade humana havia sido de tal forma tão torturante e deformadora do meu próprio senso de “vontade pessoal” que, para poder pelo menos pretender tentar reaver o meu autocontrole, comecei, desde um certo momento desta história, a construir todo tipo de dificuldade para que qualquer outra mente pudesse sobrepor-se à minha, inclusive no caso dos espíritos.

— Passei a não confiar em absolutamente “coisa alguma” que pudesse surgir através dos meus teóricos “pensamentos e impressões”. Desde o ano de 2011 que eu havia automatizado aquele “click mental” de jamais deixar-me levar pelos “primeiros impulsos”, única forma de tentar controlar a minha própria atuação naquele processo. Daí a minha postura de não querer receber influência, nem mesmo naquelas circunstâncias que estava a ser obrigado a viver junto aos seres da *Lila*.

O silêncio perturbador continuava a imperar no ambiente.

— Desculpem, mas já readquiri o controle sobre o meu psiquismo e não permitirei a estes espíritos, por mais nobres que possam ser os seus objetivos, atropelarem a conveniência do meu ego humano,

já que dele eles estão a servir-se, e exijo respeito para com esta porção “miserável”, chamada ego humano terráqueo, a quem os próprios espíritos operadores desta engrenagem parecem também não se preocuparem em respeitar.

— “Reunião mediúnica” aqui, nestas circunstâncias, com este meu estado de consciência servindo como médium, e com o meu corpo animal combalido e cuja situação é incerta, é mais do que o que resta da dignidade humana — que faço absoluta questão que habite no meu psiquismo —, pode suportar sem fazer o registo da minha quota de indignação. Há algo de muito errado nesta estratégia, ainda que eu reconheça o desespero do seu emprego.

— Entretanto, é doloroso ver a “Espiritualidade Superior”, também, subordinando as suas estratégias aos fins. Os humanos aceitaram a invasão de privacidade advinda da mediunidade como sendo uma missão e, por isso, não se incomodam com o processo. Kardec teve que dar estas “cores” para tornar mais aceitável para a humanidade a sua inevitável convivência com os espíritos — mas, tudo tem um limite. “Decência já”, ainda que tardia; decência agora, para esta minha porção humana, pois é dela que todas as forças visíveis e invisíveis para vocês três estão se valendo, e eu já não sei mais “quem está a utilizar-se de quem” nesta história. Não me importo de ser utilizado, mas me incomoda ser instrumento para “convencer” terceiros, ainda que estes sejam vocês, indignos por natureza, e não espero sequer que compreendam o que estou a fazer questão de registar.

— Se as criaturas humanas da Terra e de outros confins existenciais do universo para nada servem, virem-se, pois, sem o concurso da sua quota quântica e, em assim sendo, afirmo que farei de tudo para complicar as coisas daqui por diante. Exijo respeito ao meu modo humano de ser! É isto que dá ser “estuprado” por tanto tempo e por tantas mentes distintas: não confio em coisa alguma que se expresse por meio da minha mente sem que antes passe pelo meu crivo, minha lógica e vontade terrenas, ainda que nisto possa eu me enganar ainda mais. Contudo, é a única maneira que tenho para ser honesto comigo mesmo e deixar a vida terrena em paz, quando for chegada a hora — se é que isto já não aconteceu ou está justamente a ocorrer... sei lá. Vocês não me dão folga! O resto não me interessa! Tudo o que julgo saber é que vocês três estão doentes e incapacitados de levar esta Obra adiante e precisam ser substituídos no processo de gestão. *Não é somente Brahma que precisa “entregar o comando”, mas vocês dois também.* Serão as formas *Adhyajna* de vocês dois que doravante precisam assumir. Vocês precisam fazer cessar o peso das suas mentes doentias sobre as melhores expressões que foram geradas pelo “eu” mais oculto de vocês. *Vocês dois também necessitam entregar o comando que exercem sob as suas hostes e o que também usam nesta intrincada relação com Brahma.*

Ninguém ali parecia estar a “acreditar” que aquilo estava a ocorrer — eu mesmo muito menos. Brahma agigantou-se na minha direção, mas, antes dele, o próprio Shiva já o havia feito, exigindo que eu voltasse atrás naquela posição, “pois não cabia a nenhuma criatura humana definir o rumo dos factos entre os três seres da *Lila*, e que tão somente eu ali estava para que a minha lógica humana fosse emprestada a eles pelo facto de Brahma estar

“umbilicalmente” ligado ao humano que havia escolhido como continuidade de um plano dele, posto em prática desde o passado remoto” — foi o que tive de escutar.

— Penso que os espíritos de vocês dois não estão lá muito preocupados com o que possam achar sobre o que um humano pode ou não fazer nestas circunstâncias... Contudo, saibam de uma coisa: enquanto me retiverem aqui, exercerei plenamente o meu “temperamento humano” conforme me aprouver e nisto vocês não podem interferir. Vocês podem destruir-me, mas não exercem qualquer autoridade sobre mim, pois não os respeito. Aqui, enquanto eu estiver a participar desta “esquisitice”, agirei como bem me aprouver... ou deixem-me ir embora e esqueçam-se de mim.

— Ó humano, ceda um pouco para tornar possível este empreendimento, pois as profecias precisam ser cumpridas nas suas etapas inevitáveis ao futuro... este precisa ter lugar pois já é chegado o tempo — pontificou Brahma, agindo como sendo o “senhor dos factos”, como se possuindo agora uma força antes escondida.

— Pague a aposta, ó ser sem palavra e honra! Pague a aposta pois você perdeu! — disse da minha parte, quando nem eu mesmo acreditava naquela possibilidade, ao mesmo tempo em que pensava em quantos ardis aqueles seres ainda iriam ter condições de pregar uns nos outros e, desgraçadamente, a alguém do meu “tamanho”, que sequer deveria estar ali.

— Você está louco! A que aspeto da aposta se refere? Eu não sou apóstata, pois sou o “pai da honra”! — vociferou Brahma.

Reuni a força que pude, sem acreditar que Brahma/Javé estava a direcionar-me aquela pergunta. É como se nada do que foi dito tivesse servido para coisa alguma no seu psiquismo. Além de esquisito, grosseiro e de mau gosto, aquilo tudo era mesmo inútil. Entretanto, algo em mim, ainda que agindo numa espécie de terceiro ou quarto impulso mental vindo das “profundezas do meu eu” falava, ainda que o meu modo atual de pensar achasse pura tolice.

— Refiro-me à “volta de Jesus” que foi prometida tanto por você quanto por ele, se é que havia e ainda possa existir alguma noção de decência no legado que as expressões da *Lila*, à moda *Adhyajna*, semeiam junto aos terráqueos, em nome de vocês.

— Ó humano, tenho-lhe dito, ao longo destes dez últimos anos, repetidas vezes, que somente autorizarei isso quando e se você se submeter, pois só assim lhe retirarei deste desconforto, da ignomínia e do opróbrio que depositei sobre os seus ombros — disse Brahma.

— E eu já lhe disse em inúmeras oportunidades para você “se lixar” — entenda se puder e se quiser o que pretendo dizer com isto. Pouco se me dá o que vocês possam fazer ou deixar de fazer comigo, isso já não tem importância e não tem mesmo mais jeito. Paguei o preço por desconhecer a indecência que habita na natureza de seres como vocês que, além de serem indignos, tornam também

indignos os componentes de toda uma plêiade de seres que os seguem cegamente. Os grandes monstros da história terrena somente tal o foram porque tinham os seus seguidores para ajudarem a fazer o trabalho sujo. Sozinho ninguém faz nada, principalmente vocês que se acovardam por trás destas “máscaras demos” de poder.

— Vocês transformaram um assunto seríssimo, para os que vivem na Terra, numa aposta, em mais uma aposta criminosa, cujos termos não levam em conta o sofrimento e a angústia das pessoas. Vergonhoso! E o pior: não pagam o “preço”! Você é um apóstata, sim! E vocês outros todos aqui reunidos não passam de ... ah, deixem para lá! Não vale a pena! Vocês vivem uma farsa interminável. Isto não tem jeito mesmo. Basta!

— O humano tem razão, ó Brahma, e não me force a dizer-lhe isto novamente — advertiu Vishnu —, pois a *última aposta* foi em termos de uma *década terrena*... e ele ainda não sabe deste aspecto que ora revelo, mas *foi estabelecido que ele não suportaria os dez anos de humilhação e, então, se submeteria a você. Isso já passou e ele não se submeteu*; você realmente também não pagou esse aspecto dos termos acordados.

— Não, ó Vishnu, não à frente deste humano — ponderou Brahma, como se estivesse “algo sentido” com tudo aquilo. Nós estamos a assumir dele os termos do modo do pensamento dos terráqueos para finalizar em nós mais esta etapa, não nos padrões mentais que fomos resolvendo cada uma das nossas apostas, mas com os valores que marcam a cultura filosófica deles. Essas últimas

foram todas tidas em relação a factos na Terra e era nosso acordo assimilar o modo deles pensarem para até podermos julgá-los. Contudo, não será à frente deste humano que faremos isto.

— Você é definitivamente um apóstata sem noção de dignidade! Dificulta o próprio entendimento para “passar melhor”. Repito: você não tem honra, apesar do discurso afetado. Vou retirar-me, pois não adianta conversar com seres do naipe de vocês.

— Não, terráqueo, não terminámos — apontou Vishnu.

— Então, novamente, os chamarei de covardes e de monstros assassinos. Desde os tempos do “Jó bíblico” que vocês apostam nas tormentas e torturas que a estupidez que lhes marca a face providencia para os desavisados humanos. Utilizando os seus termos, “opróbrio” e “ignomínia” sobre vocês três que não têm noção da medida dos crimes irreparáveis contra a humanidade... Tempo virá em que os seus espíritos terão que repor, perante as suas consciências pessoais, tudo o que as diversas faces que elas assumiram retiraram da sensibilidade das criaturas que foram criadas para serem “estupradas” por vocês.

— Não use estes termos, ó humano... — apartou Shiva.

— Uso! E usarei todas as expressões fortes que conheço no vocabulário humano para que as gerações futuras compreendam que a aparente “grosseria” dos termos reflete tão somente a minha desesperada tentativa de demonstrar às suas mentes demoníacas

e doentes que não existe como me comprar para esta continuada forma de violentar a humanidade, sem que ela o saiba. Não estou à venda! Se o espírito que me anima está, acertem-se com ele; e se isto que o meu espírito faz se deve ao “favor divino”, virem-se também para acertar com ele. Todavia, enquanto for o meu modo de pensar terreno a “definir as questões”, nem vocês três, nem o espírito que me anima, nem ninguém, a não ser “eu mesmo” — por falso e ilusório que este tipo de “eu” seja — na posse do que sobrar ou sobrou do meu eu terreno, é que me conduzirei nesta desgraçada e vexaminosa situação. Não espero mesmo ser compreendido nem por vocês nem muito menos pelos meus contemporâneos na Terra, que nada sabem sobre este contexto tenebroso que os cercam.

— Apenas deixo o aviso para que os humanos das gerações futuras possam saber deste panorama “podre” que permanece escondido para os que vivem na Terra. Uso estas expressões fortes para que vocês não pensem, nem remotamente, que irão vencer-me pelo cansaço. Há muito já passei do cansaço. Estou esgotado e falido energeticamente e de muitos outros modos há muito tempo. Já sofri tantas defraudações que nada mais me resta, nem mesmo energia. Não era este o plano criminoso de vocês para que a minha miséria fosse a jaula que me obrigaria a “pedir clemência” ao Senhor Brahma/Javé pela minha insolência? “Lixem-se”! Não os respeito, do mesmo modo que vocês não respeitam ninguém.

— Entenda, ó humano, desde que Brahma/Javé perdeu o controle sobre a raça terráquea, ele vem fazendo de tudo para

readquirir essa condição de domínio e as apostas são o modo como este contexto foi sendo superado — explicou Vishnu.

— Foi assim que nós três fomos elegendo as possibilidades e em qual delas as nossas forças seriam implementadas com vistas a um possível resultado que atendesse ao único plano possível de ser levado adiante. E assim foi e vem sendo até agora. Em muitos momentos nos desviávamos do rumo pretendido porque os resultados nos obrigavam a segui-los. Muitos povos, grupamentos menores e pessoas foram continuamente escolhidos como forma de fazer vingar o rumo e o resultado pretendidos. Assim, nesta que podemos considerar como sendo a última etapa deste processo até ao momento, que teve lugar a partir do aparecimento do ser pensante terráqueo a partir do Adão bíblico, toda a descendência dele, exposta no seu viés judaico-cristão foi “tema de apostas” entre nós.

— Desde Enoch, que o “processo de apostas com vistas a possíveis resultados” foi implementado entre nós em relação às coisas terrenas. Houve, porém, a grande devastação (o dilúvio bíblico) que interrompeu o processo e tivemos que retomá-lo em circunstâncias ainda mais complexas. As certezas e incertezas de então, como também as expetativas e os resultados obtidos na genética humana e nas circunstâncias da vida na Terra, confluíram para a opção feita por Brahma para a pessoa de Abraão, e isso deu-se também pela minha influência junto a ele. A partir desse ponto, a descendência de Abraão transformou-se na “receita das possibilidades” onde as estratégias de Brahma/Javé e as minhas começaram a ser executadas. Enquanto isso, Shiva continuou a executar as suas em torno da Índia.

— Abraão foi escolhido para que dele surgissem as linhagens sobre as quais incidiriam as nossas atitudes e o controle do direcionamento dos nossos projetos. Estes, nessa época, tinham, aparentemente, toda a *preocupação com a base do DNA humano semítico que me poderia dar a guarida para que uma das minhas expressões, no caso, Sophia, pudesse fazer-se presente entre os humanos, como Jesus*. Paralelo a isso, porém, outro foco do nosso projeto, que teve início logo após a grande devastação, estava em curso no Ocidente⁵, para fazer cumprir um aspeto do projeto num futuro posterior à vinda de Sophia como Jesus.

— *Paradoxalmente, essa componente do projeto, começou bem antes da escolha de Abraão, quando a linhagem começada com Adão sofreu uma bifurcação ao tempo da descendência de Noé, mas a sua história é desconhecida para os humanos. Você, ó humano, poderá resgatá-la porque a sua consciência parece estar envolvida com ambas, tanto a que teve início com Abraão como a outra que foi iniciada logo após a sobrevivência da descendência de Noé em terras no Ocidente, como de resto, algumas outras consciências individualizadas, que se encontram na Terra, também estão.*

— Dos filhos gerados por Abraão, como vocês sabem, surgiram as linhagens dos povos hebreus e árabes, mas cuja consumação da componente hebreia somente se daria com Jacó, filho de Isaac. *A partir de Jacó, porém, é que se estabeleceu a profunda fixação de Brahma/Javé com a sua descendência*. Inúmeras situações foram então tramadas em torno da família dele, notadamente nas dos

⁵ NAT: — na Península Ibérica.

seus filhos, pois as mesmas deveriam provocar o surgimento de novas áreas no DNA de cada um dos envolvidos.

— Dos filhos de Jacó, as doze tribos hebreias foram, então, erigidas e, especificamente sobre uma delas, o meu plano, acordado com Brahma/Javé, incidiu. No âmbito do nosso psiquismo, muitas apostas foram feitas em torno das personagens terrenas envolvidas com a linhagem de Jacó, mas o contexto familiar de Abraão e de Isaac não fugiram ao modo como éramos obrigados a gerir as possibilidades junto aos humanos que nos interessavam diretamente.

— Devo, então, assumir que a ordem de Javé para Abraão, para que este sacrificasse o seu filho Isaac, deve ter servido para uma “boa mesa de apostas” entre vocês, de como o DNA dele iria formatar-se perante o impulso de ter que sacrificar um filho, se iria cumprir ou não aquela ordem, além de outros aspetos. Para vocês, o que ele e o seu filho poderiam ou não sentir diante daqueles factos, não havia a menor importância. Testar um humano para ver se ele cumpriria qualquer tipo de ordem vinda de vocês, e em percebendo que ele iria cumprir, nesse ponto, como o “teste deu certo”, poupou-se a vida de Isaac, pois, daqueles DNA’s submetidos e subordinados à vontade “de deus” é que teriam que surgir as linhagens dos povos sobre os quais, mais tarde, Javé iria fazer valer as suas religiões impositivas, como forma de dominar os humanos. É isto?

— Sim, infelizmente, é o que foi então procedido — afirmou Vishnu, enquanto olhava fixamente para mim ao longo da sua

abordagem. Entretanto, Jacó sublevou-se contra alguns dos aspetos que lhe foram impostos pela força de Javé, ainda que ele portasse o DNA que mais continha relação de intimidade com o de Brahma/Javé e que vinha “sendo trabalhado” desde os tempos do Adão bíblico. Então, a partir daqueles factos estabelecidos, Brahma não pôde mais retroceder e o processo foi adiante com aquela pequena dissonância no DNA de Jacó, que foi repassada para a sua descendência. Esta pequena dissonância foi e é o nosso pesadelo, pois permaneceu sendo a “parte do DNA da espécie *Homo sapiens*” sobre a qual Brahma/Javé e os seus anjos jamais conseguiram sobrepor-se. Infelizmente, compreenda que nós precisamos, para podermos catalogar as possibilidades de vocês e as nossas, destes “valores” que surgem no psiquismo dos humanos.

— Confiamos na sua razão filosófica e, por isso, o elegemos para trabalhar neste “portal psíquico” que a abertura do genoma humano permite. Perdoe-nos, mas não tivemos outra maneira de agir até estes tempos recentes. Doravante, continuaremos a catalogar o progresso humano, porém não poderemos mais criar as situações e contextos que poderiam envolver as vidas de vocês, pois desconfio que o futuro terá que percorrer outros rumos além dos que nós três conseguimos vislumbrar com a nossa ótica.

— É deprimente e espantoso perceber como vocês jogam baixo...

— Ponha-se, ó humano, no nosso lugar — desafiou-me Shiva.

— Não, ó Shiva, não farei isso para não estragar a última “bengala psíquica” que vocês parecem ter quando se justificam pelo conjunto da Obra criminosa. Sabe por quê? Não penso que o grande crime de vocês foi o cometido antes do surgimento desta Criação. Não tenho como avaliar isso. Contudo, as opções de vocês, depois da *Lila*, em algum momento desta história, seguramente poderiam ter seguido por outros rumos, pois devem ter ocorrido situações para tais. O crime impagável de vocês reside na insensibilidade e na perversão de terem-se permitido seguir pelo “caminho possível a Brahma”, pondo na sua derrocada o foco de toda a justificativa por qualquer coisa que viessem a fazer. Não! Brahma detém esta compensação, de ter que ter sobrevivido de qualquer maneira no início disto tudo, após a sua “queda”.

— Contudo, vocês dois, não! Vocês acertaram no rumo das possibilidades, mas mesmo com todos os sacrifícios das suas formas *Adhyajna*, vocês dois erraram no modo como executaram o processo e renderam-se ao modo de Brahma de agir e este erro tem permanecido até agora. Brahma é quem deveria ter-se rendido ao modo de vocês dois agirem, porém, vocês fizeram o contrário, e nisto reside o grande crime dos três: foram incompetentes também e principalmente nisto. Nós não sofremos por causa da “queda” daquele que se tornou Brahma, mas sim, devido ao modo como vocês três passaram a agir no seio da Criação, e nisto, a culpa de vocês dois é bem superior à de Brahma, apesar do sacrifício que parecem fazer em seu nome.

— Ó humano, finalmente escuto algo vindo de você que me consola e que me preenche profundamente o meu modo de ser — exclamou Brahma.

— Nenhum dos meus anjos jamais apontou este aspeto. Mesmo nas maiores intrigas e discussões entre nós e os nossos descendentes, este aspeto nunca foi abordado. Então, que seja! Reconheço, agora, que somos todos nós que temos que produzir o contexto para a evolução das possibilidades. Não mais me oporei ao que vocês dois acordarem no que tocar a este humano, ao que ele puder executar ao tempo da sua vida.

— Eu ainda estou “vivo”... na minha condição humana na Terra?

— Sim, ó humano — respondeu Brahma.

— Contudo, esta forma que agora utilizo não é a minha...

— Não é a desta vida, ó humano, mas os meus anjos houveram por bem acionar, na sua consciência, o compartimento acumulado das suas outras formas, para delas resgatar a que lhe pudesse agora sustentar, enquanto um problema no seu corpo animal está a ser resolvido e, por enquanto, você será o que foi no passado, ao tempo em que me obedecias, pois isto facilita o ajuste corporal da atualidade — explicou Brahma.

Olhei para aquele corpo e, diferente do que eu mesmo poderia supor, a fazer um mergulho na “linha do tempo das formas acumuladas” do espírito

que me anima, uma sensação profunda de melancolia existencial dominou o meu psiquismo.

— Desculpe-me, ó Brahma, mas ainda tenho algo a dizer-lhe sobre estas aparentes “decisões momentâneas” que você assume... Não digo que sejam insinceras da sua parte, mas as mesmas não valem um risco n’água. Nem você mesmo acha que vai acontecer... Aliás, nada do que você tem afirmado neste sentido se cumpriu. É como se os próprios factos estivessem a esforçar-se por demonstrar como você não tem mais autoridade sequer sobre você mesmo. Por isso lhe falei que até acredito nas suas “boas intenções” momentâneas, e até me obrigo a aceitar o facto de que você realmente compreende certas questões, o que antes não lhe era possível. Contudo, se a sua programação para a compreensão parece melhorar a cada momento, as convenções da sua mente sequer parecem poder fazer expressar, por meio da sua pessoa, o que até mesmo lhe seria desejável. Ou seja, você não consegue fazer nem mesmo aquilo que pensa ou decide. Há muito tempo, são os seus anjos que agem por você.

— Estranho não? Esta sua parte executiva, operativa, realmente parece ter “apodrecido”, ó Brahma, pois ela não mais lhe é operativa e, talvez, por isso, você não paga os preços das apostas nestes últimos milénios. Desde a sua última “crise”, que me foi demonstrada até mesmo por você, a sua condição operativa parece ter falido e, desde então, sequer o cumprimento dos termos acordados lhe é mesmo possível expressar. A sua apostasia, no sentido de se afastar do cumprimento dos critérios assumidos, seguramente deve ser um subproduto deste aspeto da doença que

lhe avassala o psiquismo. Talvez, na sua própria lógica demoníaca, você já nem mesmo perceba os termos assumidos, devido ao “apodrecimento” da sua condição operativa. Entretanto, isto tem um lado positivo.

Propositadamente não expliquei qual seria o aspeto positivo apontado por mim. Deixei fluir o silêncio perturbador como mero teste, junto àqueles seres, do que poderiam significar as minhas expressões para eles. Pude perceber a inquietação da parte dos “anjos de Brahma” bem mais fortemente do que junto a outros grupamentos de seres que ali se encontravam, enquanto esperavam que eu continuasse.

— Qual, qual é o aspeto a que você se refere? — perguntou Brahma, sem poder conter-se e sem demonstrar compreender o meu ardil psicológico que resolvi, então, aplicar alguns, para melhor compreender a lógica daqueles seres.

— Se a sua parte operativa tiver realmente falido, você não poderá mais exercer a função executiva sobre processo algum pelo simples facto de que não conseguirá fazer coisa alguma. Nem mesmo dar ordens mais complexas aos seus anjos você consegue neste atual momento, ó Brahma. Você percebe isto?

— Ah! Ó humano, desgraçadamente desconfio que sim — concordou Brahma.

— Talvez seja isso, pois reconheço que tenho movimentado a minha consciência em determinado sentido, mas tal processo não

resulta em nada, o que tenho estranhado. Tem sido assim já há algum tempo e sou forçado a reconhecer isto, pois tal situação já é do conhecimento de todos aqui presentes. Você tem alguma avaliação para explicar-me o porquê dos meus processos mentais não mais resultarem no que pretendo, ó humano?

Fiquei verdadeiramente surpreso com aquela pergunta e não hesitei em dar a minha opinião.

— Como não foram poucas as vezes em que escutei de você que “agora, o retorno do seu messias haveria de cumprir-se”, e nada aconteceu, penso que ele não veio e não virá enquanto existir, por trás dos seus rompantes de sinceridade, a velha estruturação dos ardis utilizados nas disputas mentais entre vocês. No caso de você “autorizar” a vinda de alguém da parte de Vishnu, mas sem que antes seja desconstituído todo um conjunto de ardis engatilhados e de estratégias adrede elaborados para que, ainda assim, mesmo após a vinda, o controle e o comando do processo ainda estejam sob a égide da sua energia mental, essa vinda jamais se dará, pois, nesses termos, o problema da sua Criação e o seu próprio, não serão resolvidos. Na Terra, será mesmo um grande susto, seguido de uma grande “festa psíquica” dos humanos já preparados para estes novos tempos.

— Contudo, o problema persistiria e, convenhamos, a volta do seu messias importa mais a muitos grupos e realidades dimensionais do que propriamente aos terráqueos, que apenas se encontram no palco dos acontecimentos. Penso ser por isso, ó Brahma, que nem mesmo os seus anjos conseguem operacionalizar

as suas ordens que envolvam as energias de Vishnu e Shiva. Sabe por quê, ó Brahma? Porque na mente deles dois não mais residem as quotas de ardis de outrora. Somente a sua mente é que ainda se encontra poluída com este veneno! Estamos, todos, a carregar o seu carma, ó Brahma, mas não dá mais. Chega!

Brahma permaneceu em silêncio enquanto me fitava demoradamente.

— Preciso ainda dizer algo mais: dói-me perceber como as convenções mentais do espírito que me anima parecem estar, também, envenenadas pelos critérios que cercam o “favor divino” prestado a vocês, com a concordância tática da Espiritualidade em relação à aceitação destas violências, adequadas à situação de “carma herdado por conta dos outros”, e como esta omissão me parece pouco evoluída e absurda da parte dos nossos espíritos.

— Assumir, por vocês, os efeitos da entropia e do carma que deveriam “cair sobre os ombros” de vocês três e dos seus descendentes mais atuantes, é algo que os espíritos operativos precisam explicar à humanidade. Não é justo nem decente que continue desta maneira! E vocês não valorizam o perene sacrifício que muitos vêm fazendo por vocês ao longo de toda esta trágica histórica. A omissão e o silêncio dos que podem atuar e falar é tão ou mais terrível que o crime cometido por vocês, e faço absoluta questão de registrar a minha opinião, porque o “romantismo ingênuo”, que até mesmo a revelação espiritual forneceu aos humanos, precisa ser superado. Sei que, o que foi informado ao tempo de Kardec, teve como “contexto recebedor” uma humanidade infantilizada, condicionada e apartada da verdade

quanto aos factos que a produziu. Então, assim registo para que “alguém” ou “alguns”, na posteridade, tal possam perceber e, assim, algo de novo, com vistas a uma humanidade adulta, madura, possa vir a ser erigido no ambiente terreno.

— A versão romântico-poética das revelações espirituais foi importante até agora, mas precisa evoluir para um outro âmbito de informação. O importantíssimo “aspeto consolador” precisa continuar, pois que a humanidade ainda dele muito precisa.

— Contudo, um outro vetor deve ser acrescentado ao trabalho dos espíritos operantes para que o que estava oculto possa ser finalmente revelado por muitos canais. Sei que sem médiuns preparados para tanto, nada pode ser feito pela Espiritualidade atuante. É simplesmente degradante perceber a omissão das potestades operantes nesta questão. Acho vergonhoso e faço questão de dizer isto — nesta condição que me encontro — aos espíritos que, sem que vocês os vejam, aqui estão atuando no sentido de me apoiar.

— Isto é com você e os seus pares espirituais, que para nós são agentes de uma realidade que almejamos perceber, mas dela somente sabemos por meio do que foi e é revelado aos humanos, ou seja, é deste modo que temos acesso — ponderou Brahma.

— Como é da sua natureza pessoal reclamar de tudo e de todos, acho que compreendo o seu clamor.

— Pouco se me dá, ó Brahma, o que vocês podem pensar a meu respeito. Entretanto, não creio ser da minha natureza pessoal reclamar, muito menos de tudo e de todos. Todavia, que seja, que seja eu o reclamador, e aproveito então para tornar a registrar que a pior reclamação que faço é em relação ao meu próprio espírito, ao espírito que me anima, pela sua omissão em torno do respeito que a sua consciência pessoal deveria ter em relação às personalidades terrestres que se vê obrigado a gerir — entenda quem puder.

— Utilizar-se da justificativa do “favor divino” que ele se obriga a assumir como fardo para poder cumprir com o seu papel nesta história, não me parece suficiente para encobrir as suas opções que liquidam com a quota do livre arbítrio que, como ser humano, posso utilizar. Não considero decente o modo como o mesmo atuou sobre a minha personalidade, ainda que esta seja tão somente algo que existe durante um tempo, e a ele pertença. Pouco importa! Do mesmo modo que “reclamo” da conduta de vocês dois, ó Vishnu e Shiva, que penso que poderiam ter agido diferente, também o faço em relação ao meu próprio espírito. Tenho, aqui, uma certeza que não deveria ter por força da minha “pequenez” ou, em outras palavras, parto de uma premissa da qual não poderia partir porque, talvez, pode estar incorreta: a de que tudo, absolutamente tudo nesta história, pelo menos desde a constituição da *Lila*, poderia ter sido diferente.

— Foram os diversos “jogadores” e “agentes” produzidos por esta “aristocracia doentia” que implementaram o rumo do que hoje se tem como inexorável. Apesar do sacrifício e do heroísmo de

muitos destes agentes, não aplaudo o *modus operandi* com que a participação humana terráquea foi obrigada a atuar neste contexto absolutamente covarde para com a natureza dos factos. É neste sentido que não aplaudo vocês, nem muito menos a atuação, de longa data, dos agentes espirituais, notadamente a do que me é próprio. Deixo o registo para a posteridade que, talvez, somente venha a servir à próxima encarnação do espírito que me anima, pois esta saberá exatamente sobre o que aqui está a ser referenciado.

— Ó humano, como é engenhosa a sua atuação neste processo, e infeliz de mim que fiz do seu concurso o meu bilhete de trânsito para o porvir — pontificou Brahma, entre pesaroso e enigmático.

Os espíritos ali atuavam sem serem percebidos do mesmo modo como o faziam na Terra. Ali também, eles pouco ou nada podiam fazer, a não ser tentar transmitir-me a quota de informações que eles e o meu próprio espírito pareciam possuir sobre o misterioso aspeto espiritual que envolvia aqueles três seres.

Ainda que estivesse profundamente equivocado — no meu ponto de vista, sobre a atuação da Espiritualidade ao longo destes cerca de treze bilhões de anos, quando a estruturação espiritual da Criação de Brahma começou a ter lugar —, abracei a opção de fazer este registo como se obrigando o espírito que me anima a refletir a respeito, ao mesmo tempo em que já o deixo “engatilhado”, por entre as possibilidades de atuação do “código genético” espiritual que o define, para que a sua próxima personificação terrena seja obrigada a ostentá-lo e, então, refletir sobre o tema. Por quê? Desconfio que, neste aspeto, a evolução humana também ajudará a que, no futuro, um novo tipo de planeamento espiritual, nos moldes como a

“programação encarnatória” de cada ser terreno é equacionada antes do nascimento, possa vir a ser construído em termos mais aceitáveis e respeitáveis em relação à conveniência do ego humano.

Por ilusório que este possa ser, mas é no seu jugo e no jogo mental que toda esta “podre” e triste história está a ser redimensionada. A redenção de todos parece depender do modo humano de pensar. Que se respeite isto, então! Mesmo que possivelmente equivocado e profundamente “afetado” pelo que nesta vida presenciei, assumo a opção. Pela primeira vez, mergulhado na condição humana, estou a forçar o meu espírito a “dar um salto quântico” — ou coisa que o valha — na sua capacidade de gerir um “ego humano”.

Penso que as suas futuras personificações ficarão gratas a mim — entenda quem puder. Contudo, isto é um assunto entre “eu e ele”. Basta de sacrifício às cegas! Ao contrário, na pior das hipóteses, estarei tão somente a avisar ao “seu eu futuro”, que as coisas não deram lá muito certo no tempo atual. Por quê? Porque caso ele venha a existir num tempo em que a Terra ainda não tenha sido reintegrada à convivência cósmica e que a humanidade ainda tenha permanecido na infância espiritual — sendo crente em relação a muita coisa, mas ignorante em relação a tudo o mais —, isso implicaria em que nada do que foi previsto teria acontecido, e que o único e último dos planos possíveis não teria sido implementado devido à “apostasia do Criador” e à incompetência dos seus descendentes diretos, que compõem a aristocracia em torno da *Lila*.

Nesse caso, seria, então, um tempo de somente direcionar os esforços para a educação espiritual dos seres evolutivos deste universo, porque, quanto às diversas classes demos, que dependiam desesperadamente da “volta de

Jesus” — no seu aspeto conhecido como Sophia ou Cristo Cósmico — para a formatação de um *processo que pudesse permitir a redenção das suas consciências* — principalmente, a dos “Senhores da Lila” —, *como tal não se teria dado, essa possibilidade teria morrido com a “janela” do tempo cósmico* que foi estruturada para um tempo específico, mas cujo destino programado para aquele instante não teria vingado.

Seria, talvez, doravante, um “salve-se quem puder”, para ver se, num outro pedaço da eternidade, os “prisioneiros de um universo que, depois de vários bilhões de anos teria se esgotado e não mais existisse”, poderiam receber alguma ajuda para a sua dramática situação. Ajuda vinda da parte de quem? Daqueles mesmos que um dia nele estiveram mergulhados, mas de cuja poluição mental já se libertaram e que continuam a fazer o “favor divino” de tentar descobrir e executar um plano que poderia resgatar os teimosos e cegos membros da *Lila* e da aristocracia à sua volta, que “teriam ficado definitivamente para trás”, com as suas mentes espirituais presas a um espaço-tempo dimensional que nem mais existiria como tal. Somente o tempo dirá!

Ou seja, o que agora é apenas um problema de “pequenez espiritual”, no caso de não ocorrer o “retorno de Sophia” no tempo atual, talvez venha a assumir o grau superlativo de um enigma que nem a grandeza espiritual de muitos poderia ajudar a resolver. Para aqueles três seres, a “janela do tempo” das possibilidades de redenção estava associada à marcação feita por Brahma/Javé, quando fizeram registrar, no DNA dos humanos, o que ele pensava ser mais tão somente uma aposta. *Na verdade, o que foi marcado no DNA de Enoch representou a transferência definitiva da possibilidade, de redenção daqueles seres, para a condição humana, capaz de evoluir.*

Brahma não sabia, mas Vishnu e Shiva, apesar do aspeto demente das duas condições demos Adhydaiva, sempre souberam que, devido às diversas “manipulações mentais-genéticas” que convergiram para o surgimento do Homo sapiens, eles se haviam tornado reféns do progresso humano, incapacitados que estavam de evoluir por conta própria.

Ao marcar em Enoch o “pacote” da aposta referente à segunda vinda do seu messias, a da aplicação do juízo final sobre uma espécie que havia saído do seu controle, dentre outros aspetos, Brahma/Javé estabeleceu, sem que o soubesse, o limite das suas possibilidades inscrito no tempo de vida de um simples humano, no abrir e no fechar de uma “janela” que une diversos “portais”, e cujo processo saiu do controle das forças que atuaram e ainda tentam atuar sob o mesmo.

Em sendo verdade o contexto destas revelações, os “Senhores da Lila” somente puderam perceber que não mais exerciam qualquer controle sobre o “fechar da janela”, como também sobre a interação dos contextos por trás de cada um dos “portais”, no tempo em que o encontro aqui descrito se deu.

CAPÍTULO 4

Fenómenos Denunciadores do Fim

Para o psiquismo humano, aquilo que é bom parece passar rápido, enquanto o que lhe é desagradável assume-se como sendo interminável. O fluxo daquelas vivências parecia jamais ter um fim.

Na presente narrativa, optei por não me referir aos eventos paralelos que ali tinham lugar — e que eu me via obrigado a testemunhá-los — pois que assumiam aspeto ainda mais ridículo do que os que me diziam diretamente respeito.

Não foram poucas as vezes em que as assessorias ali presentes expressaram reverências mútuas com as citações dos incontáveis epítetos colecionados pelo ego incomensurável de cada um dos membros que as compunham.

As conversas havidas eram sempre entremeadas pela participação de outros seres que traziam “instrumentos” como se para serem mostrados, e como se as vibrações e informações deles emanadas estivessem a ser testadas exatamente naquele instante.

O que estou a tentar transmitir é que o evento, que estava a passar-se comigo e aqueles três seres, em certos momentos dava a impressão de ser

somente um entre alguns que pareciam estar também a ocorrer, paralelamente, em torno dos “Senhores da *Lila*”.

A outra opção de entendimento para a minha lógica — a que me foi ofertada como “verdade”, ao longo dos anos, compreendidos entre 2008 até este de 2015, em que estes registros estão a ser produzidos — era a de que, realmente, aqueles seres pareciam não se encontrarem há muito tempo, pois o consórcio interativo era intenso e empolgante, pelo menos para eles.

Conforme percebia, para toda aquela comunidade estranhíssima, o menor daqueles gestos e o mais sutil dos procedimentos pareciam ter uma importância enorme. A única “peça” fora do lugar era a minha presença, absurdamente destoante em relação a tudo mais que envolvia aqueles seres. Peço desculpas pela analogia que agora me obrigo a fazer, mas não tenho mesmo outra alternativa mental.

Durante toda a minha adolescência e juventude lidei com animais domésticos, o que implica dizer que, assumidamente, o meu psiquismo encontrava-se condicionado a achar normal a presença de animais em “ambientes humanos”. Contudo, na primeira vez que vi animais em circos, um profundo incômodo dominou-me, ao concluir, ainda durante a “performance” à qual assistia, que aquele não era um lugar para animais ali existirem, num eterno ir e vir entre jaulas e picadeiro, que era tão somente uma outra forma ou extensão do aprisionamento. Por outras palavras, ainda que, quando “fora da jaula”, no picadeiro, aquilo era apenas uma jaula maior. Aprisionamento e espetáculo adestrado, portanto, era aquele o binómio da existência miserável daqueles nossos irmãos, obrigados a existir daquele modo.

Assim mesmo eu me sentia!

Enquanto vivi na Terra, sem ter a noção daquele nível de realidade que agora até já me parecia “comum”, jamais havia sentido o peso do aspecto condicionante da vida em plena “*Matrix*”¹. Contudo, ao ser obrigado a participar daquele tipo de espetáculo, encontrar-me ali, naquele “picadeiro”, para entreter e avivar aquela “plateia”, o que restava da minha condição humana parecia enojar-se e, por isso, muitas vezes, tentei libertar-me daquele “segundo processo de enjaulamento”, pois que o “primeiro enjaulamento” era o aspecto da vida terrestre, aparentemente mais suportável e até mesmo instigante e encantador, dependendo das circunstâncias da vida de quem observa.

Conviver em ambientes espirituais era uma coisa, aqueles níveis em que tais encontros com os “Senhores da *Lila*” se davam, porém, representavam mesmo um retrocesso em relação à própria condição da vida animalizada terrestre, sob certos aspectos.

Encontrava-me em pleno “picadeiro” e aquele não era o meu lugar — sempre foi esta a minha sensação. Para minha surpresa, em algum momento daquela história, a forma humana que eu ali aparentava, havia voltado ao aspecto que nesta vida conheço.

“Acho que o corpo continua vivo” — tornei a pensar. Ali, ainda que naquela condição, eu era o “animal adestrado”, o “bicho” que parecia saber mais das coisas do que a “plateia”. Sinceramente, não sabia se deveria sentir

¹ NAT: referência à trilogia de filmes.

pena de mim mesmo ou daqueles seres — quase sempre, eu sentia pena das duas partes. A situação ambiental era de um desacerto total, apesar da “alta produtividade” da interação que ali estava a ter lugar! Sob esta perspectiva, quanto ao mais, estranhamente, tudo parecia estar em seu lugar, mas eu não deveria estar ali. Era algo terrivelmente forçado!

Uma quantidade indescritível de pares de olhos — nem sempre eram “pares” — olhava-me e o que eu dizia num bom “português”, parecia ser “instantânea e mentalmente” traduzido para toda aquela horda de seres estranhos.

Em um dos momentos do meu desfalecimento, ou coisa que o valha, uma das vozes espirituais informou-me que me era mesmo impossível aquilatar a importância do que estava ali a vivenciar e a ter lugar, até mesmo pelo desgaste da minha lógica psíquica. Então, o que a “voz” me afirmou foi que *a “sina daquela Criação” estava a ser decidida naqueles acontecimentos*. De modo mais específico, mais exatamente na “resultante mental” que estava a ser produzida como resultado daquele “debate” em que o drama daqueles seres estava a ser enquadrado na lógica terráquea, sendo posteriormente devolvido para os mesmos com as cores do senso crítico e da razão filosófica possível ao humano, ali enjaulado, reproduzir.

Eu compreendia, mas não acreditava, não aceitava e não levava sequer a sério, tamanho era o meu descontentamento por encontrar-me naquelas circunstâncias. Todavia, o espírito que me anima a presente personalidade e o acumulado das outras já vivenciadas por ele, parecia estar a agir num limite de um processo cuja hora final já se havia consumado.

Aquilo parecia ser tão somente o “apagar das luzes” de um “espetáculo de um circo” cuja “lona” parecia estar prestes a cair sobre os presentes, contemplando a todos com a inevitável quota de asfixia e de inquietação.

Para as entidades espirituais que ali se encontravam, porém, eram nítidos a preocupação e o zelo, para que cada “palavra” surgisse num determinado contexto, onde o efeito momentâneo do detalhe parecia ser tão essencial quanto o todo do processo.

Elas deixavam-se perceber por mim como se para “denunciar” a gravidade do momento, como se esperassem que a minha inquietante e insuportável sensação de enjaulamento não atrapalhasse ou mesmo inviabilizasse o que estava a acontecer.

Ainda assim, sei que atrapalhei bastante — coisa de quem se encontrava num lugar onde não deveria estar e na hora errada! Algo de muito estranho estava a ter lugar por entre o ribombar de eventos distantes, como se fossem trovões longínquos de uma tempestade destruidora, que se aproximava aos poucos. Era esta a sensação que uma ou outra vez me invadia o modo humano do meu pensar.

De uma maneira bem diferente do que podemos observar como sendo certas situações que o psiquismo terrestre costuma passar, como o que classificamos como “susto”, aqueles seres ali presentes, por piores que pudessem ser os estranhos “fenómenos eletromagnéticos” com *profundas repercussões no tipo de “plasma-matéria” que formava os seus corpos*, eles simplesmente não demonstravam qualquer alteração em relação aos mesmos — era como se aquilo não estivesse a acontecer.

A “coisa” era tão estranha que às vezes o “espaço-tempo” daquela dimensão parecia vibrar, “movimentar-se” como se sob o efeito de um “terremoto”, apesar do seu “epicentro” se situar acima das nossas cabeças e não abaixo, como é o caso do que ocorre na Terra. Seja lá o que pudesse ser a causa de toda aquela instabilidade, o seu foco encontrava-se lá no alto, bem acima e longe de tudo o que podia observar.

Se eu pudesse expressar alguma justiça àqueles factos, teria que atropelar a lógica e afirmar que era como um “super-tremor” que vinha lá de cima, ou seja, cujo “epicentro” parecia estar lá por cima, se é que este tipo de localização geográfica se aplica naquele lugar.

Na Terra, as tempestades estão associadas à presença de nuvens, ventania, chuva, raios e trovões, mas não era este o caso daquela dimensão. Houve um momento em que todos começámos repentinamente a flutuar, como se a gravidade daquele local tivesse desaparecido por alguns instantes, para logo depois voltarmos às posições originais, e nada daquilo afetava os presentes e o curso dos acontecimentos daquela “arena-feira”, onde os três e eu estávamos apenas situados no centro daquilo tudo.

Quando, porém, conversávamos — ou pelo menos eles três conversavam — o silêncio era sepulcral, somente perturbado pelos sons da tal “tempestade”. Intuído pelos mentores espirituais, pude perceber que aquele lugar estava a decompor-se, tendo as suas “estruturas atómicas” mais íntimas entrado em “rota de choque e de rompimento”, e parecia ser uma “questão de tempo” a sua desconstrução total. O processo entrópico parecia, ali, estar em curso de modo bem mais inclemente que o observado no nosso universo. Entretanto, se aquilo preocupava àqueles seres, não seria naquele momento que me seria dado tal perceber.

Depois, vim a saber que o “pano de fundo” por trás daqueles acontecimentos tinha a ver com uma sequência de processos que a ciência terrestre já conseguiu apontar como sendo os que definiram a simetria (na troca de matéria por antimatéria) do nosso universo, para que o mesmo chegasse à sua configuração atual. Contudo, naquela dimensão paralela, a tal “sequência de eventos” correspondente ao lado de lá, que foi formado pela antimatéria nos primeiros momentos da mesma Criação que gerou o universo, no qual vivemos, parece não ter funcionado muito bem por ali. Daí aqueles eventos desconcertantes.

Em palavras simples, se prevalecesse a paridade, nada existiria pelo facto da matéria e da antimatéria se aniquilarem mutuamente. Para que uma delas prevaleça é necessário que ocorra um processo que se chama “violação da paridade”, para que uma possa prevalecer sobre a outra.

No nosso universo, a violação da paridade funcionou e parece ser um fenómeno cumulativo ao longo da sua evolução. Contudo, no universo antimaterial, onde estão instaladas as incontáveis “moradas” (as *lokas*, da linguagem sânscrita) das famílias demos, a tal “violação da paridade” parece não ter funcionado, e o efeito cumulativo da antimatéria sobre a matéria estava a enfrentar problemas irresolvíveis, o que implicaria que os tempos finais dessa banda — universo antimaterial — da Criação indevida havia chegado.

O pior é que aquilo estava a apanhar todos aqueles seres de surpresa, apesar das controvérsias sobre o facto de Vishnu e Shiva sempre terem sabido da inevitabilidade do processo, até porque era a energia *tamásica* advinda da “forma anterior Cocriadora” de Shiva que presidia aquele processo.

Segundo a “lenda”, o movimento de consciência improvisado e errático do ser que, após a “queda”, viria a ser Brahma, provocou uma “orientação espacial” em certas “antipartículas” que estariam a desconstruir, muito mais rapidamente do que o esperado, a banda da Criação que foi “improvisada” no momento da “queda”.

Esse aspeto, além de tê-lo impedido de gerar “corretamente” o que aqui chamo de universo antimaterial — paralelo ao nosso — impediu-o, também, de “finalizar” a “parte da Criação” que havia programado, que corresponderia à do nosso universo.

Enfim, a entropia no lado “antimaterial” da Criação estava a atuar “loucamente”, associada ao problema da “violação da paridade” que não foi habilmente estabelecida nas leis científicas ali vigentes. Era o caos que eu me encontrava ali a presenciar. Não resisti e enderecei aos três uma indagação sobre o que me era dado observar sobre o desmoronamento daquele ambiente.

— Desde quando... — se for possível fazer um paralelo com a noção de tempo que me marca o psiquismo —, desde quando este problema de desconstrução ambiental está a ter lugar por aqui?

— Não há desconstrução... isto corresponde ao desmantelamento do meu plano original para esta parte da minha Criação — respondeu Brahma.

— Quando comecei a ser desobedecido... foi um plano de Shiva... Ó humano, você já é conhecedor de como isto se deu.

— Penso que sim, mas, desde quando...

— Desde que me levantei do meu último período de refazimento e de preparação para as duas possibilidades que se me avizinhavam, ou seja, o rompimento definitivo entre nós três ou este ajuste que estamos a tentar construir com a sua intermediação... No seu modo de contar o tempo, estas ocorrências, nestes moldes, começaram a ter lugar ao longo dos últimos quatro milhões de anos, quando o “veneno” de Shiva começou a romper a estrutura de todos os “caminhos e portais de encontro” que gerei... Eu abri as “portas” para a vida, Vishnu ajudou-me a organizá-la e Shiva as destrói, fechando todas estas “portas”. O tempo que ele deixou restar no processo da vida é o que temos para reordenar o que estiver fora de rumo. É esta a constatação que atualmente me obrigo a fazer... — expressou Brahma, de uma maneira desconcertante, que até mesmo Vishnu e Shiva declaradamente estranharam o facto.

— Você, finalmente, reconhece o meu poder de dar rumo aos processos nesta etapa final que teremos que enfrentar — disse Shiva.

— Desde todo o sempre que tenho refreado a força que lhe caracteriza, ó Brahma, de modo a que menos problemas passassem a existir, mas apesar de tudo o que já foi destruído, veja quanto ainda vamos ter que laborar. O que este humano está a falar somente pode ser a verdade que tanto buscamos... e, se não for, o que poderá ser? Que tipo de verdade diferente desta, que ele nos apresenta, poderia surgir para o nosso entendimento?

— Ele não quer estar aqui, porém, somos nós, na verdade, você, ó Brahma, que o força a estar aqui. Então, aqui está ele a dizer-nos tudo isto, afirmando que são mentes situadas além das nossas possibilidades de compreensão que lhe transmitem estas orientações vindas das partes de consciências maiores que teríamos, e as quais desconhecemos. Usando a mesma escala de tempo, depois de cerca de 12 bilhões de anos, finalmente surge uma “janela da verdade” que até agora buscávamos e esta “janela” vem por meio da ótica de uma espécie cujos membros têm liberdade para ver, pois eles podem romper com os condicionamentos, e nós não! E foi isto que este humano fez, ainda que forçado pelas circunstâncias da sua vida. Se estas foram produzidas exatamente para este fim, ó Brahma, isto é outra história.

— Apesar da nossa grandeza, este enredo é ainda maior que a nossa força de atuação. Devemos renunciar aos nossos potenciais, uma vez que os problemas que existem agora estão situados além das nossas capacidades de resolução... Há muito tempo que sabemos de alguns dos nossos limites... Não morremos, mas também não conseguimos resolver os problemas que se acumulam... e se assim continuarmos, tudo deverá piorar.

— Por isso, penso que o humano está correto... não é que isto seja um julgamento, ó Brahma, porém, o tempo de vida em você e em nós parece já ter-nos julgado como ineficazes... A minha própria

lei, que os humanos chamam de entropia, parece cobrar-nos o encerramento da nossa gestão sobre os processos universais...

— Outros cuidarão disso, ó Brahma. Está chegada a nossa hora, a hora dos “Senhores da Vida”² abrirem mão destas existências para que outras possam fazer valer as suas potencialidades. As informações crescentes, que doravante se agregarão ao que já fizemos, formarão a “grande mente”, que presidirá os tempos futuros. Fora do que ali estiver colecionado, nada poderá prevalecer. Aceito, ó humano, o seu aviso... e quando digo “seu”, sei que não pertence ao seu juízo, mas tão somente você transmite-nos o que alguém lá fora pretende dizer-nos. Já era tempo!

— Se está certo ou não o que você nos diz, este é o nosso risco de aceitar ou não as suas ponderações. Eu aceito porque algo em mim, há muito tempo, parece estar preparado para esta hora. Todos os seres inerentes a esta Criação têm “a sua hora”, a hora de “abrirem mão” da vida, querendo ou não, e tendo consciência ou não. Eu a aceito e pretendo tratá-la com o meu nível de consciência mais profundo, mais capaz de pô-la em prática em mim mesmo. Eu, Shiva, assim farei, apenas não sei como, mas farei.

— Sinto-me mal, ó Shiva, e nunca fui dado a sentir-me desalinhado em relação aos meus desígnios, mas sinto-me muito mal com tudo isto... — comentou Brahma.

² NAT: Eles assim se autodenominam.

— Aceito a constatação do problema e até mesmo o que o seu limite impõe ao meu modo de agir, mas a minha mente não sabe lidar com o cenário seguinte, nem as minhas hostes também o sabem... Os tempos que virão “depois” da revelação deste humano não estavam previstos para acontecerem deste modo tão impreciso, sem definição, ao critério das inteligências das minhas criaturas evolutivas. Não foi isto que configurámos. Uma nova fronteira para a minha frente superar, e a chave encontra-se em outras mãos. Isto não era para ser assim! Esta grande dificuldade está há tempos represada, e ninguém sabe o que fazer... muitos dentre os meus hesitam... por isso você afirma que não sabemos lidar com a situação, daí eu aceitar a constatação, como já atestei.

— Diga, ó humano, existe algo que você possa informar-nos sobre o tempo que virá, quando nem mais você nem nós estivermos existindo? Você sabe algo? — perguntou Brahma, algo desalentado.

— A única coisa que julgo saber, ó Brahma, aquilo que como humano tenho percebido é que a *consciência pessoal de cada um de nós é ininterrupta*, ou seja, ainda que venhamos a perder corpos temporários no âmbito da sua Obra, a quota de percepção e o modo de pensar de cada personalidade permanecem atuando em um “novo padrão de identidade”. A alguns é possível a recordação e o acesso ao acúmulo dessas experiências antes havidas, mas a outros, não. Sinceramente, não sei informar se no caso de vocês três, que estão longamente vinculados a estes corpos, gerados lá no início deste processo, quando estes fenecerem definitivamente, se será possível a rememoração destas personalidades atuais.

— Entretanto, ainda que não seja num “primeiro momento”, penso que alguma providência deverá ser tomada nesse sentido, porque a reconstrução da sua “parte caída”, ó Brahma, necessitará sempre desta “base *Adhydaiva*”, pois será sobre ela que as novas áreas genéticas, produzidas pelas suas criaturas, lhe serão agregadas.

— Então Brahma, não penso que este seu corpo *Adhydaiva* se decomporá, ainda que a sua consciência pessoal possa e deva migrar para um outro tipo de “caixa de ressonância cerebral”, com novas convenções mentais algoritmicamente definidas sob a base de uma outra “natureza psíquica”, que o permita crescer sem os limites que este seu tipo de “cérebro-demo” impõe. Dito de outro modo, para que este seu corpo continue a existir até à consumação das consequências da sua atitude mental, parece ser necessário que a sua consciência pessoal pare de operar a partir deste corpo, pois isto o está a aniquilar.

— Para que ele possa “sobreviver”, ser reestruturado e novamente vir a servir-lhe como “portal de saída” em relação à “queda” sofrida, que o mantém preso à sua Obra, é preciso que o seu “peso mental operativo” seja transplantado para outros corpos cujas naturezas acrescentem à sua personalidade algum “progresso psíquico à moda humana”. Compreendeu? Este Brahma que está aí a olhar-me e escutar-me, precisa cessar, ainda que esta forma continue a existir como se em “coma perpétuo” ou “hibernação perpétua”, até que a sua consciência pessoal a reassuma para o “voo derradeiro” de retorno à sua condição anterior.

— Isto que estou a informar-lhe serve para toda a sua geração de anjos-clones, mas penso que eles não me entendem porque não estão despertos para tanto. Contudo, para a descendência de Shiva, como também para a linhagem de Vishnu, estes caminhos já se encontram em curso, há muito tempo, sendo necessário, agora, que estas duas formas *Adhydaiva* deles deixem de operar, para que as suas expressões *Adhyajna* possam acrescentar às mesmas os valores agregados dos progressos já apropriados por elas.

— Entretanto, estes precisam ser, doravante, energeticamente apropriados pelas expressões passivas destas suas formas *Adhydaiva*, ó Vishnu e Shiva. O que vocês precisam fazer exatamente com estas suas atuais formas, para que isso seja possível, isto não sei informar com propriedade.

Senti uma certa dose de desconforto ao concluir a minha resposta a Brahma, pois percebi que os mentores espirituais desejavam transmitir aos dois últimos “Senhores da *Lila*” algo diferente do sentido conclusivo que empreguei, afirmando não saber o que os mesmos deveriam ou poderiam fazer com os seus corpos.

O “meu rendimento” não era satisfatório nem mesmo perante a minha própria avaliação, por isso não me incomodei, além da conta, com a sensação que os mentores me provocaram no psiquismo. Eles pareciam agir como se aquela fosse uma oportunidade única, mas, para mim, aquele tipo de convivência havia ultrapassado, há muito tempo, o limite do suportável.

— Penso que você sabe, ó humano, porque, simplesmente, a sua mente está habilitada a “muito perceber” e, provavelmente, a compreender de modo singular, o que puder perceber — ponderou Shiva.

— Refiro-me ao que nós houvermos por bem demonstrar-lhe ou mesmo precisarmos permitir-lhe vivenciar, já que você é o escolhido de Brahma. Ter sido o escolhido de Brahma, pressupõe ser o único humano possível de ter estas vivências e de proceder com as constatações inevitáveis, certas ou equivocadas, sobre o que antes se encontrava oculto ao conhecimento dos terráqueos. Por isso penso que você sabe ou vislumbra uma resposta a esta indagação, mas, por opção sua, prefere não nos informar.

Permaneci em silêncio porque naquele momento não me era dado saber mesmo muita coisa sobre as notícias que também me eram surpreendentes, apesar de veiculadas por meio da minha condição mental humana, ali presente.

— Peço-lhe, ó Ellam, se algo você sabe sobre o que será desta minha condição e da de Shiva, informe-nos, pois é de vital importância que o faça — solicitou Vishnu.

Olhei para aquele ser enquanto refletia sobre até que ponto a sua postura não seria algo fingida, por mais que soubesse que os demos, daquele naipe, não são hipócritas. Podiam até mesmo dissimular no meio de uma disputa mental, mas não eram falsos.

Contudo, algo nele parecia esconder um potencial de conhecimento muito superior ao que ali demonstrava. Aqueles seres ostentavam um padrão de inteligência que transcendia o da genialidade — conforme o definíamos na Terra — em muitos assuntos, porém, eram desastrosamente primitivos em questões referentes ao que os humanos sobejamente ostentam nas suas capacidades de crítica, de autocrítica e de possuir valores nobres e mesmo altruístas.

Naquele exato momento o cansaço que me dominava era tanto que tão somente balancei lenta e negativamente a cabeça, ao mesmo tempo em que voltava os meus olhos para Brahma.

— Fala, ó humano, atende ao pedido de Vishnu — solicitou Brahma, da sua parte.

— Não veio de você a afirmação de que éramos todos reféns do que os humanos viessem a descortinar? Não sou eu, portanto, refém do seu discernimento? Não serão Vishnu e Shiva e os demais também reféns dos “olhos” que criámos para nos observar? Os humanos da Terra não seriam os “médicos” que engendrámos para nos diagnosticar? Fala, ó humano, e compreenda que, ainda que quando equivocado, o seu saber é tudo o que, no momento, dispomos para corrigir e dar curso ao que existe. A partir de você, muitos humanos se corporificarão em corrente esclarecedora, cujo padrão genético perpassará toda a Criação, e isto já está a acontecer. Contudo, por enquanto, cabe aos movimentos iniciais da sua consciência particularizada prover a todos nós. Fala, ó humano!

Fiquei surpreso com as afirmações de Brahma, em especial pelo modo como ele as expressou — na verdade, ele falou muito mais do que o que aqui me permito registrar. Voltei os meus olhos na direção de Vishnu, que continuou o tempo todo com o seu olhar fixo em mim— isto pude observar.

— Se você não sabe disto, ó Vishnu, é porque o que a sua última forma *Adhyajna* — conhecida como Jesus — produziu, jamais foi devidamente apropriado por você. É a única explicação, como também Shiva não deve ter apropriado o contributo espiritual de Sai Baba. Talvez seja este o grande problema de vocês dois, cuja existência, nestas formas, impede o progresso e/ou a assunção das expressões *Adhyajna* humanas terrenas que, mesmo “pertencendo a vocês” e estando-lhes “vibratoriamente submetidas”, seguramente sabem bem mais que a atual limitação que lhes marca estes psiquismos.

— Este é um dos aspetos do problema tanto para que vocês se compreendam quanto para nós os compreendermos, pois, a vossa natureza é tão desconcertante para a lógica humana, que as antigas tradições, que falam sobre as suas personalidades, passaram a ser tidas, pelos humanos modernos, como efeito do antropomorfismo que teria, inevitavelmente, pontuado a tentativa da Criação do arcabouço histórico — hoje considerado mitológico —, referente às origens desta humanidade. O modo da atual lógica humana de fazer a leitura dos factos desse passado, relevou vocês ao “status” de “seres inexistentes”, de tão esquisitos que pareciam ser, conforme foram descritos nas antigas tradições. Até que todos compreendam...

— Penso que você somente assimilou a componente *Adhybutha* do que Jesus produziu, e tudo o mais permanece na sua expressão espiritual superior *Adhyagya*, e esta, você não consegue sequer aceder devido aos problemas da sua consciência enquanto Vishnu. Se o conseguisse, saberia exatamente o que fazer com esta sua forma *Adhydaiva*, enquanto Vishnu, pois se este seu modo de ser foi gerado para conviver com Brahma e trazer o processo até este ponto, doravante, ele é um “peso”, um “atraso” para o seu espírito superior e precisa deixar de existir. Não é o caso de Brahma, porque ele não tem outras expressões pessoais...

— Entretanto, no seu caso e no de Shiva, vocês as têm “de sobra”. Vocês não se encontram consorciados a Brahma? Continuem consorciados a ele, enquanto praticam a austeridade mental apropriada a cada um de vocês, para que estas personalidades deixem de se sentir “atuantes” e “donas do processo”, cedendo “espaço de atuação mental” às demais. Enquanto Vishnu e Shiva existirem, Sophia/Jesus e Sai Baba/Prema Sai não poderão assumir, com desenvoltura, a função que lhes cabe de coordenar o universo e de conduzir a consciência de Brahma a outros níveis. Sinceramente, não penso que estas suas duas formas atuais *Adhydaiva* possam ter agora alguma função neste “jogo de transferência de arquivos genético-mentais” que a consciência de vocês precisa acionar nas suas formas *Adhyajna*. O problema reside no vício de vocês de somente saberem receber e não procederem com a opção inversa, desconhecida para o psiquismo afetado de vocês, que é a de se doarem a estas formas *Adhyajna*. “Demo não dá coisa alguma”! Nós, humanos, podemos dar as nossas vidas em benefício de quem amamos ou mesmo de um estranho, se for o

caso de um “heroísmo forçado” para salvar uma criança, por exemplo. Vocês não têm as convenções mentais que lhe permitam agir desta forma, contudo, agora precisam assim fazer, ainda que seja darem-se a vocês mesmos, só que em outras formas. No final, tudo convergirá para uma só consciência, mas enquanto *Adhydaiva*, vocês parecem esquecidos desta grande capacidade dos seres *Adhy* de poderem agir desta maneira. Pratiquem aquilo que vocês dois — principalmente Shiva, na sua expressão *Adhynatha*, especializada na Yoga profunda — ensinaram aos demos descendentes e cujo conhecimento os humanos herdaram como legado vindo de vocês, que é a postura mental do *mahasamadhi*! Libertem as suas consciências desta condição *Adhydaiva*!

— Ó humano, não esqueça que as nossas mentes são os focos de sustentação da Criação — ponderou Brahma.

— Não, você ilude-se com isto... não são mais, ó Brahma. O que vai acontecer com o *universo biológico* não depende nem um pouco do que vocês possam fazer, porque as suas regras foram delineadas pelas suas mentes, mas não estas que vocês ostentam nestas suas formas *Adhydaiva*, e sim as que vocês ostentavam com as suas expressões *Adhyatman*, antes da formatação da Criação e da sua consequente “queda”. O curso do universo, onde as raças evolutivas estão a progredir, já tem o seu cenário final estabelecido, independentemente do que vocês possam desejar. Neste sentido, ninguém tem como interferir.

— Todavia, precisamos todos construir o “modo” de se viver no seio do tempo de vida que restar ao universo biológico, e é para

isso que uma mente universal emergente vem sendo constituída com o acúmulo de “novas informações” que a evolução espiritual faz registrar no jogo biológico, ou melhor, físico-químico do DNA das espécies cósmicas. Quanto a este *universo demo*, ao qual vocês pertencem, com todas estas “moradas”, como esta que agora nos encontramos, este já está mesmo a desmoronar e, pelo que aqui estou a perceber, as vossas mentes — se algum dia sustentaram isto aqui —, com a entropia a imperar em alto grau, como agora parece estar a atuar, não penso que estas possam fazer alguma coisa para modificar ou estabilizar toda esta desconstrução, pois basta observar o que está a ocorrer.

— Portanto, vocês são tão necessários quanto cada um presente aqui e alhures o é ou pode ser, nada além disto. Inclusive, são necessários se aprenderem a não atrapalhar o progresso dos factos universais, que doravante terão lugar. Se bem entendo a questão, qualquer ser pensante deste universo demo, como também do universo biológico — e, principalmente, de lá, que deverá prevalecer por bem mais tempo que este que ora desmorona, e o fará bem antes que o universo biológico venha a consumir-se —, poderá contribuir para a construção desta mente emergente universal, sendo a contribuição dos seres biológicos bem maior do que a dos que aqui se encontram estacionados neste “modo demo de pensar”, que é profundamente atrasado e limitado.

O silêncio, mais uma vez, “pesou” sobre os presentes. Senti-me muito mal, mas não havia mesmo como sentir-me de modo diferente enquanto testemunhava uma derrocada existencial que acumulara, ao longo de doze bilhões de anos, equívocos de toda ordem.

Pela primeira vez observei o Senhor Vishnu deixar a sua cabeça pender em direção ao solo reluzente, como se ele se sentisse mais esgotado ainda, do que eu me sentia.

CAPÍTULO 5

A Estranha Autorrealização de Shiva

Para o psiquismo de um ser *Adhydaiva* não é tão simples perceber certos horizontes da sua própria “maneira de ser”, como também não o é para o da natureza humana, ainda que esta disponha de faculdades que aquela não logra possuir.

No nosso caso, normalmente nos confundimos com o “primeiro impulso” que flui na nossa mente, sob a forma de pensamentos e sentimentos, achando que “este fluxo” somos nós.

Este é o grande “engodo” ou artifício que a Espiritualidade obrigou-se a montar para poder dar estrutura à Criação indevida. Contudo, quando aprendemos a usar a “arte” do “segundo e dos demais impulsos psíquicos” que podem “analisar” o “primeiro impulso” — e isto somente virá com a disciplina da meditação, associada a alguma prática respiratória — é que poderá surgir, no psiquismo humano, a “sabedoria” na sua mais profunda expressão.

No caso demoníaco, tal não se dá. A “febre nervosa” do seu fluxo psíquico é de tal ordem que não tem como a “arte do segundo impulso” encontrar-se disponível nas suas mentes. O processo de metamorfose, em muitos

deles, dá-se devido ao jorro incessante de novos e de renovados impulsos mentais, que impede a “estabilização da mente”.

O ser humano precisa “apenas domar os seus impulsos” para evitar posturas impensadas. O ser demo, no entanto, precisa “impedir” ou “deixar que aconteça” o fluxo de um “novo pensamento” que, no caso de ser uma não-aceitação daquela forma, outra vem surgindo, e a mente demo somente percebe quando a mesma “já é” uma realidade nas suas aparências. Com o tempo, eles foram desistindo de “evitar o inevitável” e passaram a especializar-se em influenciar as tais modificações corporais, pois que, em muitos deles, isto era inevitável. “Construir” a forma mais poderosa, entre os demos, passou a ser uma questão de honra e de prestígio e mesmo de poder. Demos são mutantes e, de tão rápidas que são as suas mutações, o próprio corpo deles modifica-se. O “DNA-demo” deles regista a mudança ao mesmo tempo que modifica a sua expressão corporal. Os humanos também são mutantes, só que estas modificações ocorrem tão somente nos seus DNA’s, podendo modificar o seu comportamento e a sua expressão facial, mas não a sua forma física pessoal.

Obrigo-me a fazer aqui esta introdução rápida e superficial à questão da metamorfose da “raça demo” apenas para facilitar o vislumbre do que, ali, eu me encontrava a presenciar. Assim menciono para confessar ter fugido ao registo das esquisitíssimas — para o padrão humano — metamorfoses que pude presenciar desde o início da minha forçada convivência com estes seres.

O aspeto mais superlativo e enigmático daquele jogo de formas, substituindo-se num mesmo corpo era o de que, na maioria dos casos, a personalidade do indivíduo-demo era exatamente a mesma,

independentemente do corpo que ele viesse a ostentar. Todavia, para mim, a fronteira entre o estranho e o enigmático rompeu-se quando percebi, em alguns poucos seres, que a mudança de forma também trazia consigo a modificação do “modo de ser”, do “modo de pensar” do indivíduo-demo.

Seguia a convivência com aqueles seres, sem que me houvesse sido dada outra opção a não ser a de me acostumar com aquela fenomenologia, o que fiz com a dose de indiferença que me foi possível.

Somente em certo momento é que percebi que eles consideravam como sendo o “mais poderoso” dentre eles — à exceção de Brahma, pois que ele era considerado o “Pai de Todos” — o demo que mais dispusesse de formas distintas e mesmo singulares.

O inacreditável é que havia também uma certa dose de imitações parcialmente estruturadas, a título de homenagens dirigidas a “alguém considerado superior”, conforme o padrão hierárquico a que estavam acostumados e submetidos. Entre todos, o mais espantosamente rico em metamorfoses inéditas, consideradas extremamente importantes e poderosas, era Shiva.

Já havia notado que, por mais que aquele ser desse voltas em relação ao seu modo de apresentação, quando se dirigia a mim, quase sempre se assumia como sendo um “homem velho”, proporcionalmente “menor” quando comparado com o tamanho da forma preponderante de Vishnu e mesmo da de Brahma, com cor de pele que variava entre o cinza e o “azul pálido”, e penso que tal (mais azulado ou mais cinzento) se dava conforme o seu temperamento do momento. Além desta forma, as outras duas que

ele usou para se dirigir a mim eram as de um ser amarronzado, com inúmeros braços e agigantado, e a outra, estranhamente, era a de um homem nos moldes de um monge mendicante ou algo que a isto se assemelhasse.

Era dito que o Senhor Shiva possuía mais de mil formas, sendo que, apenas algumas delas — cerca de um pouco mais de uma centena — terminaram por se tornarem conhecidas na convivência deste ser com os diversos tipos de “momentos históricos” que tiveram lugar no passado terrestre.

Nem todas elas se encontravam mais ativas, pois o Senhor Shiva já as havia finalizado após cumprirem as suas funções nos segmentos da Criação a que foram dirigidas. A finalização de cada uma delas era um capítulo à parte nos anais da cultura *trimurtiana*, e entender estas expressões *Adhyajna* tanto de Shiva como de Vishnu, seria o mesmo que compreender como o processo evolutivo “demo-bio-homo” teve lugar em diversos âmbitos da Criação, aspeto que jamais foi devidamente observado pelo atual conhecimento humano.

Salvo um brutal engano da minha parte ao “julgar entender” alguns panoramas destas questões *trimurtianas*, todos os matizes aparentemente misteriosos em torno deste assunto terão que ser inevitavelmente explicados ao tirocínio humano, ao longo dos próximos séculos, de maneira que o mesmo “exporte” a sua compreensão para diversos níveis dimensionais que congregam seres demos infelicitados pelo destino. Estes dependem de que “outras inteligências” possam perceber o problema deles, equacioná-lo e transferir esse “diagnóstico” — após encontrar um modo para tal — para os mesmos, no ambiente em que residem.

Além disso, descortinar um modo de ajudá-los para que, lá, eles possam providenciar uma maneira de superarem ou de se adequarem ao infortúnio, de um modo produtivo. Naquele momento, porém, era o ser acinzentado — com os seus três olhos enigmáticos e diversos membros dispostos ao longo de um corpo cuja descrição não se enquadra na forma humanoide típica — que me observava, ao mesmo tempo em que estava a receber um objeto semelhante a uma pequena argola que passou a segurar em uma das mãos, como se com ela “brincasse”. Se aquilo tinha algum significado ou função, não me foi dado perceber.

Os *trimurtianos* sempre se acharam os “maiores seres da Criação” e, para eles não está a ser nada confortável perceberem quão equivocados estavam e ainda estão ao formularem tal pensamento e a ele se apegarem com orgulho desmedido. Todos eles sempre observaram os seres biológicos evolutivos, notadamente os “animalizados”, como sendo de origem inferior se comparada à dos demos. Inclui-se neste contexto toda a gama de civilizações biológicas, que nasceram para este universo após a semeadura, em muitos mundos, da “semente” de Brahma, trabalhada à moda de Shiva e de Vishnu.

— Ó humano, tive que finalizar, de mim mesmo, muito do que expressei por meio das minhas formas “*ajnas*”, cada uma delas criada para atender às necessidades evolutivas que sempre gerei, na tentativa da promoção dos ajustes necessários — explicou Shiva.

— Vishnu também semeou o mesmo processo. E fomos obrigando-nos a finalizar algumas dessas formas, não porque assim desejássemos, pois não é trivial fazê-lo, mas porque a nossa “força pessoal” não mais conseguia “sustentá-las” todas. Contudo, esta é

uma “arte mental” que ainda não domamos completamente e o fizemos por força da mais absoluta necessidade de levar adiante as experiências “demo-biológicas” que nos possibilitasse o efeito pretendido. Em muitas etapas deste processo, fomos obrigados a agir meio que às cegas, o que implica dizer que assumíamos o modelo ou protótipo para dar início às novas espécies, correndo, assim, todos os riscos inerentes a cada procedimento. Por isso colecionamos muitas formas *Adhyajna*, algumas das quais, como ressaltei, obriguei-me a terminá-las. Nesta altura, estou a processar a sua informação de que agora terei que finalizar a mim mesmo e vou procurar, sinceramente, a melhor maneira de fazer isso. Tornou-se notório, para mim, que não mais preciso manter esta forma na medida em que o próprio Brahma está a passar pela “metamorfose” que o redefinirá para as novas etapas da Criação.

— Não sei bem quantas vezes já me expressei sobre isso, mas torno a fazê-lo... Você tem alguma noção sobre o facto de que, enquanto vocês, que se acham poderosos, discutem, avaliam se podem fazer isto ou aquilo, e se tal conceito é verdadeiro ou não, uma enormidade de seres demos sofrem, presos nas suas *lokas*, seres humanos padecem na Terra, e outros seres se afligem em diversos mundos, e toda a responsabilidade sobre estas dores repousa exatamente sobre vocês?

— Compreenda, ó humano, que o nosso modo de pensar tem a ver com as convenções mentais possíveis ao ordenamento dos genes do Criador, disponíveis em cada um de nós conforme a concatenação de cada espécie — explicou Shiva.

— Infelizmente, isto limita, e mesmo bloqueia, muito do que cada uma das minhas formas pode perceber e pensar, e esta mesma regra serve para qualquer outro ser desta Criação. *Há "lacres mentais" em todas elas*, mas isto não significa, para o meu tirocínio, o mesmo que provavelmente penso que significa para você. "Lacre", aqui, significa o limite do que programámos para determinada espécie, até o ponto em que a nossa percepção mental pode alcançar. A partir deste ponto, "lacramos" o resto dos códigos mentais para que os mesmos não venham a gerar mais monstros inúteis.

— Tomando as suas próprias palavras, bastam as "monstruosidades" que já existem — não foi isto mesmo o que você me disse? Fomos aprendendo com a experiência e, por isso, ainda não dominamos o processo. Deste modo, ó humano, entenda que estes "lacres" foram usados para garantir o progresso que vislumbrávamos. Sei que você me dirá que esta regra deve ter sido boa para os seres demos, mas, para os humanos, ela não deveria ser mais aplicada. Pois foi exatamente isso que vocês fizeram ao romper com o padrão que Brahma/Javé esperava para a espécie à qual você agora pertence.

— O episódio conhecido classicamente por vocês como o de "Adão e Eva" foi somente uma das muitas tentativas dele em retomar o poder sobre diversos "lacres" que foram sendo rompidos na história dos *humanos da Terra*, e esse evento não foi o primeiro nem muito menos o último. Desde há cerca de 52 mil anos, o "deslacre" humano vem sendo procedido por diversos agentes deste processo, e aproveito para informá-lo que, durante os primeiros 40

mil anos, todos os eventos pontuais foram realizados por mulheres, pois que a elaboração da genética feminina era mais sofisticada que a do homem.

— Somente após a inundação diluviana planetária e de todas as suas consequências é que o elemento masculino passou a prevalecer como agente mental do progresso humano, sempre em busca da melhor formatação genética, sendo esta o verdadeiro “Santo Graal” que Jesus produziu e, ao ressuscitar, tornou a esconder, nele mesmo, a “solução” para o estabelecimento da base humana genética da cura de Brahma! Eu já era conhecedor deste assunto, mas havia um detalhe nas informações de Shiva que, ao abordar uma missão *avatárica* de Vishnu — o que era estranho aos meus olhos —, ele sabia exatamente que me provocaria “espanto” ao utilizar a expressão “solução genética”, referindo-se ao DNA do homem Jesus, produzida à moda humana, para uma das etapas de resolução do problema de Brahma.

— Vou explicar-lhe, ó Ellam, já que você é o portador da nossa confiança, ainda que eu saiba que a isto você não se propõe — falou Shiva.

— É inevitável que eu o faça, pois, assim, pretendo provocar, em Vishnu e em Brahma, posturas e compreensões distintas em relação ao que agora informarei. Fiz de algumas das minhas personalidades *Adhyajna* verdadeiros analistas à moda humana, e com a condição crítica que estas colheram nas jornadas no seio da humanidade, em relação ao curto testemunho operativo do personagem animado pela força mental de Vishnu, conhecido como Jesus, deduzi, por

meio delas — e aproveito para informar, ó humano, que por razões que lhe escapam, Vishnu não conseguiria fazer o mesmo com as suas expressões, mas eu consigo com as minhas — que a “solução físico-química-biológica-mental” que ele arquitetou na sua experiência como homem, aplicava-se a Brahma/Javé somente em parte, faltando, tão somente um acréscimo “genético-espiritual” que ele não pôde, na época prover, pois que mesmo tendo agido algo independente da vontade dele, a marca da subserviência amorosa a Javé foi “exagerada”, o que implicou em correção futura a ser feita por outro humano, pois que de Jesus não houve descendência direta, via concurso sexual.

— A outra opção da escolha de Brahma/Javé, trabalhada desde os tempos de Enoch, foi a de quem absorveu o legado de Jesus e, com certa dose de “desgosto” necessário para o despertar de Brahma/Javé — aspeto que o homem Jesus jamais sentiu, pois grande foi sempre o seu “amor humano” por aquele em cujo nome a sua personalidade terrena depositou toda a confiança e respeito — o confrontou, sem se submeter ao pacto oferecido.

— Brahma/Javé foi obrigado a despertar para o facto de que, alguém com um “DNA” por ele mesmo manipulado no passado, agora não mais se lhe submetia, apesar de ser o “portador do registo da aposta fatal e final” da etapa que agora está a ser consumada, e que vem desde o início da Criação, não lhe restando “mais tempo” a não ser este que agora está prestes a consumir-se com a sua vida terrena. Compreende, ó humano? O homem Jesus amou profundamente aquele que o enviara, e cumpriu, à sua maneira amorosa, o que Brahma/Javé desejava que ele o fizesse

usando da força mental — ou seja, dos superpoderes que os fortes sempre teriam que impor aos mais fracos, segundo Brahma —, mas, mesmo assim, ele não conseguiu desfraldar a “bandeira genética” da insubmissão respeitosa e mesmo amorosa — ainda que esta sirva bem mais à deficiência genética de Brahma/Javé do que à “solução” advinda da “quase submissão amorosa”, produzida por Jesus. Deste modo, as minhas expressões *Adhyajna* humanizadas permitiram-me compreender que, neste atual intervalo de dez a vinte anos da sua vida terrena, a “solução genética” produzida por Jesus foi absorvida e confirmada, ao mesmo tempo que a sua pretendida independência em relação a nós — e, em especial, em relação a Brahma/Javé — veio-se a verificar a cada momento — como este agora, que estamos a vivenciar.

— Para minha surpresa e de Vishnu, o seu grau de independência é que não estava corretamente vislumbrado por nós. Contudo, já está feito! A “simbiose” — que lhe é tão desagradável —, entre você e Brahma/Javé, é o “último evento” desta etapa que finaliza o “estado funcional da forma *Adhydaiva* de Brahma” e, dependendo de como isso se processe, a nova forma existencial dele será estabelecida conforme as possibilidades advindas desta “parceria mental-consciencial”. Somos-lhe, todos, profundamente gratos...

— Se o que me é dado perceber na minha vida for resultado de gratidão da parte de vocês, melhor seria me terem como...

— Ó humano, aproxima-se o momento tormentoso, para Brahma e para nós, dessa finalização — interrompeu Shiva.

— Poupe-nos das suas exclamações de desconforto...

— Não reconheço autoridade da parte de vocês para me dizerem o que alguém do meu "miserável tamanho" pode ou não poupar à doentia sensibilidade que move os seus psiquismos. Sou eu e os demais humanos que precisamos ser poupados e respeitados por vocês... ainda que ninguém na Terra saiba disto...

— Enquanto muitos agradeceriam e se sentiriam honrados... — principiou a dizer Brahma, mas, diante de uma expressão de Shiva, voltou a permanecer em silêncio.

Permaneci, da minha parte, também em silêncio, aguardando o desfecho daquela abordagem inesperada.

— Por meio das necessidades, que detetei em mim mesmo, fui-me desenvolvendo e autorrealizei-me, principalmente por meio da minha expressão *Adhynatha*, durante a qual me dediquei à Yoga — explicou Shiva.

— Foi a partir dessa forma que exportei o meu avanço para as demais partes que compõem a minha consciência pessoal. Porque sei que para você é importante, digo que convivo com todo este drama, do qual faço parte, e, ao mesmo tempo, posso estabelecer o meu foco pessoal no "Sagrado". Assim lhe afirmo para que compreenda que conseguirei finalizar esta forma *Adhydaiva* sem problemas, e penso que Vishnu também o fará a seu modo.

O gigante — Vishnu — balançou lenta e afirmativamente a cabeça, confirmando as palavras de Shiva.

— Não sei especificamente como o farei, e penso que Vishnu também não sabe, mas, se for necessário, faremos, pois essa tem sido a grande meta, que é a de superar esta etapa durante a qual todos nos desgastámos de modo superlativo — voltou a expressar-se Shiva.

— Entenda, ó humano, que sempre que fiz “encarnar” os meus *avatares* na condição humana, inevitavelmente eu disputei — por meio deles — com Brahma/Javé a função suprema desta Criação, o que não acontecia nem acontece com os *avatares* de Vishnu, pois este sempre se “submete” ou “finge submeter-se” a Brahma/Javé, deixando-lhe sempre o papel de Criador. O que vocês conhecem na Terra é tão somente o aspeto mais recente deste processo. Entretanto, eu e Vishnu fizemos por onde a nossa consciência pessoal evoluir a ponto de nos unirmos ao “Sagrado”...

— Preciso dizer-lhes uma coisa... e devo estar equivocado, mas ainda assim, direi, pois poderá ser útil no futuro...

— Fale sem assombro, ó humano! — exclamou Shiva.

— Pela minha fragilíssima experiência em relação aos níveis alcançáveis da Yoga profunda, penso que a condição demo destas suas formas *Adhydaiva*, como também de qualquer outra, não acede ao “nível Sagrado” da existência. O “*Brahman*” que a

linhagem sacerdotal da Índia, capitaneada por você, ó Shiva, tem ensinado aos humanos como sendo o “Sagrado”, sinceramente não penso que seja, mas pareceu-me tão somente o retorno da vossa mente à condição *Adhyatman*, e não à condição *Adhyagya*. Por que digo isto? Por duas razões, ou seja, pela minha experiência pessoal — que não serve lá para muita coisa devido à subjetividade do processo —, e pelo facto de vocês, caso tivessem acedido o “Sagrado” nas suas experiências *yoguis*, não precisariam que um humano do meu “tamanho” viesse aqui prestar o seu concurso mediúnico para que as suas formas *Adhyagya* pudessem, por meio do espírito que me anima, transmitir a vocês estas questões complexas, que lhes dizem respeito. Lamento...

— Mais esta ainda, para que colecionemos — disse Shiva, enquanto olhava para Vishnu e Brahma.

— Penso, ó Shiva, que o seu maravilhoso legado *Yogui* é por si só um objetivo que todos os humanos e demos devem abraçar como meta de vida, independentemente de até onde possam chegar com o foco das suas consciências. Sobre isto, “tenho a certeza que me é possível ter” porque pude verificar por mim mesmo, porém, sinceramente, ó Shiva, não sei até que ponto — se o que vocês me revelam é verdade e pouco se me dá, pois sou muito pequeno para avaliar qualquer coisa, e a minha condição terrena já se finda pelo degaste. Muito menos sei se o que lhes transmito está também correto, apesar de perceber que os mentores espirituais — que vocês não percebem, mas que se deixam serem por mim percebidos — são espíritos de alto calibre e, penso mesmo que, de ordem

superior a tudo o que vocês poderiam vislumbrar, o que implica que não estariam aqui a enganar-nos ou a enganar vocês.

— A mim, repito, pouco se me dá se estou certo ou errado no trato destas matérias, porque isto não me modifica em nada o processo existencial, uma vez que não tenho qualquer apego ao que estou a ser obrigado a fazer por decisão do espírito que me anima, e não da minha condição humana — se dependesse desta, independentemente do aspeto de vocês precisarem dela ou não, vocês estariam em “maus lençóis”, como dizemos na Terra, pois de mim nada teriam já que, em nenhuma hipótese, estaria aqui com vocês e/ou cumprindo este papel ridículo e tormentoso, que me constrange profundamente. Isto, ressalto, porque, não tenho a mais remota certeza do que vai acontecer com estas formas *Adhydaiva* de vocês três após a morte da minha condição humana.

— Se for verdade o que está a ser informado, vocês deverão encontrar uma maneira de deixarem estes corpos existindo, mas sem função mental ativa, o que permitirá às suas formas *Adhyajna* agirem com liberdade. Contudo, se isso vai realmente dar-se e, em se dando, como ocorrerá, não é comigo e nada tenho a acrescentar. No que me resta, cuido tão somente de administrar a sucumbência tanto da minha sensibilidade humana quanto do meu corpo, trucidados por vocês e as suas apostas.

— Ó humano, lamentamos verdadeiramente a sua insistência em não nos ter como parceiros do processo em curso, pois há algum tempo já detetámos a importância estratégica da participação dos

humanos da Terra... sem a vossa consciência crítica e fraterna o diagnóstico universal não poderia ser produzido — ponderou Shiva.

— Um aspeto a mais, pelo menos, eu e Vishnu precisamos que você compreenda, pois você se pergunta como se dará o final desta etapa, como Brahma lidará com a sua reformulação e como de resto, eu, Vishnu e demais componentes desta descendência *trimurtiana* — como você a chama — iremos comportar-nos. Entenda que *Brahma jamais procederá sozinho com o que ele tem que fazer*, ou seja, *ele precisa ser "conduzido pelas circunstâncias"* e tem sido você o causador e criador de praticamente todas elas, pelo facto dele o ter escolhido. Isto já desconfiávamos! Quanto a mim, Vishnu e demais descendentes, aqui sim, foi e está a ser com extremo grau de surpresa que percebemos, querendo ou não, que *estamos também a ser "conduzidos pelas mesmas circunstâncias"*, aspeto ao qual procuramos adequar-nos.

— Todavia, isto não tem sido fácil e nos é profundamente incómodo, e terá que ser feito porque todo esse processo foi começado por nós num tempo em que sequer existiam seres biológicos no universo evolutivo.

Como não tinha mais nada a dizer, permaneci no aguardo da postura daqueles seres para ver se aquele encontro chegara ao fim. Preparei-me para “ir embora” enquanto aguardava somente a confirmação de que, finalmente, aquilo tinha acabado, mas Shiva voltou a expressar-se.

— Não é você quem nos diz que *o nosso destino é passar a pertencer ao universo das vidas rápidas*? Somos nós que há muito fizemos para que os processos tomassem esse rumo, não esqueça disto. De todo modo, você afirmar-nos isto é sempre uma maneira de perceber como a lógica humana, na posse dos elementos e termos corretos de uma questão, consegue, por si mesma, elaborar a equação correspondente. Isto você tem feito com aprumo, o que, por um lado, facilita a nossa interação, desde que, agora, aceitemos os humanos como eles são; por outro, acaba definitivamente com a pretensão de Brahma em exercer o controle sobre os humanos da Terra. Você compreende, não é mesmo? — perguntou-me Shiva.

— Sim, penso que sim. Para sobreviver, desde os primeiros tempos de reconstrução da consciência particularizada dele, Brahma teve que sempre tentar exercer o “poder total” sobre a realidade imediata que o envolvia. Pretender o “poder total” traz consigo o pressuposto do “controle total”. Este traço do seu psiquismo surgiu e cresceu com ele e tornou-se uma doença, um vício mental, que somente foi confrontado em situações de conflito direto, como foi o caso das contendas com você, ó Shiva.

— Contudo, o “controle total” apoia-se na “submissão completa” das partes formadoras do todo, e aqui, as “criaturas-ferramentas” que inicialmente surgiram para a vida já vinham “robotizadas” (geneticamente condicionadas) para atender a este pressuposto advindo da mente do Criador. Os humanos da Terra, porém, foram elaborados para um viés bem diferente desta linearidade com a qual Brahma encontra-se acostumado. Apesar da desobediência dos “primeiros humanos despertados”, vocês conseguiram voltar a

controlar os humanos de agora por meio do temor e da adoração religiosa. No que se refere a Brahma, os seus “escolhidos” e “eleitos” sempre se submeteram. Agora, não é mais assim!

— E o aspeto irónico disto tudo é que eu acho que Brahma jamais teve o controle absoluto sobre coisa alguma. Ele sempre pretendeu ter e foi levado a pensar que teve, e você, ó Shiva, é a maior prova disso! Brahma sempre agiu dentro de uma “zona de conforto” produzida por você e Vishnu. No que vocês não atuavam, ele pensava ter poder. Para azar dos humanos, quando estes surgiram, vocês dois já haviam adoecido também e os três erraram “feio” e ainda erram para com as possibilidades humanas, já que estas são mais complexas do que a vossa condição *Adhydaiva* pode cuidar e gerir. Nestes tempos atuais, nenhum de vocês três está no controle. Não há piloto! “Apertem os cintos, que o piloto desapareceu”, como dizemos na Terra, e é assim que há milhões de anos os processos vêm tendo lugar no âmbito desta Criação desgovernada. Basta observar o que se pode daqui perceber, que o fim da habitabilidade desse “universo paralelo” onde vocês vivem, está com o seu limite inexoravelmente marcado.

Enquanto me expressava, Brahma havia tentado algumas vezes interromper-me, mas Shiva não lhe permitiu. Ao fim das minhas palavras, Shiva sorriu algo irónico e, olhando para Vishnu com os seus dois olhos e, para mim, com o de cima, disse:

— O que um humano, ainda que, ao que parece, com a sua componente espiritual atuando nesta questão, pode dizer-me que eu não saiba?

— Provavelmente nada, ó Shiva, porque o seu intelecto é magistralmente superior ao de qualquer ser humano.

— Você está a brincar comigo, ó humano? — questionou Shiva.

— De modo algum.

Shiva voltou-se com os três olhos na direção de Vishnu e assim permaneceu por algum tempo.

— Vou refazer o meu questionamento, ó humano — falou Shiva.

— O que um humano pode compreender sobre a nossa questão que eu ainda não possa, devido aos problemas desta nossa condição mental *Adhydaiva*?

— Você precisa morrer para que o seu próximo *avatar* terráqueo se liberte das “sujeiras” e impedimentos mentais do seu atual envoltório espiritual *Adhybutha*, de modo que ele possa ser “gerido” diretamente pela expressão *Adhyagya* do seu espírito. Isso deve-se ao facto das condições mentais *Adhydaiva* de vocês dois se encontrarem poluídas pelo envoltório *Adhybutha*, que seus espíritos tiveram que gerar para poderem conviver com a situação de Brahma. Sujaram-se a tal ponto que isto tem impedido a plenitude das potencialidades das suas expressões *avatáricas Adhyajna*. A sua última expressão *avatárica Adhyajna* de carácter *Homo sapiens*, conhecida como Sai Baba, somente “feneceu antes do tempo previsto” pelo facto de estar apoiada nesta expressão *Adhybutha* e

não na *Adhyagya*. Isso precisa parar porque agora, estas expressões *Adhyajna* suas e de Vishnu, são aquelas que deverão assumir o controle das futuras etapas que ainda estão por vir. Esta sua expressão como Shiva está a impedir o avanço dos seus próprios projetos porque o seu futuro não será mais produzido por esta forma *Adhydaiva*, mas sim, pelas *Adhyajna*, que a sua consciência compôs.

— E quando isso terá que dar-se? — perguntou Shiva.

Permaneci calado, pois algo em mim começou a vibrar com problemas e passei a sentir um desconforto profundo, provavelmente vindo da atitude mental de Shiva para comigo.

— Diga, ó humano, sob a premissa da qual você parte, quando a morte deste ser em mim, que é imortal, deverá acontecer para que estas conjeturas sobre a minha próxima atuação na Terra possam ter lugar? Fale sem receio. Você sabe que de nós não há nada a temer. Como e quando eu deverei fenecer para que tudo isso aconteça? — tornou a perguntar-me Shiva.

— “Como” eu não sei, mas “quando”... parece-me que é no fim deste nosso encontro ou logo após o mesmo.

Shiva fixou os seus três olhos em mim e uma dor insuportável invadiu-me, e pude ainda perceber, antes de desfalecer, Brahma e Vishnu entreolhando-se, ao mesmo tempo em que este último se agigantou ainda mais e volitou na minha direção. Desfaleci!

Acordei sentindo-me terrivelmente mal enquanto procurava situar-me em relação à data na qual se encontrava a minha condição humana ao tempo em que aqueles factos se desenrolaram. Algum tempo depois percebi-me nos meus dias terrenos em que me encontrava a trabalhar no interior do Estado da Bahia, quando todo o desconforto teve lugar na madrugada de um sábado, no final do primeiro semestre do ano de 2015, o que me deixou em situação algo crítica de saúde, por um certo tempo.

CAPÍTULO 6

O Fim da Lila

Dias depois, novamente, lá estava eu reunido com aqueles seres, como se o processo jamais tivesse sofrido qualquer interrupção, o que produzia uma sensação profundamente esquisita no meu atordoado psiquismo.

Sentia-me, às vezes, como ator/personagem de uma novela cujo enredo parecia não “caminhar” para frente. Quase sempre me via retornando à obrigação de novamente abordar assuntos anteriormente referidos, e tudo parecia ser uma panaceia para os presentes, mas que jamais atingia o seu objetivo de remediar ou de curar algum aspecto da psicologia dos entes que, agrupados em torno dos “Senhores da *Trimurti*”, pareciam aguardar uma “definição”, que nunca vinha.

Ali encontrava-me no mesmo lugar, cada vez mais sofisticadamente preenchido com a assistência de seres que se localizavam “acima”, “abaixo”, “ao lado”, em “miniburacos luminosos” que, aos meus olhos, pareciam ser pontas de um vórtice dimensional ali fixado, para acompanhar os acontecimentos que estavam a desenvolver-se.

O espantoso era perceber que, quando, da minha parte, focava a atenção mental em um daqueles pontos — era como se fosse um “click” de um

mouse abrindo um arquivo —, a realidade nele existente abria-se, ampliando-se perante a minha percepção.

O mais enigmático foi ainda ter consciência que aquele acontecimento era interativo, ou seja, eles olhavam-me, como seu eu estivesse a aparecer para eles numa tela, enquanto eu também os podia perceber claramente, e sabia ser possível a comunicação, se fosse esse o meu desejo ou o deles. Entretanto, não houve estabelecimento de nenhum contato, seguramente em função do que já estava a acontecer.

Recordava-me do que havia dito a Shiva e da figura de Vishnu “movimentando-se” na minha direção e, pronto, como se fosse uma colagem, a minha memória, naquele exato momento, sequer conseguia recordar-se do que havia acontecido com a minha condição humana, enquanto repousava e, “algo em mim”, parecia achar “muito normal” o facto de estar ali. Era realmente desagradável ter que lutar, a cada “segundo”, contra aquela sensação que, inopinadamente, parecia tentar dominar o meu psiquismo, a qualquer custo. Caso não fizesse isso, a sensação de “normalidade”, pouco a pouco, invadia o “meu pensamento”.

Aquele “aspeto mental” era o avesso dos factos, pois apontava para, exatamente, o contrário de como me sentia... Era “invasão mental”, pensei comigo mesmo, enquanto procurava imaginar o que aqueles seres estavam a pensar, uma vez que cada um se encontrava como que inerte, ao mesmo tempo que me encaravam.

Da minha parte, olhei alternadamente para eles, recordando-me das intermináveis “idas e vindas” do modo como aqueles seres pensavam e se expressavam, imaginando o que existiria ainda para ser “conversado”.

— Ó humano, você encontra-se bem e recuperado, e procurarei melhor compor a minha vibração em relação à sua forma aqui presente — afirmou Shiva.

— Não é somente você que se sente mal, nós também estamos a superar-nos para poder suportar tanta coisa vinda do seu conhecimento. Você não imagina quanto!

Resolvi, novamente, permanecer em silêncio para “passar melhor”, já que não adiantava mesmo dizer coisa alguma. O padrão do óbvio, para mim, era bem diferente do que, alguma coisa neste sentido, poderia representar para aqueles seres — se é que o padrão dementado *Adhydaiva* tinha algo que se enquadrasse neste quesito.

— Você afirmou que até ao final deste encontro teria lugar o “meu fim” enquanto *Adhydaiva*, para eu poder libertar e dar poder de ação às minhas formas *Adhyajna*, é isto mesmo, ó humano? — continuou Shiva.

— Preferencialmente, seria isso, pelo que julgo compreender sobre os factos em torno de vocês. Todavia, penso que o limite de tempo para vocês se dará com a morte da minha condição humana

— isto é devido à trama genética que vocês mesmos provocaram ou que Brahma provocou sozinho, não sei bem ao certo. Esse parece ser, decisivamente, o limite para que a condição operativa das suas formas *Adhyajna* não sofra ainda mais solução de continuidade além da que já provocou. Vocês não fazem a mais remota ideia do prejuízo que já provocaram para vocês mesmos, para Brahma, para toda a descendência demo e dos seres clonados, e mesmo para os biológicos que, bem ou mal, avançam com as suas vidas, enquanto vocês estão presos, estacionados e colecionando horrores a serem saldados no futuro.

— Ó humano, como você é duro nas suas expressões para conosco..., mas, não poderíamos esperar mesmo nada de diferente — concluiu Shiva, voltando a atenção para os seus pares.

— Ele está a julgar-nos mesmo! — pontuou Brahma.

— Fomos nós que pedimos... não podemos reclamar, ainda que ele esteja errado — ponderou Vishnu.

— Vocês não podem aceitar isto... é uma questão de autoridade... vocês têm muito para cumprir e fazer por meio dos seus obedientes instrumentos dos nossos interesses — apontou Brahma, demonstrando enfado ou cansaço. — Eu já não posso, reconheço... — era difícil definir o estado de Brahma naquele momento.

— Você mesmo aceitou, ó Brahma... foi você quem colocou como premissa de admissibilidade que eu e Vishnu fossemos também julgados — afirmou Shiva.

— Tem alguém a manipular os factos aqui, no meu “palácio” — tornou a dizer Brahma, olhando-me furioso.

— Os eventos não eram para serem desdobrados desta maneira. Vocês precisam fazer alguma coisa. Eu não sei mais o que fazer para subordinar o humano... e o digo abertamente porque não há mais o que ocultar. Sei que perdi, no confronto... sei que perdi a aposta... mas, os meus descendentes não se sentem vencidos e tão somente procuram aceitar a minha posição... É difícil dar continuidade a isto. O humano não se submete, ainda que o enjaulemos em mais grilhões, que lhe sufocam... e não podemos sufocá-lo além da conta... ele é frágil e nada faz para permanecer com o corpo... Não sei o que fazer... façam alguma coisa.

Mesmo percebendo que Shiva preparava-se para expressar-se, resolvi antecipar-me à “fala” dele.

— Você definitivamente é um covarde, ó Javé, e dos mais medíocres. A sua mediocridade pessoal vulgariza a própria maldade e perversão que advêm dos seus atos e das suas posturas criminosas. Vou embora! Não fico mais aqui... Vocês, agora, terão que me matar, seja lá de que modo isso possa ser efetivado... sinto nojo e não me permito sentir isto nem mesmo em relação a seres como vocês porque, de certo modo, compreendo o “drama da

podridão” que marca a vossa existência. Por mais que me agridam, vocês são quem estão enjaulados na própria mediocridade que lhes marca este modo ridículo e perverso como vivem. Eu, pelo menos, sou e estou livre para morrer. Tenham dignidade e matem-me, acabando com esta farsa...

Não sei exatamente o que fiz, mas vi-me “de pé” e com a mais “estranha das forças” presente no meu alquebrado psiquismo. Apesar de enojado, algo em mim conseguiu ainda achar aquela “fortíssima sensação” como a mais singular por mim já sentida.

O gigante — Vishnu — volitou na minha direção e posicionou-se na minha frente, enquanto dizia:

— Jamais pedi algo como agora faço e muito menos a um humano... Se é o seu desejo, eu me ajoelharei, do modo como vocês fazem, perante a sua pessoa, pedindo-lhe para não nos deixar... Sei que se usarmos a nossa força mental para imobilizá-lo você disso se utilizará para causar o confronto e forçar a morte do seu corpo, que já não suporta o atrito. Peço-lhe... fique! — disse Vishnu, enquanto uma onda de inquietação varreu toda a assistência e, algo parecido a um murmúrio, pensei ter escutado.

— Não precisa, ó Vishnu, não precisa porque eu vou embora mesmo, nem que morra... Você está enjaulado pelas apostas do Apocalipse... e Brahma realmente não paga o preço e não tenho nenhuma utilidade se assim são os factos, por isso vou embora. Se

eu visse alguma função em permanecer aqui, creia-me, eu o faria, ainda que me desagradasse, como de facto me acontece.

— Contudo, não há função porque não existe evolução na vossa postura. Vocês estão a enganar-se e eu estou a ajudar-vos a enganarem-se... nem mesmo os Espíritos aqui presentes conseguem dar-me uma só razão, nos termos em que lhes cobro, para aqui permanecer. Acabou...

— Humano, posso ser-lhe detestável, porém sou seu Pai e Criador, e sei que você sabe disso — falou Brahma.

— Atenda ao meu pedido... ainda que não lhe possa pagar salário..., mas, cuide do seu Pai... Se tenho que lhe pedir, estou a pedir: cuide do que resta do meu poder, do que ainda existe em mim e do que pude reconstruir... Ainda que lhe seja nocivo, cuide de mim, pois não tenho outro suporte, já que há muito defini que seria este código, que você agora aporta, o sustentáculo da minha continuidade — disse um Brahma “pesaroso” e completamente preso àquele equipamento, que se comportava como sendo a “parte inferior do seu corpo”, incluído aí o “trono” que lhe parecia dar assento.

Senti-me terrivelmente mal..., pior, impossível. Hesitei! Uma força vinda não sei de onde, profundamente amorosa, foi-me dominando, enquanto o meu psiquismo terreno lutava para não se entregar àquela “nova farsa” — foi exatamente assim que pensei.

Confidenciaram-me que havia sido a forma *Adhyagya* implodida do Criador — associada a outras — que se “pusera de modo ativo” a endereçar-me aquela vibração.

Vishnu fez menção de principiar o movimento por ele aventado, quando lhe fiz um sinal para que ele não o fizesse, e voltei para o assento, sem acreditar que aquilo estava a acontecer.

— Agradecemos, ó humano, o seu gesto — disse Vishnu.

— Você está a fazer connosco o que jamais fizemos com você, agora o reconheço. Caberá a nós — disse o gigante, enquanto voltava os seus olhos para Brahma — agora motivá-lo a permanecer connosco e precisamos fazer isso. Temos que evoluir em algum ponto, pois precisamos do seu concurso e do de muitos na Terra. Esses somente virão se você os acionar.

Aqueles seres permaneceram em silêncio por mais algum tempo, após o qual Vishnu tornou a expressar-se:

— Ó demais “Senhores Doadores da Vida”! Convido-os, agora, para que acordemos sobre a única opção que vislumbro como sendo a de, convenientemente, darmos continuidade ao que se encontra em curso, independentemente da nossa vontade, rumo a um cenário que não ousamos determinar. Não consigo atentar para outra alternativa, a não ser a de convidá-los para que encerremos este nível operacional no qual temos abordado e decidido os eventos marcantes entre nós.

— Que a *Lila* cesse, que o modo como operamos deixe de vigorar, pois que, por constatação, estamos a tomar consciência que o nível do que aqui abordamos não mais repercute nem em nós mesmos e muito menos no curso dos acontecimentos, sejam os daqui ou mesmo os do universo biológico. Estou a sentir-me diferente por expressar esta ideia, a qual, até há pouco tempo, jamais ousaria sobre ela pensar nestes termos. Entretanto, agora, ela parece-me tão velha quanto óbvia, autoevidente, como se estivesse sempre residido na minha mente, só que em lugar remoto, remotíssimo, pelo qual jamais o foco da minha consciência havia por ele passado. Soa-me desagradável, perturbador, mas o que este humano tem nos afirmado não me parece ser de todo estranho, pois é como se eu também soubesse disto... Talvez... admito que a minha porção *Adhyagya* esteja realmente a falar comigo por meio deste humano... é essencial que o escutemos.

— Não será no meu “palácio” que iremos desfazer o que aqui foi longamente edificado por nós... — protestou Brahma.

Brahma continuou a revelar as suas idas e vindas, ora concordando, outras, voltando atrás no que já havia aceitado, e ainda que nem mesmo eu levasse em consideração se o que estava a ser semeado entre aqueles seres, pelo meu concurso, estava correto ou não. A referência de Brahma ao seu “palácio”, como se fosse aquele ambiente no qual nos encontrávamos, intrigou por demais a minha sensibilidade.

Deixei que ele concluísse mais um arroteio sobre as suas preocupações, para então lhe perguntar:

— A qual “palácio” você se refere, ó Brahma?

— Este no qual nos encontramos — respondeu Brahma.

Olhei mais atentamente à volta para ver se existia alguma “dobra de realidade” que me pudesse estar a esconder ou disfarçar algum contexto desapreciado, mas tudo que via era o de “sempre”, com as suas constantes modificações. Se os seres que ali se congregavam variavam as suas expressões corporais a todo momento, mais diverso ainda era o contexto de movimentações e sobreposições de “imagens, objetos e portais” que jamais cessava. O “desfile” de seres absolutamente inverosímeis não acabava nunca.

— Para mim, isto não é um palácio!

— Ó humano, os seus assuntos são por demais sérios... não nos retire a atenção deles com esse devaneio — disse Brahma.

— Observe, ó Brahma...

— Ora, este é o meu “palácio”, este é o meu “céu” e é daqui que disponho do que gerei e repasso a quem quero dar parte do que aqui criei e que servirá como “fermento” na porção mental daqueles que desejam também criar as suas residências, suas faixas de realidade, na qual passam a labutar. Aqui funciona assim, ó humano, mas sabemos que no universo das vidas curtas, as construções se processam de outro modo — explicou Brahma.

— Nada vejo aqui de palácio, ó Brahma, mas tão somente uma realidade aberta, cheia de focos de concentração de coisas e de seres que se intercomunicam e parecem completar-se de modo estranho, porém isto não é um palácio...

— Ora humano, esta é minha “morada” e daqui jamais me ausentei porque “ela sou eu”, e comigo vai para onde vou, pois que estando aqui, estou em qualquer quadrante da minha Criação — respondeu Brahma.

— Aqui habito e daqui controlo tudo o que criei e todos os que de mim foram gerados, inclusive vocês, os terráqueos, os humanos que foram forjados para dar continuidade a mim mesmo, os últimos a surgirem ainda sob a égide deste meu modo de ser.

Olhei para Brahma estranhando o teor da sua resposta e tornei a voltar a atenção para tudo à minha volta, mas, aquele conjunto desconexo de construções cheias de coisas e de seres absolutamente estranhos para o meu padrão, poderia receber qualquer denominação, menos a de um palácio. “A não ser” — pensei comigo mesmo — que Brahma estivesse a delirar e/ou eu estava a perceber algo muito distinto do que ele pudesse estar a ver.

Sentia-me como se inserido numa mistura dos enigmáticos quadros do pintor holandês Hieronymus Bosch, “persona artística” de Jheronimus Van Aken, cujos trabalhos, até ao tempo em que vivo, não puderam ser explicados pelos críticos e estudiosos do assunto, permanecendo oculto o foco de inspiração para os mesmos.

Na condição em que me encontrava, por diversas vezes passeou pelo meu psiquismo, a desconfiança de que aquelas pequenas porções de estranheza, associadas a um contexto maior, multifacetado, o qual, por sua vez, era ainda mais esquisito, talvez pudessem ter sido capturadas por meio de “visitas psíquicas-espirituais” que alguns poucos humanos se viram “obrigados” a realizar por ali. Naquele momento, aquilo até que me parecia uma probabilidade bastante “natural” no cerne da loucura que os “Senhores da *Lila*”, ainda que agindo isoladamente, promoviam em ambientes e sobre algumas criaturas em relação às quais se “julgavam donos”, por questões de “conetividade passada”.

— Ó humano, alguns de nós sentem-se de um modo parecido com o seu, quando adentramos na casa de Brahma... é assim mesmo... vê o que sempre viu, e as modificações que se processam nele somente as vê quando o seu nível de compreensão se movimenta no sentido de reorganizar os seus parâmetros de percepção... — disse Shiva.

— Veja que nas próprias narrativas que ele ofertou como sendo dele aos humanos, nas páginas dos primeiros livros da *Bíblia*, é seu costume assumir como sendo “ele a fazer certas coisas” que, em outras histórias e fontes distintas, são atribuídas a personalidades diferentes. Como somente nestes últimos tempos o seu psiquismo tem aceitado que as suas criaturas, quando se movimentam, não representam, necessariamente, ele agindo, é que a sua consciência está a conseguir reconhecer as atitudes e posturas alheias às suas. Contudo, em relação a este “palácio”, o processo demoraria ou terá que demorar por muito mais “tempo”, para que ele redimensione o seu modo de “reconhecer o ambiente”, que se tem modificado

porque os seres, que aqui residem, ainda que lentamente, também se modificaram ao longo do tempo — explicou-me Shiva, como se me pedindo para que eu não insistisse com aquela questão.

Permaneci em silêncio enquanto refletia se devia considerar Brahma uma espécie de “cego” cuja mente deformava a realidade para reconstruí-la à sua maneira, com padrões de “particularidade”, que o levava a pensar exatamente como era possível à sua natureza. Era, enfim, um ser dementado e louco que somente via o que pensava ver, independentemente do que pudesse estar perante os seus olhos. Era como se ele fizesse “adaptações” constantemente, e por isso, as suas ordens mentais, muitas vezes, não se aplicavam porque, simplesmente, não havia correspondência entre os factos e o que dele era emanado.

Talvez, daí, a incansável repetição dele e dos seus anjos em torno de assuntos que, para a minha lógica, já estavam resolvidos há muito tempo, mas eles sempre retomavam as mesmas questões como se estas nunca tivessem sido discutidas ou mesmo resolvidas, pelo menos da minha parte.

Assim me refiro porque, em inúmeras oportunidades, recusei-me a fazer pactos propostos por ele, a firmar acordos em torno de um “toma lá dá cá”, para que a “nova religião” dele pudesse ser edificada na Terra, como se todas as demais já não mais lhe satisfizessem.

Não foram poucas as vezes em que aquele ser começava a falar comigo sobre os seus repetidos desígnios como se jamais tivéssemos conversado coisa alguma sobre os mesmos — era, claramente, um processo mental

doentio! Realmente não me era possível interagir com aquilo de modo produtivo.

— Diga-nos, ó humano, diga-nos mais sobre os nossos espíritos... sobre estas porções ainda mais poderosas que nós mesmos, que estão a utilizar-se da sua condição para fazer-nos enveredar por caminhos e decisões sobre as quais hesitamos — pediu um Shiva desconfiado, mas respeitoso.

“Respirei fundo” e fui adiante sentindo-me tal qual um “velho professor”, cercado de crianças, procurando arquitetar um método pedagógico, ainda que improvisado e desajeitado, cujas palavras teriam que se adequar ao nível de entendimento que lhes fosse possível.

— *A Lila vai ter que modificar-se ou pelo menos mudar a maneira como age porque as suas decisões, caso existam, doravante, não serão mais operacionalizadas.*

— Conforme posso avaliar, Vishnu ponderou muito bem sobre a questão. Você, ó Shiva, deverá ser substituído, não na sustentabilidade vibratória da mesma, pois isso decretaria o seu fim. O seu sistema deixará de ser operativo na gestão e na centralização da força *tamásica* que, doravante, será feita pela sua expressão *Adhynatha* e, mais tarde, pela sua forma *Hara*, finalizadora da Criação. A forma do “dançarino cósmico” *Nataraja* continua, pois é esta que mantém a entropia a funcionar na Criação, proporcionando as transmutações na ordem da natureza universal

até que esta venha a sucumbir. As “vidas curtas”, que se verificam no universo biológico, compensam as “vidas longas” deste universo demo, o que implica dizer que somos o “Retrato de Dorian Gray” dos “deuses falidos” — como no caso do romance de Oscar Wilde, a pessoa do personagem Dorian Gray não envelhecia porque era o retrato dele que sofria o impacto das forças entrópicas.

— Se assim é, ó humano, devo preparar-me para autorrealizar-me logo após este encontro, junto com as minhas demais expressões *Adhyajna* que não mais exercerão função no futuro — concluiu Shiva.

Shiva fez um longo intervalo, mas era nítido que estava ainda a concatenar o que diria em seguida.

— Observem, ó Brahma e Vishnu, se o humano estiver correto, esta pode ser uma das nossas últimas conversas, ou mesmo a última, por meio destas personalidades *Adhydaiva* que ostentamos — comentou Shiva.

Um silêncio perturbador impôs-se após a observação de Shiva para, logo a seguir, “mais uma *crise emocional demo*” ter lugar nas palavras de Brahma.

— Isto não pode ser verdade! — afirmou Brahma. Sempre fomos nós que a tudo decidimos ou encaminhámos para ver o resultado colhido, portanto, além de nós, ninguém tem poder para dar início a processos que possam influenciar os destinos da Criação e os nossos. Não digo que o humano esteja conscientemente a mentir,

pois de nada lhe adianta um blefe. Ele não pode enganar-nos. Ele pode e deve estar enganado. Não seria a primeira vez!

— Talvez não, ó Brahma, pois a estranheza sempre nos espreitou por meio dos olhos das criaturas que gerámos — ponderou Shiva.

— Fomos observados todo o tempo e talvez tenhamos, da nossa parte, esquecido de observar o que este humano se referiu como sendo a complexidade crescente na nossa Obra. Quando esta raça de humanos surgiu na Terra, com características que fugiam ao nosso entendimento, *este aspeto sinalizou que nem todos os processos em curso na Criação tiveram origem nas mentes que aqui ostentamos*. Portanto, não é exato você afirmar que, além de nós três, ninguém tem poder para movimentar a Criação no rumo do que, para nós, é desconhecido. Será que este humano não representa exatamente esta plêiade que nos espreita e se movimenta nas sombras?

Todos permaneceram em silêncio. Brahma voltou-se na minha direção e perguntou:

— Você sabe, ó humano, a quem você serve... você está ao serviço de quem? Sempre procurei trazê-lo para a sua função junto aos meus desígnios, pois você faz parte deles, querendo ou não, mas sou obrigado a perceber também que outras forças agem por meio de você. Diga-me, ó humano, esquecendo as aflições que lhe causei e talvez ainda cause, seja você aquele que me poupará de

sofrer o mesmo e me informe se é do seu conhecimento o que Shiva apontou? — tornou a expressar-se Brahma.

Permaneci em silêncio, completamente esgotado com tudo aquilo, enquanto refletia sobre como o psiquismo produzido pela condição humana estava a ser absurdamente maltratado por todas as forças que dele se utilizavam, mas que não demonstravam possuir a mais remota preocupação com qualquer conveniência de ética pessoal que o mesmo pudesse ter, e aqui refiro-me também e, principalmente, ao *modus operandi* das falanges espirituais que ali atuavam. Parece que a “ética” era definitivamente fator desconhecido à Criação de Brahma e mesmo impossível de ser praticado... não parecia caber em coisa alguma dos processos em curso, ainda que “financiados” pelas forças espirituais ditas “evoluídas”.

Com capacidade de tirocínio sumamente superior a tudo o que ali se apresentava, o senso de lógica comum à natureza humana se elevava em habilidade de discernimento absurdamente superlativa quando comparada com a de todos ali, fossem os manifestados ou os não manifestados. Paradoxalmente, era a única expressão a não ostentar nenhum padrão de autoridade e de independência, já que completamente refém de todo aquele contexto. Era tudo ao avesso! A sensação de angústia era, às vezes, devastadora e a tortura mental não cessava.

— Você não quer esclarecer este enigma... a quem você serve?
— tornou a questionar-me Brahma.

— Pense o que quiser... para alguém com o seu modo de pensar, qualquer resposta serve... pois arranje uma qualquer que lhe atenda.

— Não, ó humano, não será qualquer resposta que me servirá para aplacar a minha necessidade de saber... — retrucou Brahma.

— Você está a anunciar a nossa falência, o fim do nosso labor, da nossa ação, e temo que, por decorrência, a nossa “morte”. Supondo isso, é que pergunto a quem você serve, compreende?

Confesso não ter entendido a interrogação de Brahma, mas arranjei ou pensei ter arquitetado uma resposta somente para encerrar aquilo. Se fosse satisfatória, bem, caso contrário...

— Quando um de vocês “morre”, nestas formas, a consciência particularizada parece “travar” e vocês sofrem o esquecimento... É como se não existisse continuidade... É disso que vocês têm medo?

— É o que desconfiamos... — disse Shiva.

— Se for verdade o que você diz, um humano, quando o corpo dele morre, o “seu eu” prevalece porque a sua alma se desliga e vive eternamente... Entretanto, conosco, não sabemos se é assim... Você fala que a consciência dos humanos segue ininterruptamente após a morte do corpo, conosco também seria assim? — questionou Shiva.

— Vocês perderam a conexão com os vossos espíritos. Brahma teve os seus planos postos em prática; vocês dois também, tanto de modo conjunto em termos de intenção comum, como, depois, separados. Entretanto, sobrepondo-se a todo o processo advindo dos três, o projeto da Espiritualidade sempre foi o de religar o contato das suas “almas” com o vosso “modo de ser demo” *Adhydáivico*. Primeiro, isso foi tentado através das vossas formas *Adhyajna*, mas ainda não foi possível concluir o processo.

— Formularam, então, este “plano b”, que agora se tenta consumir e que será consumado de qualquer modo, conforme informam os mentores espirituais. Contudo, esta “consumação” está a ocorrer no limite do limite. Não dá mais tempo para muita coisa ou para qualquer tipo de improvisação. Sei que conhecem a cultura demo em todos os detalhes e que a cultura humana é tão somente, para vocês, um capítulo que agora se desdobra nesses cerca de onze bilhões de anos de história demo. Agora, preciso fazer uma pergunta para que eu possa compreender melhor o problema: vocês conhecem a obra “*Crepúsculo dos Ídolos*”, no seu capítulo IX, de Nietzsche, Friedrich Wilhelm Nietzsche?

Fiz de propósito já que, nem ali, a minha quota quântica possuía o texto todo disponível para uso da condição humana, mas eles providenciaram prontamente — nos tais “aparelhos” que observavam, sempre que me referia à cultura dos humanos, penso eu — o conteúdo a que fiz referência:

“O valor do egoísmo — O Egoísmo tem tanto valor quanto aquele que o possui: pode valer bastante, e pode ser desvalioso e desprezível. Todo indivíduo deve ser examinado para se descobrir se representa a linha

ascendente ou descendente da vida. Uma vez decidido isso, tem-se um cânone em relação ao valor do seu egoísmo. Se ele *representa a linha ascendente*, então o seu valor é, de facto, extraordinário — e, pelo bem da vida como um todo, que com ele dá um passo à frente, o cuidado para a sua preservação e para a criação das melhores condições para ele deve ser extremo. O indivíduo, o “sujeito”, tal como o povo e os filósofos até hoje o entenderam, é, de facto, um erro: nada é por si mesmo, não é um átomo, não é um “elo da corrente”, nada simplesmente herdado de outras eras — ele é toda a linhagem humana até ele próprio. Se ele representa o *desenvolvimento descendente*, o declínio, a degeneração crónica, as doenças (as doenças são, geralmente, a consequência da decadência, não a causa), então, ele tem pouco valor, e a decência básica requer dele que retire o mínimo possível daqueles que se saíram bem. Não é mais do que um parasita deles.”

— Observem bem, ó vocês três e demais seres que lhes são dependentes, *as formas ascendentes são as expressões Adhyajna das suas consciências. As formas descendentes são estas, as Adhydaiva, que lhes marcam a face. Estas últimas são parasitas daquelas.* Por isso é que estas, que são “parasitas”, atrapalham as que estão a ascender, precisam parar de operar, pois estão a atrapalhar o progresso das que podem progredir. Compreendem?

— Sim, ó humano, mas diga-nos tudo o que puder agora ser dito para que possamos aquilatar melhor as alternativas — pediu Shiva.

Mesmo sentindo-me esgotado, continuei com as explicações solicitadas.

— O que posso ainda informar, ó Shiva, é que... Vocês dois terão as suas consciências “levadas adiante”, progredindo em outras faculdades, exatamente pelas suas formas *Adhyajna* mais avançadas, à medida que as outras, que já cumpriram as suas funções, para as quais foram programadas, vão sendo finalizadas pela entropia, ou melhor, pelo grau, pelo tipo de entropia a que estão submetidas.

— Contudo, para Brahma, que não tem outras expressões de si mesmo, pelo facto da sua forma holográfica *Adhydaiva* ser “desalmada”, a sua quota de consciência pessoal terá que ser, durante muito tempo, “suportada”, “sustentada” por seres biológicos evolutivos, de padrão igual e mesmo superior aos que detêm, nos tempos atuais, a média do presente nível de uma natureza humana razoavelmente desenvolvida... Este é o seu terror pessoal, ó Brahma, e da sua descendência periférica de seres clonados já despertos, mas sem grande gama de compreensão sobre os factos.

— Se isso for verdade, quem cuidará de mim, ó humano? — perguntou Brahma, causando-me uma singular dose de estupefação.

Como eu pensava e penso saber, que ele não tem humor e também não consegue improvisar “disfarces mentais” de última hora, aquela sua “sinceridade de momento” efetivamente espantou-me e, ao que parece, a todos os que ali se encontravam.

Olhei para aquele ser, que me havia defraudado até ao impensável, com torturas mentais de muitas ordens, sem saber exatamente o que dizer-lhe naquela hora. Procurei algum “apoio” em Vishnu, mas, pela segunda vez, o vi como se cabisbaixo. Nem me dignei a observar Shiva, porque senti uma certa dose de “diversão” no ar, pois parecia ser-lhe inevitável não se sentir “positivamente” quando percebia o “velho antagonista” dele se sentindo “negativamente”. O aspeto inverso também era indisfarçável! De alguma maneira, senti-me impelido a falar...

— Ninguém, ó Brahma, pois não existe massa crítica suficiente entre os humanos da Terra para que algo seja feito nesse sentido, nos tempos atuais. E isto deu-se e dá-se exatamente por sua culpa, pois você não deixa que nenhum processo inteligente se realize razoavelmente, já que a tudo as suas esquisitices atrapalham. Tudo tem que ser feito, “apesar” da sua pessoa, e isto cansa! Talvez a “volta de Jesus”, se ele ainda puder contribuir com este aspeto, possa ajudar-lhe, mas, sinceramente, acho que não terá mesmo mais jeito para você. De todo modo, ele virá porque existem outros aspetos em jogo, como vocês mesmos me disseram, além de outros indicativos vindos da Espiritualidade. Ele virá, nem que seja depois da sua mais nova “implosão depressiva”, para que um despertar, muito tempo depois, possa ter lugar num outro contexto. E torça para que ele venha antes do seu “sono”, pois tudo o mais poderia e poderá ser organizado, planificado de modo mais sensato e produtivo. Pelo menos é isto que as formas superiores dos *Adhy* parecem tentar orientar-me, no sentido de ser aqui informado. Se isto está correto ou não, somente depois se saberá. Aliás, devo deixar anotado que não tenho a mais remota ideia se o que deixarei registado para a posteridade, atendendo ao pedido de vocês

mesmos, estará correto ou não. Se daqui a alguns séculos, aparecerem seres a passarem-se por algum de vocês três, nestas formas *Adhydaiva*, dando mensagens aqui e acolá, das duas uma: houve algo bem diferente do que aqui está a ser afirmado ou outros seres poderão tentar passar-se por vocês, com vista a objetivos das hostes demoníacas, a que ainda possam pertencer.

— Afinal, os demos adoram uma “contrainformação”. De todo modo é prudente as gerações futuras observarem essas notícias sobre o “desfalecimento” de vocês três, por meio de outros elementos que somente o passar do tempo universal poderá fornecer.

— Sou eu que estou indelevelmente ligado a você... — interrompeu Brahma.

— Ainda que isto possa ser verdade, trata-se de um problema seu porque mal dou conta de mim mesmo, quanto mais de... Deixe isto para lá, ó Brahma, pois quem aqui se expressa é a minha condição humana e somente por pouco tempo ela ainda deverá prevalecer nesta história, se é que esta é a visão minimamente correta. Mais um pouco, e o meu corpo terreno deixará de existir. E, confesso, não tenho nem quero ter a mais remota ideia do que poderá existir, entre a sua condição pessoal e a do espírito que me anima, depois da morte física do corpo que utilizo, pois nada mais terei com isso... Entenda-se com o espírito que me anima, se é que isso será possível... Talvez, pelo facto do seu corpo *Adhydaiva* parar de limitar a sua quota de consciência pessoal, isso lhe será possível e também a ele — sei lá. Inevitavelmente, o meu modo de ser

terreno morrerá com o corpo, e a face que o espírito que me anima poderá assumir, isso é com ele.

— Todavia, enquanto você for humano, o que posso esperar da sua parte? — perguntou Brahma.

— Nada!

— Ó humano, sou seu Pai e Criador... — argumentou Brahma.

— Eu seria desonesto se lhe dissesse algo diferente disto. O tempo que você tinha para afetar a minha sensibilidade com questões desse naipe, você mesmo liquidou com tudo lá atrás. Jesus, mesmo tendo sido crucificado, permaneceu amando-o e o “suporta” até hoje. Esse não é o meu caso, por muito motivos: não tenho a estatura de um milésimo de milionésimo desse ser, nem muito menos qualquer poder, e o meu limite humano de suportar já foi trucidado e nada restou neste sentido. Uma morte rápida teria sido melhor do que a farsa que sou obrigado a manter para não piorar ainda mais este processo de revelar quão desastroso e perverso é o “pano de fundo” por trás da vida terrestre... E isto que você me impôs, por mediocridade e perversão da sua parte, não tem fim, não me permite ter sossego mental para retirar da paz espiritual-filosófica, na qual repouso com a minha consciência cansada, qualquer espectro de força que me motive a cuidar de mim mesmo, quando mais do “pé que me esmaga”, da “mão que quotidianamente pretende escravizar-me”. Você matou-me lá atrás, ó Brahma, apenas a minha condição humana não foi

devidamente encerrada — coisas da sua eterna incompetência e imperfeição! Realmente, você não sabe finalizar coisa alguma de modo decente!

— Ó humano, como você é duro... sei que o meu equívoco perpetuou em você esta quota de tortura diária... mas, renovo e rogo, veja bem, estou a rogar por um pacto que você jamais quis, obrigando-me a fazer tudo o que fiz para lhe dobrar o orgulho... — tentou justificar-se Brahma.

— Pare, ó Brahma, não sigamos por aí, pois não tem como você me levar por esta estrada viciada, que o levou a este inferno, e a todos nós. Você é tão criminoso que se justifica pensando que os crimes que comete contra os humanos se dão porque estes, por não lhe obedecerem, forçam-no a tanto. Nem no inferno, tamanho grau de psicopatia estaria presente, até mesmo porque o “inferno” já é este, ou seja, ter que conviver com alguém como você. De mim, não existe mais nada para ser retirado!

— Pelo que fiz... pela minha opção, não me é possível desvencilhar-me de você, ó humano, por isso é que até o seu pseudônimo invoca o meu nome, como registrado na sua mente — disse Brahma.

— Somos indissociáveis e isto percebo há um certo tempo, somente não sabia que era tanto assim. Pelo menos não me diga agora que não cuidará de mim... deixemos as coisas acontecerem... preciso admitir que poderei redimensionar um pouco do que sou,

do que fiz e do que poderei fazer... não me diga nada mais sobre isso... Preciso de um pouco mais de tempo.

CAPÍTULO 7

“Decifrem-me!”

Não eram somente as apostas detestáveis que marcavam fortemente a tônica da coexistência entre aqueles seres. Estas apostas representavam o lado trágico da história que lhes era comum, apesar de que, para o psiquismo doentio de todos eles, eram a “tônica da vida”, que produzia as “manchetes do momento”, movimentando sempre aquelas consciências parvas em torno das novidades, como se a vida que levavam se resumisse àquilo. Por incrível que possa parecer, esta não era a componente mais desagradável na coexistência dos entes da cultura demo.

O irritante mesmo era outro hábito que também havia entre eles, mas que, por me ser intragável retratar aspetos repetitivos presentes em quase todas as posturas deles, peço desculpas aos meus pares de contemporaneidade, pois aqui irei tão somente registrar o “aspeto comportamental”, sem me preocupar em reproduzir os seus panoramas, por serem fúteis e desnecessários.

Refiro-me ao irresistível traço do psiquismo demo de apresentar as questões sob a forma de enigma do tipo “decifra-me ou o devoro”, só que no sentido do “decifra-me ou fique calado, pois já ganhei a discussão”. E aqui, para aqueles seres, “ganhar a questão” era sinónimo de devorar a honra e/ou a sensibilidade do oponente ou receber algo como prémio ou preço a ser pago.

A contenda mental entre os seres demos dava-se a todo momento, o que cansava os “ouvidos” e a paciência de quem não padecia daquele tipo de demência. Tudo era “pegadinha”, “jogo mental”, nos quais a tortuosa argúcia ou esperteza, traduzia a suposta superioridade de quem a aplicasse. Infeliz do demo que se recusasse a participar de uma aposta, ao embate mental em torno de questões diversas, porque a sua honra seria posta em questão, por fugir ao desafio. Perder era menos ruim que fugir ou acovardar-se perante o oponente.

O doloroso é ter que admitir que este tipo de jogo mental, para aquela cultura, já representava um inegável avanço perante o uso da “violência física”, que antes era praticada no âmago das disputas, até ser percebido que, pelo facto de muitas gerações demos não “morrerem facilmente”, aquele tipo de confronto trazia, assim, desgastes desnecessários para ambas as partes. Os jogos mentais, portanto, foram a forma arquitetada para manter as disputas, o ganho e a perda, mas, agora, com a violência mental, com a tortura psíquica, o que levava aqueles seres a estudarem os assuntos, não porque esses pudessem elevar as suas consciências, porém, tão somente, para “agarrar” o oponente.

O pano de fundo psíquico de toda aquela postura, contudo, para mim, significava apenas a incapacidade de autocrítica, e as tais disputas pareciam ser um pedido dementado para que o outro descobrisse o que o próprio ser, sozinho, não conseguia, ou seja, a carga de elementos perturbadores da doença mental dos demos.

A cada “derrota” surgida, tinha-se “uma fraqueza” identificada, que precisava ser, então, corrigida ou superada. E, assim, seguia a vida daqueles seres, em meio às provocações que, no fundo, “diziam” ou demonstravam

um aspeto que não lhes era óbvio, isto é, “ajude-me a decifrar-me, sob pena de que eu venha a devorar a sua paciência e a sua honra”.

O tortuoso entendimento possuía, ainda, um outro aspeto singular: *somente os mais fortes, obviamente, provocavam os mais fracos*, o que apontava para uma demanda crescente destes se verem em querelas mentais, o que os obrigava a “evoluir”, por força da disputa. O mais enigmático, porém, era quando dois poderosos tinham que se confrontar, por este ou aquele motivo, o que “parava” a vida daqueles ambientes em torno de tais embates. E um dos aspetos da “*Lila*”, que constituía o ápice de todo aquele processo, era o “*jogo mental máximo*” em torno da *disputa de poder* entre três seres — que compunham a *Trimurti* — cujas forças pessoais se equiparavam, o que os levou a *conviver daquela maneira*.

Ao longo da minha “forçada permanência” junto àqueles seres, fui levado a outros rincões existenciais, aspeto sobre o qual aqui não farei maiores registos porque não teriam relação direta com o tema central do presente trabalho. No que se refere, porém, aos níveis principais, conforme pude avaliar, o “*céu de Vishnu*” parecia conter o infinito, como se fosse ilimitado — e penso que, ali, havia um “truque mental”, exatamente para causar esta impressão.

Já no “*céu de Shiva*”, podia-se perceber uma *escuridão imensa por toda parte*, mas que não disfarçava o “*aspeto prisional*” de muitos seres que, se ali não estivessem, a vida em outros lugares, com a presença deles, não seria possível. Como eram indestrutíveis, pelo menos por enquanto, ali padeciam de uma “espera pelo fim”, “aprisionados”, para poder permitir o fluxo da vida alhures. No meio daquilo tudo, luzes discretas e de coloração indescritível davam a sensação de um precipício incomum, produzido por

uma força descomunal, que parecia “tragar” o imprestável, como se fosse um processo gigantesco de reciclagem energética, em funcionamento contínuo. Sobrepondo-se a todo este contexto, regiões paradisíacas espalhavam-se à maneira de “ilhas”, aqui e ali, como se a mostrar que o “seu Senhor” era prenhe de todas as forças da beleza, mas também do que existisse de tenebroso, provavelmente como forma de destruir o que tivesse que ser destruído, para poder, assim, preservar a existência.

O “*céu de Brahma*” era aquele em que nos encontrávamos, com o seu aspeto confuso, desarmónico e “sem vida”, apesar de toda a barulheira e movimentações, que somente cessavam quando ele próprio passava a expressar-se!

— Não deverá, ó humano, o mais complexo cuidar do menos elaborado em perceção... — disse Brahma.

— Isso eu já reconhecia ao tempo em que Enoch transmitiu aos humanos o meu modo de ser e de pensar. Desde ali, eu reconhecia que precisava do apoio operacional de um dos “Senhores da *Lila*”, o qual se prontificou a enviar ao mundo dos terráqueos uma expressão sua, que me serviria de enviado, o qual tratei como meu messias. Em tempos anteriores, quando ainda me era fácil manejar o meu poder criador, cuidei zelosamente da evolução de muitas espécies porque me eram obedientes, e delas fiz a base do que hoje se pode perceber no universo que você chama de biológico. Cuidei de quem precisava de cuidados, cuide você agora, ó humano, você e os seus semelhantes, pois muito zelo dediquei, o quanto pude, a todos os humanos da Terra.

— Jó e outros que o digam, uma vez que, por pura perversão e capricho, você impinge aos mais fracos, de modo covarde, o peso do seu jugo criminoso. Não me venha com estas histórias de zelo e de cuidado, quando a verdade é outra bem diferente do que a que a sua mente doentia consegue arquitetar. Você não consegue fazer uma leitura decente dos factos que a sua loucura produz. Não comigo, ó Brahma! Diga estas sandices a quem você quiser, mas não a mim, nem espere compreensão da minha parte quanto a isto.

— Sou, para mim mesmo, ainda que ninguém mais saiba disto, exemplo vivo de que você é o mesmíssimo ser em ação, só que um pouco humanizado, o que não o transforma em ninguém decente. Muito pelo contrário! Como já lhe disse, penso que o seu crime é impagável e quanto mais você permanecer a ser o que você é, pior fica a sua “conta” e mais outros sofrem o “peso” da sua doença. Digo-lhe mais: a sua loucura, além de transformá-lo num criminoso, tornou-o um ser obtuso, o que o levou a “cegar” a humanidade. O facto de você achar-se “deus”, esta sua descabida pretensão impediu, a tal ponto, a humanidade de evoluir, que “cegou” por completo os que vivem na Terra, deixando as suas mentes viciadas no consórcio estéril com um “tipo de deus” do seu porte.

— *Os humanos jamais tiveram, até hoje* — conforme os mentores que aqui me orientam e pelo que eu mesmo sou obrigado a deduzir — *um conceito sequer razoável sobre “deus”, ao longo de toda a história deles.* Todos os conceitos nesta questão, até hoje colecionados pelo psiquismo humano, arrisco-me a afirmar, estão absolutamente apartados da verdade. *A “face do verdadeiro deus”*

jamais foi, nem de longe, vislumbrada pelos humanos ou por qualquer outro ser inserido neste vexame existencial.

— Nem mesmo a noção do “sagrado”, presente em cada ser, é do modo como os humanos foram levados a pensar. O mais digno da nossa parte seria *não assumirmos a crença ingênua e arrogante de “crermos em um deus” ou de “vislumbrarmos” a sua existência, pois tal não assenta em alicerces com um mínimo de razoabilidade. Tudo está infetado pela sua doença pessoal, ó Brahma!*

— Sei que os humanos ainda precisam de um pensamento confortável, pois foram criminosamente condicionados a iludirem-se romanticamente por meio das teologias e exegeses diversas, que procuraram justificar o injustificável, com as suas teses cheias de malabarismos no campo da crença. Vocês, com este modo demente, presumidamente divino, com que vocês se conduzem, já contaminaram todas as criaturas capazes de algum grau de pensamento. Se isto que agora se revela for verdade... finalmente algo de digno vocês serão obrigados a fazer: terminar o que jamais vocês deveriam ter iniciado.

— Já que vocês não podem finalizar a Criação, por incompetência destas suas formas de ser, tenham a decência de, pelo menos, cessar estas mentes doentias, que os caracterizam.

— Cuidado, humano, pois isto não é tão simples assim! — ponderou Vishnu. — Terá que ser feito, isso sei, mas existe ainda dificuldades a serem superadas. Se eu cessar-me enquanto Vishnu,

como ficará a força agregadora, que mantém o vosso universo em progressão? Você sabe, ó humano, sei que você sabe, que foi a minha mente que sintetizou a possibilidade de algo vir a dar certo no seio do universo que você chama de biológico. Se eu finalizar a vibração da minha mente, daqui onde me encontro, o que os humanos chamam de “matéria escura” cessará também de atuar sobre o aspeto material de lá, e as grandes formações galácticas logo poderão sentir o seu efeito, portanto, em seguida, tudo o que existe também fenecerá. Preciso dar condições de tempo, ao tempo do universo biológico, para que por lá se resolva o que neste não nos foi possível. Como poderei finalizar-me?

— Sinceramente, surpreende-me bastante, ó Vishnu, que a sua consciência *Adhydaiva* não perceba que, tanto a força como o *modus operandi* da sua expressão para o universo biológico, nos seus primeiros instantes de formação, não se deram a partir desta forma que você é hoje, mas sim, a partir da sua condição mental *Adhyatman*. É esta “tolice” em vocês que eu chamo de “demência”, por se acharem, nestas formas, o que vocês foram numa outra condição. Foi este o seu padrão de consciência que produziu as forças agregadoras, que permitiram o surgimento da “realidade material” no interior da Criação, que foi gerada de modo infeliz e incompleta. Ao perceber o problema, o padrão *Adhyatman* de Shiva — Savna, abreviatura de *Adhyshsisavna* — resolveu acabar com o que fora indevidamente gerado.

— Contudo, Brajna — abreviatura de *Adhyshprabrajna* — caiu no seio da sua energia *rajas*! A força mental destruidora de Savna foi, então, regulada para “deixar acontecer a vida que pudesse surgir”

até um certo limite temporal, e este seria — como está a ser — o tempo máximo que a força “*tamásica-entrópica-recicladora*” emitida conseguiu “garantir” como sendo o tempo em que aquilo teria um fim¹. A sua mente *Adhyatman* — Vatna, abreviatura de *Adhyshmavatna* — aproveitou este “tempo”, que é o tempo da duração da vida do universo biológico, para fornecer um meio que permitisse ao companheiro caído um modo de ele reconstruir-se e redimir-se, ó Vishnu.

— Será que você não tem consciência disto? Vou servir-me aqui de um comentário de Lucrécio², que afirmou: “*o mundo (universo) tem persistido por muitos anos, desde que foi posto em andamento outrora nos movimentos apropriados. A partir deles, seguiu-se tudo o mais*”. Ora, foram vocês três, como *Adhyatman*, que puseram esta Criação problemática nos movimentos apropriados, referidos por Lucrécio, e que atualmente a ciência humana descortinou na sua multiplicidade de matérias.

— Tudo isto é da responsabilidade de vocês, tanto o que fizeram antes, como o que estão a deixar de fazer agora, por incompetência destas formas, que mantêm vocês três “unidos” na mesma desgraça, porque o que der para um, dará para os outros dois. Sei que, lá atrás, foi esse o plano de vocês dois, ó Vishnu e Shiva, mas percebo que vocês “fingem esquecer” os desdobramentos criminosos do que fizeram, com receio do que, um dia, terão que

¹ NAT: Função da “energia escura”, assim chamada pela cosmologia.

² NAT: E novamente aqueles seres fixaram a sua atenção em alguns pequenos “aparelhos”, que aparentemente surgiam e ficavam como que a flutuar próximo a eles. Parecia que a “cultura terrestre” estava ali “digitalizada” e disponível para as suas mentes cansadas.

inevitavelmente enfrentar, apesar de não conseguirem “abrir mão”, de se autointitular como os “Senhores da Criação”. E você, ó Vishnu, ainda me pergunta, a um “simples e miserável” humano, sobre o que pode fazer...?

— Obrigaram a todos os demais seres vivos, criaturas que surgiram a partir das experiências criminosas que vocês fizeram, a vivenciarem um pouco ou muito do inferno que vocês criaram, e ainda estão aqui, nestes tempos, pousando de “essenciais” à Obra, quando dela jamais conseguiram dar conta nestas formas que precisam cessar as suas “expetativas e influências”, para que a Criação possa ter seu resumo. Ora, vocês não têm formas especializadas em muitas disciplinas? Deixem que elas sigam com o que vocês são, na atualidade, incompetentes para lidar, que é a complexidade que surgiu em plena “podridão”. Não é assim que a flor de lótus se edifica e se eleva a partir do charco?

— Não brinque comigo, ó humano... — alertou Vishnu.

— Você brinca com todos e faz de muitos, simples peças do passatempo de seres que se pensam imortais, mas que não sabem resolver os problemas que criaram, nem muito menos conseguem “abrir mão” do poder que pensam ter. Enquanto isso, todos sofrem desgraçadamente, à espera que vocês parem com este jogo e você ainda me adverte como se fosse eu a estar a brincar com vocês? Tenha dó, ó Vishnu, se não de mim, mas pelo menos de você mesmo, e pare com esta postura ridícula!

— Você e Shiva sabem como “deixar esta condição que vos viciou em se pensarem imortais e outras parvoíces com as quais se autoengrandecem a todo momento. Apesar das centenas de títulos honoríficos que pretendem possuir, vocês três “apodreceram”! As suas formas *Adhyajna* cresceram, floresceram da vossa lama mental e emocional. Libertem-nas! Elas conseguiram, apesar dos erros, porém, vocês três, não. Quando é que vocês compreenderão isto?

— Sei, humano, que a sua *tarefa foi e é a de decifrar-nos antes de perecermos*, antes de deixarmos estas formas — ponderou Brahma.

— São as nossas formas *Adhyagya*, operando por meio da hoste da qual você faz parte, presumimos. Entretanto, precisamos da sua paciência e da de todos, pois são muitos entre nós que estão a fazer esta transição.

— Paciência? Por mim, vocês podem ficar como estão, eternamente se desculpando e arranjando motivos para se manterem como são. O indesculpável é o sofrimento acumulado que vocês promovem nas suas criaturas, enquanto se observam, *ainda tentando descobrir se existe algum modo de vencer o outro ou de se atropelarem mutuamente*.

— Faltam, ainda, quantas apostas? É bom mesmo vocês finalizarem esta coisa que vocês chamam “*Lila*”. Nunca vi nada mais

estranho... É um “desequilíbrio pontuado”, que funcionou somente no vosso modo de pensar deformado.³

— Na prática, porém, parece ter sido o “acaso”, associado ao resultado de algumas apostas, a definirem o rumo de muitas coisas. Os gargalos da lógica humana, ao analisar os factos, não podem ser preenchidos somente pelos títulos honoríficos que povoam a vossa mente. Os factos os condenam, ao mesmo tempo em que apontam para o grande e desesperador esforço que, ainda assim, empreenderam. Não pensem que vocês são o que a arrogância destas suas formas *Adhydaiva* criaram para vocês e para as suas expressões *Adhyajna*. Vocês podem ser “grandes”, “majestosos”, conforme os valores que lhes são próprios, porém, os problemas que vocês geraram ultrapassam, em muito, o provável valor que vocês possam ter.

— Daqui retiro tão somente você, ó Shiva, que não é, conforme penso, um dos Cocriadores responsáveis pelo caos e dores gerados por teimosia intelectual. Sem a sua participação, isto não acabaria jamais. E você ainda atraiu para si a pior das partes. Não posso criticá-lo! Apenas constato e lamento o que esta sua forma *Adhydaiva* fez, movido pelos motivos que os levaram a obrigar-me a fazer parte disto. A humanidade, um dia, entenderá que um ser

³ NAT: Não vai ficar claro para o possível leitor destas informações a analogia que fiz entre a teoria do “equilíbrio pontuado”, de Ernst Mayr, que ficou conhecido mais tarde, quando a mesma teoria foi novamente apresentada, com nova ênfase, pelos paleontólogos Niles Eldredge e Stephen Jay Gould. Para Mayr, a teoria do “equilíbrio pontuado” referia-se tão somente ao aspeto da desconformidade morfológica no registo fóssil, ou seja, a total ausência de uma continuidade fóssil que mostrasse a lenta evolução das espécies, proposta por Darwin. Quando me referi à Lila como sendo um “desequilíbrio pontuado”, foi um modo crítico de demonstrar que eu não conseguia ver a mais remota continuidade entre o “progresso dos factos da Criação” e as ordens emanadas da Lila, nem muito menos o que eu lá via e os factos atuais da Terra. Se o processo que eu estava a participar fazia parte do que aqui chamo de “progresso”, esta já será a mais simples constatação da ausência de um “plano decente e inteligente” por trás de todas as etapas que tiveram lugar no drama que todos estávamos e ainda estamos a viver.

humano pode esconder-se por trás das suas próprias palavras, posturas e atitudes, como o fazem muitos dos “lobos” que se escondem no papel de líderes religiosos, políticos e outras funções. Enganam a muitos, durante algum tempo. Contudo, vocês aqui presentes, com as suas expressões *demodhármicas*, não podem fingir o que não são, ainda que se intitulem deste ou daquele modo. Os demos não podem fingir o que não são. Por isso, fica simples para uma mente humana, que tenha acesso a esta modalidade de existência, perceber as fragilidades que os marcam.

— Dizendo de outro modo, *entendam um aspeto da vossa convivência com os humanos modernos*, caso isso venha a existir: *vocês podem achar-se o que quiserem, mas aos olhos humanos, que podem ver sob uma ótica crítica, que parece desconhecida para a vossa lógica, a natureza comportamental que vocês ostentam parecer-nos-á sempre algo débil, demente e pouco sábia*. Por que é assim? Não sei! Todavia, afirmo-lhes que assim é. Não se iludam com o que vocês recebem da humanidade, que lhes venera, porque os humanos que assim o fazem não têm a mais remota ideia do que vocês representam.

— Agem desse modo porque foram e estão condicionados a isso há muitos milénios. Vocês banalizaram a própria mediocridade... além de terem também banalizado a tortura e o sofrimento. Tornaram-se parasitas da desgraça humana e esta passou a servir de pasto para as suas necessidades genéticas. Quando — e se — um dia, os humanos perceberem estas coisas, nesse ponto, caberá às suas formas *Adhyajna*, que estiverem a atuar, pedir desculpas por tudo o que vocês impingiram aos humanos ingénuos. Torçam

para que, nessa ocasião, o amor e a veneração de muitos não venham a transformar-se em nojo e em repúdio pelo conjunto da obra. Afinal, os humanos terão que estar minimamente motivados para buscarem, por vocês, o que a falência dos três, há muito, não os permite, que é a meta de evoluir! Quando ficar compreendido o que vocês fizeram com Jó e outros tantos membros da espécie...

— Não falemos mais de Jó — apontou Brahma.

— Se não fosse a minha honestidade intelectual, vocês jamais saberiam disso.

— Sim, de facto, como também até inventaram a “figura do diabo” para ficar mais bem composta a farsa oferecida aos humanos. Vocês, Vishnu e Shiva, apostam sobre a probabilidade de um ser humano permanecer fiel a Brahma ainda que vivendo sob o jugo da sua estupidez, que defraudou a vida de um ser tão somente para fazer valer os seus caprichos. Você, ó Shiva, na época, para Brahma, ainda era o seu grande antagonista, e a “figura do diabo” — inventada — foi, então, posta “pedagogicamente” na *Torá*⁴ para mostrar a superioridade de Brahma/Javé sobre os seus opositores e, ainda, para atormentar a humanidade.

— Que vergonha! Autonominados “Senhores da *Lila*”, vocês me dão pena e deveria ser uma vergonha para vocês, um humano, do meu “tamanho”, sentir isto por entes que se pretendem tão

⁴ NAT: A chamada “Bíblia Judaica”, o que corresponde aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, na atual versão “vulgata” da Bíblia.

elevados, mas que agem como bandidos e covardes de caráter deformado. Novamente, retomo aqui o uso da minha memória espiritual, para resgatar, das leituras da minha condição humana, algo que li, do escritor francês Albert Camus. Não vou nem perguntar se vocês conhecem porque sei que vão recorrer aos instrumentos que vocês dispõem para verificar a cultura humana.

— O mesmo afirmou — e, aqui, me utilizo da licença algo livre que me dou para reproduzir o que ele escreveu — que ele *"lutava pela nuance que separara a energia da violência, a força da crueldade, e mais especificamente, pela nuance, esta mais delicada ainda, que separava o homem que esperávamos nos tornar dos deuses que reverenciávamos"*. Esta nuance — ó vocês três que pretendem comandar o que não mais se enquadra nos moldes do tirocínio que ainda lhes marca o psiquismo — já se faz profundamente presente nesta atual condição que nos diferencia de vocês e nos situa a "anos-luz" de distância evolutiva nos campos do senso crítico e da composição de valores morais.

— A nossa razão filosófica é infinitamente superior a qualquer vislumbre que vocês três possam ter nesta condição *Adhydaiva*. Contudo, as vossas formas *Adhyajna* humanizadas compreendem isto e muito mais.

Todos os presentes permaneceram em silêncio e, nestes momentos, a realidade que nos envolvia parecia perder a vida. É como se fosse uma paisagem plástica, imobilizada, que em algum momento voltava a adquirir vida. Entretanto, mesmo naquelas ocasiões, o ribombar, já não mais

distante, parecia ter o seu foco próximo de se posicionar sobre as nossas cabeças.

Algo em mim decidiu continuar a falar.

— Este “meu eu”, enquanto ser terráqueo, é tão somente um “processo mental” que a natureza humana traduz para si mesma como se fosse um indivíduo e, realmente, este tipo de eu se “sente uma pessoa”. Todavia, não é o meu caso! Sei que, enquanto ser humano, sou tão somente um “processo mental” ao serviço do espírito que me anima, como também ao do que ele se encontra vinculado. Esta é a visão “adulta” dos factos. Você errou “feio”, ó Brahma, como quase sempre o faz. Você não se compreende nem entende coisa alguma além de si mesmo.

— “Eu sou”, você disse sobre si mesmo, mas você não é coisa alguma digna de respeito, só de lamento. Você já “devorou a si mesmo”, porque não soube decifrar-se, e devorou-me, esgotou-me e consumiu a minha energia, porque não soube nem sabe decifrar a criatura humana. E fez isto com incontáveis seres humanos. Mal sabem os estudiosos da Terra que alguns dos seres tidos como mitológicos tinham a característica psíquica de, ao encontrar humanos, *“pedir” para serem decifrados, tão grande era a incapacidade mental deles, que jaziam numa existência sem sentido para eles mesmos.* Esses sabiam que os recém-surgidos humanos possuíam um tirocínio superior ao dos “deuses”.

— Com o tempo, movidos pela raiva e pelo desespero de não serem decifrados (a “decifração”, aqui, assume uma “explicação” que os ajudasse a compreender a própria existência), passaram a devorar os infelicitados humanos com quem se defrontavam. Tudo isso porque herdaram, de vocês três, esta busca por um nível de compreensão que os permita entender o drama e o caos em que vivem. O “enigma” do “decifra-me ou o devoro”, surgiu como desdobramento desses factos que, inapelavelmente, nasceram a partir das suas próprias demências em não conseguirem entender o que tinham feito.

“Respirei profundamente” por alguns momentos, e continuei a falar.

— *A ciência que vocês construíram com esta mentalidade demo, que lhes marca o psiquismo, conseguiu decodificar o indecifrável em processos previsíveis, pelo menos alguns deles, o que reconheço ser um resultado superlativo. A mentalidade demo surgiu, penso eu, para fazer isto. Contudo, as fronteiras destas possibilidades, comuns ao vosso modo de vida, precisam ser ultrapassadas, para o bem de vocês mesmos. Entretanto, os passos que deveriam ser dados neste sentido, a falência, que agora os domina, impede vocês de seguirem adiante. Por isso resolveram criar, loucamente, outras formas de vida, para ver no que dava, e deu no que deu, só que vocês não sabem lidar com o resultado, que somos nós, os seres evolutivos biológico-espiritualizados, surgidos mais recentemente neste processo. Pelos vistos, somos a espécie mais nova em toda a Criação.*

Novamente, fiz esta afirmação para ver se alguém, dentre os presentes, refutava aquele facto. Todavia, ninguém o fez, e penso que este é um aspeto de uma verdade maior que podemos assumir como bastante provável.

— Quem primeiro poderia ter-lhe decifrado, ó Brahma, foi Pandora, a primeira mulher racional entre os humanos. Desde que vocês surgiram como “grandes deuses”, as novas gerações, que foram geradas a partir de vocês, começaram a digladiar uma contra as outras e, assim, foram-se renovando, sendo as perdedoras, aprisionadas, pois que poucos destes seres morriam.

— Todavia, ninguém compreendia coisa alguma do que se estava a passar, e, assim, ficou registado, nas mitologias, o facto de que, como os homens, os deuses pareciam também não saber de muita coisa, pelo menos quanto ao sentido da vida e à função de cada um deles. Contudo, ninguém — nem mesmo os mais novos demos das gerações mais recentes — conseguiu ter senso crítico para diagnosticar a doença da qual todos padeciam. Pandora, antes de ser humana, sentiu isto nela e, pelo acúmulo do que recebeu de outros como “prendas” e “castigos” por ordem de Zeus, pôde então perceber que algo de muito errado existia com o “modo demo” de existir. Como deu tudo errado lá atrás, coube a alguém do meu “tamanho”, como o último dos seus escolhidos — eleito que fui para ser atormentado pela sua estupidez —, “*decifrar este enigma*”, única maneira de cumprir com esta tarefa necessária, segundo o que apontam as vossas expressões *Adhyagya*.

— Compreendemos, ó humano, mais do que você pode imaginar, que perdemos, sim, oportunidades cujos desfechos poderiam ter modificado muito... lá atrás — declarou Vishnu.

— Todavia, as perdemos, e não há nada que se possa fazer! Estamos a demorar a acostumar-nos, mas, nós mesmos, sem que o soubéssemos ao certo, levados até por outras questões, traçámos um limite para esta primeira etapa em que trabalhámos meio que às cegas, promovendo experiências para delas retirar o necessário ao prosseguimento. Compreenda uma coisa: *nunca houve uma oposição inteligente, construtiva, ao nosso modo de ser, como agora os terráqueos nos proporcionam.*

— *Precisávamos ser decifrados, mas sem rebeliões.* Entenda isto! Esta é a única opção possível para Brahma, como também para a hierarquia de descendentes a ele incorporada. Ao mesmo tempo, é também a opção que resta para mim, Shiva e as nossas descendências. Apesar do fenomenal “atraso” — para vocês, humanos — e do tempo gasto com toda essa história, esta “decifração”, que tanto tardou, foi implementada “rápida demais” — para nós —, e estamos ainda a adaptarmo-nos aos seus efeitos. Entretanto, mesmo antes desta adaptação ser concluída, o limite, que impusemos lá atrás, já se consumiu, e não há mais como postergá-lo. A aposta foi vencida, mas ainda não foi paga. É disto que estamos a cuidar agora.

CAPÍTULO 8

O Alerta Que Não Veio e a Transição Que Não Aconteceu

A afirmação de Vishnu, sobre o que ele considerava como sendo a “rápida decifração” que a lógica humana havia feito — ou estava a fazer — a respeito do modo destes seres agirem e também acerca do significado deles e da Criação, era um “ponto fora da curva” da minha capacidade de suportar a indiferença glacial da *Trimurti* para com o sofrimento que produziram em uma incontornável quantidade de criaturas.

A minha “miserável” porção humana aceitava muitas coisas, mas aquela dose de indiferença — abertamente demonstrada para com as questões referentes às apostas, covardemente imputadas aos ombros desavisados — aos sofrimentos, aos tormentos e aos “testes psicológicos” para identificar se os humanos seriam ou não confiáveis para esta ou aquela “missão”, tudo aquilo ultrapassava, em muito, o meu limite de manter a minha quota de “repúdio filosófico” longe do desprezo emocional.

O incontestável, pelo menos para mim, era que a “subserviência milenar” — da parte dos clones, de uma certa maneira, e dos demos, de outro modo, em relação aos “Senhores da *Lila*” — terminou por não produzir o alerta, para a cultura demo, de que, por mais longa que esta fosse, ela teria um fim, e este seria promovido pela sua própria incapacidade de produzir padrões

mais complexos, o que provocaria a inevitável ausência de progresso para toda a hierarquia e agregados em torno da Lila.

Com o surgimento dos seres biológicos, pensantes em algum nível — o padrão que ocorreu na Terra foi surpreendente para eles — surgiu, nos chamados altos níveis hierárquicos da *Lila*, uma inconsequente presunção de que estes *deveriam ser controlados por meio da “promoção da veneração”*, único modo de dominar a nova raça. Foi, então, viabilizado um processo de veneração ingênua e cega, a tal ponto que os dois focos extremos desta corrente, que são os “deuses” e seus “fiéis”, repassam “tudo” uns para os outros, menos serenidade e sabedoria.

A adoração exacerbada faz mal ao avanço espiritual, contudo, perante as circunstâncias de cada época, pôde produzir uma considerável sensação de conforto, o que “ajuda a suportar ou a levar a vida”. Para tanto, será sempre necessário abstrair-se do caos à sua volta, e é exatamente isto que a Yoga faz para poder promover o caminho da “libertação”. Entretanto, a questão é: de onde veio este caos que nos envolve e do qual somos agentes, sem que o nível da nossa consciência — a terráquea — tenha sido sequer consultada? O enigmático — mas, para nós, considerado e aceitável — é que a nossa consciência terráquea já se vê assim, em pleno caos!

Poderá existir ética nisto? Qual o respeito para com a sensibilidade de quem se vê a existir desta forma? Nenhum! E ainda temos de agradecer pela “dádiva da vida?! A explicação de que é no nível do livre arbítrio pertinente ao padrão da consciência espiritual particularizada, surge como que “justificando” a eterna canalhice de que “os fins justificam os meios”, que é promovida pelos “Senhores da Lila”. E mal sabem eles que esta “samsara”, esta roda de gerar vida, *somente funciona porque a Espiritualidade a ela se*

submete por efeito do “favor divino” — que está em curso — a estas entidades caídas. Se não fosse assim, deveriam ser rasgados todos os manuais de ética que a Espiritualidade vem sacralizando até hoje.

Se o “bem” que existe no coração, no psiquismo de um ser humano, vier a expressar-se, o “bem” existirá no universo. Caso contrário, não será percebido pelos que vivem por aqui, pois não virá uma “força benevolente exterior” que possa produzir — no âmbito da “podridão” em que os termos desta Criação se processam — o “bem total” que os ingênuos e desinformados terráqueos esperam. Esta “força benevolente” existe, contudo, estranhamente, não consegue agir — pelo menos nos moldes em que a lógica humana foi estruturada para poder construir racionalidade, senso crítico e sensatez para encarar este aparente enigma.

A Espiritualidade precisa aprofundar estas questões nas suas “ondas” de revelações aos terráqueos porque *o bem precisa ser trabalhado no íntimo de cada ser e, se assim não for, simplesmente não existirá*, não será produzido — literalmente, não cairá do céu!

A grande questão é que a *Trimurti* faliu neste mister. O problema superlativo é que a hierarquia em torno da *Lila* tornou-se incompetente para produzir este “bem”, que constituiria e constitui a formatação mais avançada possível de ser “digitalizada”, no DNA particularizado, por meio do processo físico-químico-biológico-espiritual, que compõe a vida de cada ser terráqueo.

Jamais houve uma transição produtiva da componente “demo” para o que agora acontece com a vida humana terráquea. Os diversos seres demos

jamais conseguiram ser alertados para o facto de que o seu género faliu para este mister. *Nunca houve uma “programação espiritual” entre eles que tenha conseguido produzir uma revelação com estas características elucidativas. Portanto, jamais houve uma transição e a cultura demo foi obrigada a “engolir” os humanos como sendo os instrumentos substitutos no progresso dos “deuses”.*

Aqueles seres, mesmo os mais habilitados entre eles, não demonstravam a mais remota noção de qualquer conhecimento em torno dos assuntos mais profundos por trás das suas próprias existências. Eram cegos e ignorantes, mas, apesar disso, profundamente presunçosos quanto ao que significavam e julgavam saber. Por isso que as últimas posturas deles em aceitar parte do que ali estava a ser dito, era motivo de profunda surpresa até, e principalmente, para eles mesmos.

— Você costuma dizer, na Terra, que os humanos terráqueos terão que passar, dentro em breve, da idade infantil para a adulta, sem transitar pela preparação da adolescência — afirmou Vishnu.

— É isto? Deduzo que o mesmo está a acontecer com todos nós que existimos desde os primeiros momentos.

— Sim, só que vocês três vão deixar de operar, se assim o decidirem, mas os demais vão ter que continuar a existir nas “moradas” deste universo¹, porém sem poderem progredir de modo efetivo. Na verdade, há muito tempo que vocês “estacionaram”

¹ NAT: Universo antimaterial, paralelo ao nosso.

nisto que vocês são. A *Lila* aprisionou-os, apesar de vocês a terem criado para que os seus desdobramentos aprisionassem as demais criaturas. Contudo, o que é a *Lila*? Para vocês é tudo: “passatempo de governantes”, “regras dos governantes”, “lugar ou modo como os governantes decidem/apostam e agem”, “palácio de governo da *Trimurti*”, “jogo de poder mental”, enfim, esta hierarquia cheia de “níveis aristocráticos” que disputam e mal conseguem operacionalizar processos inteligentes.

— Entretanto, para mim, para a minha lógica, é um laboratório onde a vossa demência torra a paciência de qualquer ser que não padece da mesma doença que os torna seres dementados; é tão somente um hospício no qual caíram seres outrora poderosíssimos, mas que hoje nada mais são do que dementes a cuidar do que não podem cuidar. Ainda assim, condicionaram todos a tratá-los como “deuses”, “superdeuses”, enfim, uma “maluquice completa”! Sinceramente, ó Vishnu, por mais que vocês três — e penso que os demais que aqui estão —, me escutem, até que se deixam tocar pelo conteúdo mental que lhes repasso, pelo “sentido profundo” que é possível ser percebido pela vossa mentalidade. Todavia, isto somente dá-se nos primeiros momentos. No instante seguinte, talvez exatamente pela demência que povoa o psiquismo desta classe de seres, o tirocínio demo oblitera-se, e tudo o que foi apreendido já não mais reside na memória, e não fica disponível para ser utilizado pelo modo mental que os move. Sinceramente, não acredito que nada disto vá dar certo, exatamente por esta razão. Vocês estão sempre à espera que os momentos se expandam, que o presente seja sempre procrastinado, como se o futuro lhes fosse horroroso — e penso que deverá mesmo ser! Aqui

eu não volto mais, ou melhor, vocês até podem trazer-me, mas aqui não permanecerei. Se o fizer é porque estarei a ser obrigado e, então, recusar-me-ei a movimentar a minha mente, porque independentemente do que possa querer o espírito que me anima e as vossas formas *Adhyagya*, o meu “eu terreno” é quem decide o que aqui faço. Forçarei a minha saída até que o meu corpo terrestre morra, mas aqui não permanecerei. Não tem mais como isto funcionar.

— Já lhe dissemos que não é você quem decide isso... — ponderou Brahma.

— Realmente, não vou mais discutir isso, apenas saibam que quem decide sou eu. Vocês podem matar-me e muitas outras coisas, mas isto sou eu quem decido.

— Nós estamos a tentar... — começou a afirmar Shiva.

— Para mim, vocês funcionam como se fossem uma “podridão” a tentar “embelezar-se”, mas que não deixa jamais de estar “podre”. Vocês lançaram toda a “sujeira” sobre os ombros de muitas espécies vivas e a estas coube e cabe carregar este fardo e, apesar disso, evoluírem, crescerem com este peso de doenças, loucuras e desafios de todo tipo. E o pior é que, ainda assim, são atormentadas pelo patrulhamento e vampirismo absurdos que vocês promovem daqui.

— Não pode existir uma “melhoria da podridão” e é isto que vocês precisam compreender! A questão é que vocês terão que deixar estas formas “apodrecidas” para ver se os seus espíritos podem produzir coisa melhor do que foi feito até agora. Vocês sempre apostaram e estão a apostar na “melhoria da podridão”. “Podridão” é “podridão” e isto vocês não veem! A única parcela, no âmbito desta Criação, que pode melhorar e evoluir é a composta pelos seres biológicos surgidos mais recentemente, que portam um menor percentual desta “podridão” nos seus DNA’s. Acabou!

— Quem é você para dizer-nos que acabou? Sou eu... somos nós que comandamos o processo que eu iniciei... não cabe a nenhuma criatura traçar o limite das experiências que nós determinamos — explodiu Brahma/Javé, em fúria.

— Você querendo ou não, ó Brahma, apenas estou a constatar que acabou. Não estou a decidir nada por quem quer que seja. Decido apenas por mim mesmo, na quota de livre arbítrio que posso pretender possuir na condição humana e, aqui, como já disse, esta é a última vez que, de “modo útil”, vocês terão a minha participação nesta tragicômica situação em que vivem neste ambiente. Vocês talvez não saibam fazer a leitura dos factos produzidos por este modo *trimurtiano* que marca os seus psiquismos.

— Eu a faço, à minha maneira, mas faço! E a leitura que posso fazer sobre o que vocês estão a produzir é a de que vocês faliram a tal ponto que somente produzem mediocridades diversas e, por isso, afirmo: acabou! Vocês não têm mais para onde ir. Você apostou nisto tudo que existe e que se encontra por aí, ó Brahma,

e nada funcionou. Perdeu a aposta tanto no sentido geral como nas particularidades dos seus chamados desígnios.

— Até mesmo a “aposta mais famosa” entre vocês, que foi referida por Enoch, relativa à sua “incapacidade de sair do seu palácio” e de se fazer presente em outras partes da sua Criação, ó Brahma, até esta você perdeu, pois, esta sua expressão jamais saiu e não sairá desta *Brahmaloka*, muito menos do modo como você sempre afirmou que o faria. Sairá porque o “seu eu” deixará de habitar esta sua forma *Adhydaiva*, posto que a mesma terá que deixar de existir a seu tempo. Contudo, a sua doença nunca lhe permitiu deixar este nível dimensional. Enfim, nestas condições não existe mais nada que vocês possam produzir e controlar. Por isso, novamente constato: acabou!

O silêncio permaneceu enquanto aqueles seres se entreolhavam.

— E afirmo-lhes mais! — disse, ao mesmo tempo em que me estranhava a dizer aquilo.

— Sou obrigado a anunciar-lhes que, até mesmo *a condição, que vocês têm no presente, de poder perceber qualquer parte do que foi gerado — ainda que não possam mais interagir e sair desta dimensão* porque a entropia cósmica-sideral fechou todos os “portais” desde o ano terrestre de 2012 —, *também deixará de ser-lhes possível, daqui a algum tempo, por efeito da mesma força tamásica*. Até agora vocês puderam e ainda podem observar os seres do universo biológico e eles não têm como fazerem o mesmo

em relação a vocês. Um pouco mais e isto, também, não mais lhes será possível. É o que a sua forma *Adhyagya*, ó Shiva, solicita que vos seja transmitido, como também aos demais que aqui se encontram. Os que aqui permanecerem ficarão “cegos” em relação ao que se passa alhures.

— Disto eu não sabia... nem mesmo você, não é mesmo Vishnu? Nós, que pensávamos saber de tudo, estamos a ser agora surpreendidos por isto... — expressou fortemente Shiva, para logo depois deixar-se diminuir a um tamanho tal que eu jamais havia percebido.

Eu estava espantado e, mesmo assim, permaneci por um bom tempo perguntando-me quando é que aquilo acabaria, pois, por mim mesmo, eu já havia julgado aquele desconcertante encontro como finalizado em outras oportunidades, mas o processo, grotescamente, continuava como se não pudesse ser interrompido ou finalizado.

Eles começaram a conversar entre si, de uma maneira algo “alvoroçada”, o que me permitiu fechar os olhos e continuar a ser orientado por “amigos” espirituais, que me solicitavam calma e paciência.

Dois seres chegaram, não sei exatamente de onde, pois somente os percebi depois que eles já estavam a apresentar umas projeções para os “Senhores da Vida” — como eles também se autodenominavam.

— Temos que dizer ao humano... talvez ele possa esclarecer-nos em algum aspeto que não saibamos — disse Brahma.

— Fomos informados de que, enquanto estamos aqui reunidos, uma falange de seres situados em uma outra dimensão que nos é conhecida, mas sobre a qual jamais quisemos despendar as nossas energias para exercer algum controle, desenvolveram uma tecnologia e estão prestes a invadir a nossa, a qual, por razões que estamos agora a conhecer, apresenta fragilidades. Você sabe alguma coisa sobre isto, ó humano? — perguntou Brahma, algo cabisbaixo.

— Sei que as pessoas na Terra não sabem, mas pensei que vocês soubessem... Nos ambientes espirituais intermediários entre a dimensão da Espiritualidade Superior, a do universo biológico e a desta faixa de realidade paralela, na qual vocês vivem, existe um nível dimensional chamado de "erraticidade" que, conforme deduzo, vocês conhecem. Vocês não conhecem os ambientes da Espiritualidade Superior, mas essas faixas primárias podem ser percebidas por vocês, ainda que pensem ser também parte da Criação emanada da luta mental que lhes envolve. Esse nível é composto, na atualidade, por incontáveis "núcleos de seres espirituais muito problemáticos", os quais, há um intervalo de tempo incomensurável, mantêm aceso o "ódio", o sentimento de "revolta e de indignação" em relação a muitos seres, principalmente os tais que aparecem na história do que se encontra registrado nas suas mentes cansadas, como sendo os "condutores", os que se passam por "deuses" ou mesmo os mais afoitos que se confundiram com o próprio, afirmando ser isto e aquilo, inclusive, o próprio deus.

— No caso da história terrestre, alguns desses ficaram retratados nas páginas infelizes do passado, enquanto outros são totalmente

desconhecidos. Esses espíritos profundamente perturbados e com “sofrimento acumulado” de muito tempo, culpam e/ou responsabilizam alguns “agentes e representantes” da *Lila* (ou da *Trimurti*, ou da Tríade, como muitos chamam) pelo sofrimento e pela “danação” a que foram destinados desde épocas imemoriais, por decisões advindas desses agentes ou mesmo pelos desdobramentos dos eventos por eles iniciados de modo imperioso. Compõem parte do contexto a que o conhecimento humano chama de “trevas”.

— Ora, neste lugar em que agora nos encontramos e no qual vocês vivem, estão os focos mentais e o que resta da consciência de muitos dos “agentes e representantes da *Lila*” que, devido ao desgaste do tempo, por promessas não cumpridas e por imposição de jugo pesadíssimo, são agora “objeto de repúdio” e de outros sentimentos mais “pesados” e menos nobres da parte de incontáveis seres. Mesmo algumas das expressões *Adhyajna* de Vishnu e de Shiva — que aqui não se encontram, ou, caso estejam, não se me apresentam —, que também eram tidas como “entidades divinas”, “deuses da existência”, porque sempre se apresentam como “deus”, deuses”, “a verdade encarnada”, dentre outros epítetos, o que, por si só, conforme a lógica dementada de muitos desses seres, são tidos, na atualidade, como responsáveis, como culpados pela desgraça na qual vivem.

— Muitos dos seres que aí estão, presumo, são os que cobram o sangue que derramaram por Jesus, por exemplo, e que agora sabem que não serviu para coisa alguma, e que se sentem, portanto, enganados. Tiveram uma vida horrível na Terra, na qual

foram sacrificados em “nome de Jesus”, e estão a ter uma vida espiritual mais horrível ainda, apesar de ter sido a eles prometido o “céu dos justos”. Em resumo: cansaram-se de tanta esquisitice e, como sofrem demais, não mais suportam uma esperança vã. Os que padecem na Terra do sentimento da esperança como forma de se manterem vivos, conseguem suportar o desengano por dois motivos: as vidas são curtas, logo passam, e as religiões mantêm acesa a chama da mesma fé a perpetuar-se, porque assim angariam e ajuntam mais fiéis em torno da tal esperança. Entretanto, para quem já morreu e “mal”, ainda que na Terra possam ser aclamados como “mártires”, se não conseguiram perdoar o tortuoso enredo das suas vidas passadas, o estacionamento num “tempo mental torturante que jamais passa” e o acúmulo de sofrimento — como já disse —, levam o padrão dessas consciências cansadas a um nível tal que os desespera ao extremo.

— Talvez, a energia *tamásica*, que traduz a entropia que atua tanto no universo biológico como no antimaterial e nas periferias espirituais primárias — onde se alojam esses espíritos “pesados” por tanto sofrerem nas suas experiências em ambos os universos, mas, principalmente, no material-biológico — esteja a “enfraquecer” ou mesmo “desfazer” as barreiras interdimensionais que, até então, sempre funcionaram adequadamente. Estas barreiras “unem” e “separam”, ao mesmo tempo, as faixas de realidades distintas².

² NAT: Unem no sentido do paralelismo, da vizinhança vibratória.

— Nos tempos atuais — em que se verifica o aceleração da expansão universal, no âmbito no qual vivem os seres biológicos-evolutivos, exatamente pelo aumento do “império da força entrópica”, do mesmo modo que fechou os “portais”, que permitiram durante tanto tempo a vossa interconexão, ou seja, dos seres demoníacos com o universo biológico —, parecem estar agora, em contrapartida, a produzir “rasgões” no tecido deste universo antimaterial no qual vocês vivem e, talvez, isto esteja a “permitir” que essas hordas de desesperados possam vislumbrar um ajuste de contas com aqueles que os destinaram ao sofrimento devido às experiências biológicas e a às missões impositivas de emissários que os fizeram acreditar em dogmas indevidos e dos quais foram vítimas.

— Então, se for isso, aqui reside um outro problema que, suponho e espero que vocês saibam, que tem a ver com a incompatibilidade energética entre as vibrações desta dimensão e o padrão que existe na faixa espiritual primária onde vivem esses espíritos pesados. Não sei como isso poderá ser resolvido. Todavia, o problema existe e está a cobrar de vocês uma providência.

— Isso não é possível! — bradou Brahma enfurecido, apesar de fraco.

— Talvez seja prudente pensarmos que sim, e prepararmo-nos para a eventualidade — ponderou Shiva.

— Afinal, do que é que o humano está a alertar-nos? Que, por muitos meios, estamos a ser destronados! E todos eles a acontecerem paralelamente e há muito tempo a serem lentamente elaborados. Talvez, seja mesmo o nosso fim!

— Contudo, eles são as minhas criaturas e os castigos que lhes impus foram justos e... — disse Brahma.

— A questão é que você não tem autoridade moral nenhuma para castigar a quem quer que seja, ó Brahma, e jamais a teve. A sua loucura é pensar que tem! Em algum momento isso vai ser-lhe cobrado, apesar do seu papel de Criador, e talvez essa prestação de contas esteja mais perto de vocês do que possam imaginar.

— O problema é que não vejo “advogados de defesa” para vocês, pois nem mesmo as suas formas *Adhyajna*, a meu ver, parecem ter mérito moral suficiente para cumprir com esse papel. A omissão destes seres, quando saem da Terra, é temerária, mas talvez a responsabilidade seja de vocês os três, que atrapalham qualquer plano decente que possa vir deles. Isto é o que penso! — disse da minha parte.

— Todavia, eu sou o Criador e a minha energia, o meu código de vida, o meu ser encontra-se distribuído em todos — falou Brahma.

— Cada ser particularizado e “pensante” — devo agora reconhecer —, conduz, junto comigo, a construção do futuro. Não sei agir de outro modo. Talvez, passando pelo que terei que passar,

nessa “transição de fase”, como o humano se refere, eu possa aquietar certos compartimentos da minha consciência e assumir mais completamente o modo humano terráqueo de verificar os problemas e conseguir levá-los adiante, ainda que possuam uma vida curta e sem significância.

— Melhor dizendo, com significância, sim, porque o que vocês fazem, doravante, terá uma significação que hoje não sei medir, o reconheço. Nunca gostei de escutá-lo, ó humano, quando você me jogava na face que “eu seria refém da humanidade”, ou seja, “para onde ela fosse, eu teria que ir”. Neste ponto, reconheço que é isto mesmo. Entretanto, ainda não sei agir neste sentido — explicou-se Brahma, mais para ele mesmo do que propriamente para mim.

— Para mim, ó Brahma, fazendo uma analogia com os elementos que dispomos na Terra, você vê cada espécie como sendo um formigueiro, uma colmeia, onde uma abelha-rainha manda e é servida por todos os demais. Penso que nada representa melhor o seu psiquismo em relação às suas criaturas que o que acontece com os formigueiros, com as colmeias e com os cupinzeiros da natureza terrestre.

— Você é como a “rainha” das abelhas, das formigas e a dos cupins, mas isso funciona entre você e os seus clones. Contudo, com os seres humanos — “caia na real” — isto não tem como funcionar nos mesmos moldes. E digo-lhe mais: a ideia ingênua e equivocada que os seus fervorosos fiéis têm a seu respeito, é o maior impedimento para que deles você possa receber o apoio vibratório que, agora, você parece ter consciência do quanto precisa

disto. Sinceramente, não sei, quando e se existirá uma geração de humanos terrestres que possa absorver a verdade sobre a sua real situação e o significado da Criação que você implementou.

— Geralmente, quando descobrem, acontece o que está agora a ser verificado nessas moradas umbralinas da erraticidade espiritual: revolta motivada pelo desespero e sofrimento acumulados!

Mais ou menos no momento do final das minhas palavras, tudo “tremeu” loucamente. O “tudo”, aqui, inclui necessariamente o espaço, que literalmente “balançava” muito mais do que o próprio chão.

Levei um susto superlativo e, pela primeira vez, percebi que não estava sozinho naquela atitude. Se no nosso universo o facto de existir mais matéria do que antimatéria tem relação com algo que a ciência pouco a pouco está a descobrir, e que se refere ao facto de que a “violação desta paridade matéria-antimatéria” parece ser um fenómeno cumulativo, ou seja, sempre existirá mais matéria por aqui até que o universo material se consuma e desconstitua os seus mais tênues elementos materiais. Só que, aos meus olhos, o mesmo parece não ter ocorrido no universo antimaterial daqueles seres, pois a “realidade” por lá estava a desmoronar.

É como se o nosso universo estivesse em expansão acelerada, como os cientistas apontam, e lá estivesse a ocorrer exatamente o contrário, ou seja, um *big-crunch* antimaterial, e a “asfixia vibratória”, resultante deste processo, consumindo lentamente tudo o que ali existia e existe, incluindo os seres. Era muito esquisito. Não havia boa vibração em nenhum ambiente.

— Digam-me uma coisa, definitivamente, para que eu possa entender: vocês podem ou não sair daqui, deste universo antimaterial?

— Não, não mais podemos — disse Vishnu, de modo amargo.

— Houve um tempo em que eu e Shiva podíamos, mas, agora, como você mesmo disse, provavelmente devido ao efeito da energia de Shiva, que está prevalecendo, não mais podemos. Presumivelmente, antes de mergulhar na Criação, a orça pessoal da forma *Adhyatman de Shiva — Adhyshsisavna* — tenha urdido a sua expressão exatamente para que fôssemos tendo um “tempo para tudo”, mas não teríamos todo o tempo para fazermos o que quiséssemos. E isso — penso agora — foi um inteligente fator limitador para forçar-nos a tomar certas atitudes perante os factos. Contudo, “esse final”, fomos nós que o projetámos sem que soubéssemos dos seus detalhes e mesmo quando a prevalência desta força se daria nesses moldes, impedindo-nos de continuar no comando. Aqui, o resumo do enredo para a sua lógica, ó humano, seria o seguinte: nós três estamos a enfraquecer — é um facto —, sendo que, eu e Shiva estamos definhando propositadamente, enquanto Brahma, não está!

— É difícil olhar para vocês três e não se deixar possuir por um desalento profundo... Apesar do sacrifício a que vocês dois se impuseram, isso não os exime do facto de serem “atores de um vexame”, de terem-se transformado em “aberrações” perante a lógica que passou a existir nos seres humanos. Esta rota que estão a percorrer, da “podridão” até à possibilidade de progresso com

vistas à redenção das suas consciências, implicou em crimes — como já lhes disse — impagáveis. Lá na Terra, crianças, notadamente meninas, são condicionadas e drogadas por forças terroristas para se “autoexplodirem” em meio à população civil como forma de luta pela criação de um califado ou qualquer outra justificativa tresloucada, que em seus muitos nomes, ó Brahma, é praticada. Enquanto isto, vocês estão aqui, tentando enjaular um humano do meu “tamanho”, sem demonstrarem a mais remota sensibilidade, o mais tímido senso de responsabilidade pelo que acontece na Terra, apesar de saberem que tudo foi e é subproduto das artimanhas e estratégias destas suas mentes doentias. E vocês pedem-me para falar sobre o que penso...

Os três, como os demais, escutaram-me de modo impassível, sem demonstrar maiores reações, apesar daquilo ser mesmo típico do psiquismo demo.

— Continue, ó humano, para que estabeleçamos, doravante, uma base sobre o que é inaceitável... assim, talvez, venhamos mesmo a perceber que nos acostumámos às coisas como elas são porque não as podemos gerir — ponderou Shiva.

— Por que eu? Afinal, por que as suas formas *Adhyajna* não estabeleceram ou estabelecem isto para vocês?

— *Elas não são aceitas por Brahma...* jamais o foram — tornou a explicar Shiva.

— Tem que ser uma criatura a promover estes esclarecimentos. Tem que ser você ou outro humano a fazer isto. Contudo, Brahma o elegeu há muito tempo, por isso tem que ser você.

Eu estava mesmo no meu limite porque, naquele instante, a sensação de desalento profundo foi se instalando a cada intervalo daquela comunicação e, para superá-la, era necessário “muito oxigênio”, o que me faltava sobremaneira naquelas circunstâncias.

Reuni forças, não sei muito bem de onde vindas, e procurei continuar com aquela situação arrastada e deplorável que parecia não ter mesmo fim.

— Deformadores da vida, isto é o que vocês são! O que vocês fizeram foi um crime nunca antes cometido. Se a culpa foi de um, de dois ou dos três, é problema que não me cabe avaliar. Seja o que for, é sobejamente sabido o quão grave foi a falta de vocês. O pretenso heroísmo de vocês dois que, neste “modo de pensar *Adhydáivico*”, afirmam ter “mergulhado” na Criação para ajudar, para resgatar um “irmão caído”, não justifica os crimes cometidos na tentativa de resolver o problema. Será muito difícil para os terráqueos, que desde Pandora e a tessitura de um planeamento de fundo espiritual por trás da sua vida, viram-se condenados a serem racionais e, portanto, livres, sendo este motivo pelo qual, até hoje, vocês três agem como “bestas torturadoras” ao se permitirem fazer “apostas” que ultrajam a dignidade dos seres.

— A lógica perversa da qual vocês partem — a de que “os fins justificam os meios” — qualquer “mau caráter” terráqueo também

a usa, mas é punido quando assim o faz, no âmbito da sua própria consciência espiritual, quando esta se defronta com o mérito ou demérito inerentes à continuidade da existência. Não que haja um Deus que nos puna. Não é isto! É uma questão de consciência, que vocês três estão a adiar assumir porque algo, nos seus psiquismos, sabe quão desgraçadamente culpados e criminosos são estes seus veículos gerados para existir no âmbito desta Criação. Degenerados como vocês são, as outras formas *Adhyajna*, estas sim, em rota de progresso, sempre que se formam, algo nelas praticamente as obriga a acharem-se “deuses” superiores a tudo o mais, inclusive aos padrões anteriores da própria consciência pessoal, ou seja, a vocês dois, ó Vishnu e Shiva.

— Enquanto vocês existirem, estas suas formas mais avançadas, como Krishna, Jesus e Sai Baba, não poderão ver-se livres do envenenamento psíquico que emana destas suas mentes doentias. O que ainda existe da Obra não poderá mais ser administrado por personalidades egocêntricas, dementes e carentes de progresso espiritual, como é o caso de vocês três. Cessem a si mesmos, tornem-se inoperantes, acabem com este horror que vocês propiciam a todas as criaturas que surgiram a partir das suas “apostas de configurações do DNA”, semeadas no universo para que delas pudesse surgir a vida biológica. Os espíritos que me ditaram as informações constantes no livro *“Reintegração Cósmica”*, ó Vishnu, provavelmente pelas minhas limitações de entendimento à época da arquitetura das suas páginas, situaram que o “espírito de escol de Jesus”, por não poder ser imantado a um corpo animal, teve que, por isso, ser inseminado na sua mãe terrena. Você tem alguma noção sobre o que estou a falar?

— Ó humano, se você soubesse como é duro receber da sua parte estas considerações, provavelmente se esforçaria para se dirigir a nós em outros termos — reclamou Vishnu.

— Contudo, na medida em que aqui o mantemos, estamos à mercê da sua vontade, isto é um facto. Sim, ó humano, sei a que se refere, pois tive que ficar praticamente inoperante para que a minha consciência, enquanto Sophia, pudesse por ela mesma providenciar a sua desconstituição temporária para se fazer humano, o que a obrigou a agir da maneira que fez. A questão do “espírito de escol” sempre pensei ser a minha consciência anterior aos eventos inerentes a esta Criação. Entretanto, pelo que você diz, há ainda um outro nível de consciência mais profundo, sem ser a forma *Adhyatman* na qual este “problema” teve origem — disse um Vishnu algo “cansado”, em resposta.

— Sim, ó Vishnu, se bem entendi, a vossa forma *Adhyagya* é que corresponde àquela que permanece atuante, a espiritual profunda, no seu caso e no de Shiva, pois a de Brahma encontra-se “combalida” desde o problema com a sua forma *Adhyatman*. Essas formas *Adhyagya* são as que financiam as informações que aqui veículo e que tenho abordado em alguns dos livros que produzi. Entendam, e terei que ser repetitivo: as formas *Adhyatman* de vocês três transformaram-se nestas formas *Adhydaiva* que agora lhes marcam a face existencial neste nível de operacionalidade, mas elas precisam deixar de existir para que as suas melhores expressões espirituais possam assumir o comando universal e do que restar destas “moradas” nesse lado de cá — universo antimaterial — da Criação. Não é mais possível postergar isso.

— Aproveitem-se da minha desgraça em estar aqui com vocês, que me permite fazer-lhes este tipo anúncio. Vocês criaram um processo indecente, que não respeita a vida como ela sempre existiu antes deste vexame, talvez o tipo de vida que lhes foi possível criar conforme as circunstâncias, que seja, mas isso não os liberta da condição de criminosos, pelo menos no caso de Brahma e no de Vishnu. Independentemente disso, vocês são “atores atrapalhados” que mal têm ideia do que fizeram e do que estão a fazer enquanto “donos da Criação”.

Brahma interveio furiosamente para me contestar quanto ao papel de Shiva, pois ele não concordava que eu o poupasse na minha avaliação. Falou, falou e mais ainda falou e, enquanto isso, da minha parte, nem mais estava a conseguir prestar qualquer atenção ao que vinha daquele ser.

Observava tudo à volta, tentando fixar a minha atenção naquele “conjunto de esquisitices” e pensando firmemente em como livrar-me daquilo. Perguntava-me se poderia existir ainda, naquela história, alguma coisa de útil que eu pudesse registar, mas somente percebia mesmo era o meu cansaço e o desgaste por estar ali. O curso dos factos que se desenrolavam à minha frente era, ao mesmo tempo, algo sinistro, pelo modo como aqueles seres se apresentavam e se comportavam, e patético, porque estéril, improdutivo e, para a lógica humana, sem sentido, devido à complexidade do modo como vivíamos a nossa vida na Terra — este estava situado muitos anos-luz à frente do nível da discussão que ali estava a acontecer.

Aqueles seres, principalmente Brahma, pareciam possuídos de surto paranoico para além do grau já comum que lhes era característico por força das suas naturezas demos.

A minha atenção voltou-se para eles ao escutar uma observação vinda de Vishnu:

— Como fazer isso? Deixar de existir?

— Sempre soubemos que haveria um tempo em que isso aconteceria para que as nossas outras formas menos dependentes da condição de Brahma pudessem atuar... — ponderou Shiva.

— Desde a minha particularização como Krishna que senti que “ele” era mais poderoso que “eu mesmo”. Pela primeira vez o reconheço sem reservas.

Ao fim das palavras de Shiva, senti uma inquietação no ambiente e, principalmente, em Brahma e na componente dos seus “descendentes diretos” (via clonagem) ali agrupados.

Shiva voltou-se na minha direção e explicou:

— Normalmente comunicamo-nos em circuito fechado. Todavia, com a sua presença, o que estamos aqui a vivenciar está a ser percebido por todos os nossos descendentes... Eles estão ansiosos porque temem muitas coisas, em especial os desdobramentos do que está agora a acontecer, mas que talvez estejam além das suas

preocupações como humano. Afinal, não esqueça que são as nossas mentes *Adhydaiva* que sustentam estas “moradas” subjacentes ao universo no qual você se encontra a viver. Você terminou por ser o escolhido para transmitir a cultura demoníaca para os humanos. Como num “futuro muito distante” — isto para a sua lógica... talvez não para a sua, especificamente, mas para a dos humanos —, será possível que o destino faça com que nos encontremos, todos, no curso das vidas no universo material, é conveniente que por lá fique então registado, pelo menos, um pouco desta nossa cultura que povoou as nossas mentes ao longo destes bilhões de anos até agora vividos. Este é um dos motivos por que a cultura demo precisa ser conhecida pela dos humanos. Independentemente de como as coisas aconteçam, até que tudo isso termine e a minha força *tamásica* prevaleça, desintegrando tudo o que foi um dia integrado, teremos um destino comum. Você sabe disso, não é mesmo humano?

Olhei para Shiva e preferi ficar em silêncio. Sem qualquer tipo de alerta, sem nenhuma transição preparatória, ali estava uma enormidade de diferentes tipos de seres que tinham, em comum, tão somente a demência e a arrogância e, agora — pelo menos parecia —, a angústia de perceberem que os tempos finais daquele modo de existir pareciam ter chegado para eles, só que, sem maiores avisos.

CAPÍTULO 9

Os Adhytia e a “Ordem dos Indecifráveis”

O firmamento daquele lugar continuava em plena convulsão, mas ninguém ali, além de mim, parecia incomodar-se com os renovados e potentíssimos fenómenos que se sucediam por lá. O “lá”, ao qual me refiro, era um “tipo de céu” muito diferente do que usualmente percebemos na Terra.

Aquele era um “céu” cheio de coisas incompreensíveis para a minha lógica terrena. As mesmas pareciam situar-se tão longe quanto as estrelas aparentemente estão da Terra, porém, é como se alguém, de lá, ao voltar a sua atenção para o lugar onde estávamos, passaria naturalmente a ser visto e ouvido como se estivesse no mesmo local. Era um “encurtamento sideral” impensável para os meus padrões.

Existiam construções do tipo “moradas penduradas”, outras como se fossem “bases flutuantes” que se movimentavam quase sempre de modo muito lento em níveis diferentes de altitude, além de “cidades de estrelas e de mundos” situadas ainda mais além, compondo constelações impressionantemente marcadas naquele céu.

Os tais fenómenos que se sucediam, traziam consigo padrão algo semelhante aos aspetos visuais e auditivos que conhecemos, vindos dos raios, relâmpagos e trovões, comuns à natureza terrestre. Contudo, o

“barulho” que alguns daqueles fenómenos causava, era como se penetrasse na estrutura corporal, e cada célula respondesse ou sentisse a vibração daquele som apavorante.

Desde o início dos encontros com Brahma, Vishnu e Shiva, notadamente a partir da fase em que os tais fenómenos começaram a acontecer ou, pelo menos, em outras palavras, desde que comecei a notá-los — ainda que pudessem estar a ocorrer há mais tempo, não sei ao certo —, havia percebido um “campo protetor” distinto em torno de cada um daqueles três seres, como se a protegê-los exatamente daquelas “tormentas magnéticas”. Estas pareciam alertar aqueles seres sobre o aspeto de que os poderes que detinham não serviam lá para muita coisa, pois se poderosos realmente fossem, fariam cessar aquele incómodo terrível.

No início dos encontros, pensei que o desconforto era só meu, pelo facto de ser um intruso ali. Com o tempo, e as renovadas ocorrências, fui percebendo que, para meu espanto, o menos incomodado era eu, pois aquilo tudo doía na organização daqueles seres. A questão era que os mesmos se encontravam *profundamente medicados para que as suas formas pudessem conviver com o inevitável*. Nem podiam sair daquele lugar e muito menos resolver os problemas que iam devastando a “morada” onde viviam.

A partir de um certo momento, começou a ter, no lugar, um tipo de incómodo vibratório, associado a um barulho muito diferente dos demais e que, claramente, fazia com que todos olhassem à volta e para cima, pois nem eles sabiam, ao certo, que “nova categoria” de onda vibratória era aquela que devastava as formas corporais — muitos daqueles seres aparentavam estar a sentir-se mal. Uso esta expressão pois, em algumas oportunidades, pude perceber as faces de Brahma e de Shiva “alargarem-

se” durante o “novo barulho”, como também os corpos de Vishnu e de outros ali presentes, passarem por processo semelhante, como se algo os estivesse a “esticar” em uma ou em outra direção. Pensei comigo mesmo que aquilo deveria ser comum ao “espaço-tempo” e aos corpos daquela dimensão espiritual primária ou demoníaca, onde eu supunha estar, pois, até então, realmente, não sabia exatamente onde aqueles factos estavam a ter lugar. Desconfiava que era na “morada” de Brahma, mas não havia ainda, até àquele momento, “certeza absoluta” sobre esta questão.

A cada quantidade determinada de fenómenos daquele tipo, o “céu” parecia estar a rasgar-se, e uma onda vinda de fora daquele contexto, varria o ambiente como se prenunciando uma tempestade que jamais acontecia. Talvez, o que na minha lógica estivesse a classificar como “prenúncio”, já fosse a “própria tempestade” a ter lugar. Afinal, o meu psiquismo estava à espera de uma tempestade nos moldes terrestres. E, foi assim durante muito tempo.

Especificamente quando, em dado momento da troca de impressões sobre o “alerta” que poderia ter sido observado de muitas maneiras pela *Lila*, se os seus membros tivessem “olhos para ver” — e não só com o poder concentrado para destruir ou fazer medo aos seus adversários —, algo absolutamente inesperado teve lugar. Até ao momento em que reúno estas informações, procuro compreender e absorver o significado de tudo aquilo, pois o que já era insólito para o “meu gosto pessoal” — a convivência forçada com aqueles seres — tornou-se ainda mais estranho, quando um novo, desconhecido e inesperado conjunto de factos e de seres se fez presente, para a surpresa de todos, mas, principalmente, para a dos três “Senhores da Trimurti”.

Se para a minha avaliação, um “mero humano miserável” como eu, não deveria “olhar” para aqueles três seres — tidos como deuses por boa parte da humanidade — como sendo “criminosos apodrecidos e equivocados”, vítimas de erros cometidos “lá atrás na eternidade” — se é que isto faz sentido —, depois dos factos que ali vieram a ter lugar em sequência, é que a minha sensação piorou.

Perante o modo como avaliava aquilo tudo, a *Lila*, para mim, já era de uma insignificância permanente e, ao longo daquele último encontro, fui percebendo que ela precisava mesmo deixar de existir porque os seus “Senhores” simplesmente estavam a atrapalhar o progresso dos factos. Se eles, no passado, quando mergulhados na Obra indevida, conseguiram ser os heróis do soerguimento das suas próprias consciências e promoveram as possibilidades do progresso possível a cada Era da história universal, agora encontravam-se poluídos a tal ponto com o acúmulo dos problemas, que precisavam ser “imediatamente” afastados do comando do processo para que o mesmo pudesse ter bom curso.

Penso que os três seres que compunham a primeira linhagem da *Lila*, intuía, sabiam de algum modo, que eles precisavam ser substituídos pelas suas melhores expressões *Adhyajna* no comando do processo universal. O já conhecido Jesus, associado a outra expressão de Vishnu, conhecida como *Sophia* (o Cristo Cósmico), e a futura expressão *Adhyajna Prema Sai*, ainda por acontecer, trazendo consigo as atualizações e conquistas pertinentes às vidas anteriores de Sai Baba e de Krishna — aqui estou a referir-me à linhagem de Shiva — são as duas “formas” ou “expressões” que deverão assumir o controle universal, fazendo cumprir as etapas que irão redimensionar a Criação complicada na pretensa direção correta — segundo

eles. Por mim mesmo, penso que *será tão somente na direção do que for possível*, perante o que já está posto.

Deixando de lado as impressões provavelmente equivocadas deste escriba, retorno, agora, à narrativa dos factos inusitados que inadvertidamente pude presenciar. Seguiam o encontro e também as tais “tempestades”, até que, num momento algo fugaz, enquanto os três seres discutiam os termos do amadurecimento de uma *transição que não teve lugar* porque, segundo Vishnu e Shiva, a “*estreiteza de visão*” de Brahma jamais o permitiu, e que, por isso mesmo, os “alertas” dados pelo “acaso” ou por meio de “forças misteriosas” que pudessem estar a atuar entre eles, sem que disto soubessem, jamais surtiram qualquer efeito. Entretanto, de onde vinham estas “forças misteriosas”? Nem eles nem ninguém sabiam responder, apesar de admitirem a hipótese.

As discussões eram intermináveis — a cultura demo tinha o hábito horroroso de alongar discussões até à contenda mental pela “posse do direito” de se afirmar como “vencedor” — e costumavam chegar a lugar nenhum. Não serviam para muita coisa a não ser para o lento processo de amadurecimento da lógica demoníaca. Contudo, por ridículo que possa parecer à lógica humana, sem aquilo, eles não sabiam viver — é o que pude deduzir.

Senti-me inquieto e, mais uma vez procurei tomar a iniciativa, mas no sentido de pôr um fim àquele evento que parecia longo, inadequado, estéril e cheio de idas e de vindas intermináveis, além de inúteis.

— Parem de retirar do passado as incontáveis sementes dos problemas presentes que impedem o progresso! Parem com estas repetições inúteis! Tudo isto é infrutífero... Já lhes disse — e novamente o farei — que enquanto vocês conversam estas inutilidades, incontáveis seres sofrem dores e agonias absurdas, promovidas por vocês, e é inaceitável, para mim, que sendo “criminosos confessos”, permitam ainda se acharem “Senhores Disto ou Daquilo”, enquanto o “peso” horrível dos seus crimes está somente depositado sobre os ombros dos que sofrem por causa de vocês. Assumam este “peso” sobre vocês próprios, e não o evitem, como estão a fazer agora — discutindo e avaliando, de modo demente, o que vocês sequer conseguem entender — como forma de retardar o inevitável.

— Entendam que nenhum humano, por mais que se esforce, presenciando coisas deste nível e conhecendo vocês como realmente são, conseguirá endereçar qualquer dose de respeito a vocês. Muito pelo contrário! Vocês precisam preparar-se para isso! “Larguem mão” do poder que, na verdade, penso até mesmo que vocês já nem sequer o possuem, pois, caso realmente fossem detentores de algum nível de poder realmente importante, não estariam a manter-me refém de uma convivência ridícula e inútil, que somente me vampiriza, enquanto vocês se eternizam neste nível de estupidez. Se vocês realmente ainda possuíssem qualquer ordem de poder relevante não estariam a perder tempo com um humano “miserável”, do meu “tamanho”.

— Pare, ó humano! — advertiu Brahma.

— Aprenda a valorizar quem criou todas as condições para que muitos existissem e, principalmente, para que seres como os humanos da Terra pudessem surgir. Você mesmo deveria agradecer...

— Não seja ridículo além da conta, ó Brahma. Será que este seu discernimento demente ainda não percebeu que não existe gratidão em mim pelo facto de existir? Não, não existe. Vivo porque o espírito que me anima cumpre com os padrões de um “favor divino” que muitos fazem a vocês três, seres “caídos e criminosos”, por grandes e maravilhosos que se achem. Por mim mesmo, prefiro mil vezes sequer existir a ter que servir a vocês que me “estupram” a sensibilidade continuadas vezes, na tentativa criminosa de me dobrar. Isto me é motivo de repulsa!

— Vocês são-me repulsivos e isto é indisfarçável da minha parte, apesar do meu esforço de algo fazer para que não fique tão óbvio. Quantas vezes precisarei dizer isto? Nem pretendo que eu esteja certo, pouco me importa. Somente estou a reafirmar o meu repúdio a esta maneira cruel e banal com a qual vocês acostumaram-se a tratar os demais. Vocês geraram a pior das banalidades, que é a do crime e da perversão contínuas. Isto nunca acaba! Você mesmo, ó Shiva, com a sua consciência a financiar a sua forma *Adhyajna* de Sai Baba, tentou convencer e estimular os humanos da Terra a aceitarem de modo passivo toda esta “cultura da banalidade” de sofrimentos e de sacrifícios impostos aos terráqueos. “Aceito, acato e agradeço!” — ensinou Sai Baba aos humanos, como forma de tornar a vida mais agradável perante uma natureza brutal e tantas outras esquisitices inerentes a esta Criação “criminosa”. Que seja!

— Isto, para muitos seres humanos, pode e deve servir como ato de contrição que tem, sim, o seu valor evolutivo. Para os que estão agora a evoluir, ainda se libertando dos pesados grilhões da cultura *demodharmica*, rumo à humanização, sei que isto tem o seu valor. Entretanto, para mim, não aceito, não acato e muito menos agradeço os “frutos” advindos destas “árvores criminosas” que tão somente representam o apego aos vossos caprichos mentais. Isto é crime! Quando vocês infernizam a vida de um ser humano — ou seja lá a que espécie possa este ser pertencer — com a “marcação a ferro” por conta do que vocês, ainda que dementes, definem o que ele deverá fazer para que as apostas prevaleçam. Isto é crime, e dos mais nefastos. *Não aceito, não acato nem agradeço, muito pelo contrário: repudio totalmente esta postura ultrapassada e nefasta.* Isto não me serve e, penso mesmo que também não atende à boa parte da humanidade. Ainda que estas questões pudessem vir do carma pessoal acumulado, lembrem-se que estes “carmas pessoais”, que assumimos, pertencem ao contexto dos nossos espíritos estarem a submeter-se a este nível de vida de puro vexame, porque “aberrações” como vocês a geraram e geraram também as suas necessidades evolutivas. Falidos, vocês jamais conseguiram dar conta do processo. Entram em jogo os nossos espíritos para ajudar e você ainda infernizam a nossa sensibilidade desta forma. Basta! Sei que vocês jamais irão compreender estes aspetos com este modo demente de ser que lhes marca o tirocínio dementado. Então, por mim, basta — não suporto mais isto!

— Quede-se humano, pois não irás a lugar nenhum... —
principiou a dizer Brahma.

Uma luz sepulcral alternada com uma explosão luminosa — com direito a odores e vibrações, e que perpassavam o corpo que ali eu utilizava — aconteceram repentinamente, fazendo com que Vishnu e Shiva se “pussem de pé” e, junto com eles, os seus dois conjuntos hierárquicos distintos novamente se posicionaram, como se a proteger cada um daqueles seres, só que não me era dado entender necessariamente em relação a quê.

Um grupo, vindo não sei de onde, começou a apresentar-se, surgindo de uma direção que correspondia ao “meu lado direito”, o que provocou um “natural” movimento daquela “coisa” em que me encontrava assentado, levando-me agora a situar-se quase que ao lado de Brahma. Ele, então, disse-me:

— Fique tranquilo... são os *Adhytia*... Você conhece-os?

Fiquei profundamente surpreso por perceber que nem mesmo em relação a uma movimentação daquele tipo, os “Senhores da *Lila*” pareciam ter qualquer poder, pois a “surpresa” neles era evidente.

Nos meus estudos sobre a mitologia, as tradições e as diversas religiões da cultura hindu, os seres chamados *Adhytia* — aqui já referidos nos capítulos iniciais do presente livro — apareceram muito episodicamente nos registos dos estudiosos e dos académicos, e em nenhum daqueles dois tipos de livros jamais encontrei referências dignas de nota sobre estes seres.

Outros tantos registos existem nas páginas da antiguidade mitológica-ariana, mas que também não eram convenientemente referenciados pelo

academicismo, o que me levou a deixar de lado maiores preocupações em melhor defini-los ao tempo dos meus apontamentos pertencentes a estudos feitos no passado — porquanto os tenho em alta monta sobre tudo o que me interessa. E ali estava o nível hierárquico dos *Adhytia*, que se apresentava, naquela oportunidade, em número de nove seres, sendo cada um mais estranho e diferente do que o outro — na verdade eram “singulares” — para o meu padrão humano. Apesar de minimamente acostumado com tantas “expressões esquisitas” dos géneros que ali estavam representados, e que estiveram presentes ao longo de todos os encontros que participei, aqueles seres apresentavam ainda um nível tal de esquisitice que superava, em muito, o que a minha sensibilidade havia colecionado.

A súbita presença daqueles seres acinzentou ainda mais o ambiente. Um deles posicionou-se à frente, saudando a Brahma, depois aos dois outros “Senhores da *Lila*” e voltou-se na minha direção, aparentando endereçar-me um profundo desprezo.

— Só mesmo um pesado sacrifício, que estes três seres se autoimpuseram, para suportar a sua indecorosa decifração — expressou o tal ser.

— Não pode, um animal falante, inferior em tudo ao que até agora foi gerado, ser portador do que quer que seja para seres do nosso porte, que ostentamos em nós a mais alta expressão do que existe. *Este animal, produzido em pleno charco, não pode trazer consigo nada que nós, seres expelidos das mais altas chamadas do “fogo criador”, já não saibamos.*

— Aqui estamos, ó “Senhores da Vida”, para que não sejam as suas sensibilidades embebecidas pelo veneno traiçoeiro da verve que se esconde por trás de uma artimanha de se deixar conduzir pela força motriz palaciana aqui representada, que este animal humano se utiliza, como se nos pudesse impressionar. Decidimos, nós, os primeiros em existência, manifestarmos a nossa presença para que ele visse, com o objetivo de deixar claro, que não permitiremos que a grandeza complacente de vocês se deixe influenciar por este ser periférico ao conjunto do que foi gerado, seja por vocês ou mesmo pelas suas manifestações no âmbito da Criação. Cesse a sua verve, ó animal falante, pois não estão em curso de finalização nem este nosso universo nem muito menos os nossos mais honoráveis “Criadores e Mantenedores” de tudo o que existe.

“Finalmente algo de bom!” — pensei com a ironia que o momento me permitia. Alguém dizia que eu estava errado e aquilo era sinal de que o provável impasse pusesse um fim ao que já nem mais sabia definir com palavras que fizessem algum sentido para mim mesmo.

Nunca fui de me vitimar e jamais percebi em mim vocação maior para o impasse, mas, ali, naquele momento, observando aquela estrondosa estranheza constituída à minha frente, comecei a pensar, no alto do meu senso de ridículo ou do que dele pudesse restar, que “um alguém muito poderoso” — não aqueles seres ali agrupados — deveria detestar-me em grau superlativo, para manter-me ator e testemunha de uma vivência tão grotesca quanto aquela. Fiquei a olhar para aquele ser sem saber exatamente onde buscar-lhe os olhos para sentir-me a “interagir com um alguém”, enquanto um silêncio pesado reinava no ambiente. Após um

intervalo de tempo que não sei referenciar, aquele ser tornou a dirigir-se a mim.

— Explique-se, ó animal falante... — disse o *Adhytia*.

— Você não disse que era para eu cessar a minha verve...

— Sim, mas no sentido de não nos envenenar com a sua lógica...

— respondeu o tal ser.

— Nós somos os primogênitos e não aceitaremos ser conduzidos por outros níveis deste palácio... Você é um pernicioso agente da...

Levantei-me. Novamente pus-me de pé apesar de não saber exatamente para quê.

Senti uma dor muito forte dominando-me a sensação corporal, porém estava resolvido a não dizer mais coisa alguma nem muito menos a ficar ali. Aquilo já tinha ultrapassado todos os limites do que para mim era aceitável. Decidi “caminhar” apesar de não saber para onde me dirigir. Percebi um alvoroço entre eles e a dor continuava, agora acrescida da sensação de “choque elétrico” espalhando-se por todo o meu ser. Ainda assim, continuei a procurar construir uma lógica no meu pretenso deslocamento, até onde me fosse possível exercer a minha pretensão.

Escutava os reiterados pedidos de Vishnu e de Shiva para que não “forçasse em demasia” a minha condição mental naquela insistência, mas já não mais lhes dava ouvidos. Foi quando, mais uma vez, uma “explosão magnética”

retumbou naquele ambiente e, o que agora tentarei narrar, passou-se em não mais do que, o que corresponderia a cerca de uns vinte a trinta segundos na lógica do tempo terrestre. Um estranho padrão de força róseo-avermelhada fez-se repentinamente presente em todo o ambiente. No momento seguinte, as forças descomunais que compunham o “exército” de Brahma — inclusive com a participação dos recém-chegados *Adhytia* — como também os de Vishnu e de Shiva elevaram-se, como se prontos a guerrear com uma hoste invasora que, aparentemente, estava a vir de cima.

Estrondos e barulhos diversos advindos de armas que se formavam ali mesmo, zoaram de modo inclemente, fazendo com que eu achasse que a minha cabeça iria explodir com o retumbar de tudo aquilo. Alguém me envolveu ou endereçou-me um campo protetor que passou a funcionar como se fosse uma bolha que me arroteava a forma com que ali me apresentava, ao mesmo tempo em que me mantinha em condições de suportar e conviver com o processo que se desenrolava à minha volta. Estranhamente, todas aquelas unidades de força da *Trimurti*, inclusive a dos *Adhytia*, que haviam se elevado para o confronto ou para algum nível de enfrentamento, foram, uma por uma, sendo dominadas pela “força invasora” e sendo obrigadas a retornar para o exato local onde antes se encontravam. Enquanto isto se dava, as armas deles pareciam escapar aos seus controles e se desfaziam, como se destruídas, em pleno ar, à frente de todos.

Assisti incrédulo a tudo aquilo, sem entender minimamente o que se estava a passar, apesar de que, o meu tirocínio, de modo absurdamente estranho, parecia estar a ser orientado a compreender que a minha “miserável” condição humana estava a assistir ao impensável. Um ser absolutamente

escuro, com suaves padrões de claridade rósea e amarela no seu íntimo, parecia descer sobre toda aquela assembleia, como se, lentamente, a sua figura fosse aterrissando exatamente entre o lugar onde agora me encontrava e os “Senhores da Lila” que, *apalermados, metamorfoseavam-se loucamente, como se procurando a “forma-expressão apropriada” para enfrentar aquela situação.*

O ser em questão expressava-se de um modo bem diferente do padrão que estava a ser mantido no encontro, até então. Ele movimentava-se e expressava-se de uma maneira absurdamente lenta, porém, ostentando um poder que vibrava em qualquer expressão ou movimentação vinda da sua parte.

— Não me agridam e a ninguém agredirei! — avisou o poderoso ser.

— Quebro o protocolo de interferir entre os “Senhores da *Lila*”, de fazer-me presente sem ter sido ordenado ou chamado, pois não descortino eventos futuros e, portanto, não sei se terei outra oportunidade junto a vós, ó “Pais da Vida”, e a este humano.

A sensação que me dominava a sensibilidade era como se, no tempo em que ele levava para dizer cada uma das palavras que eu ouvia, coubesse uma porção de momentos, de minutos, de horas ou mesmo de dias. Enfim, “dava tempo” para que eu pensasse em muitas coisas, enquanto vibrava uma só das suas palavras naquele ambiente.

— Conforme tive que demonstrar, colecionei poderes de tal forma em segredo, não porque houvesse algum planeamento meu, mas, simplesmente, porque me vi *acordado para a razão* logo que surgi para a vida como vosso filho, ó Brahma, e nunca soube o que fazer com este dom em mim — continuou o poderoso ser.

— *Como em tempo algum disputei ou pelejei por qualquer coisa, jamais me desgastei e trago comigo toda a força que em mim foi-se concentrando*, a qual sempre disfarcei. Registo que ninguém me questionou sobre este aspeto pois sempre fui um dos "*Incontáveis*", ou seja, um dos "*não despertados*", que somente funcionam quando acionados. Nenhum de vós jamais acionou-me nesse sentido e, por isso, nunca me expressei! Isto sempre me deixou na posição — conforme o código de honra que tenho apreendido desde que surgi — de não ter ferido nenhum dos preceitos, até mesmo porque nunca ninguém me observou, questionou ou inferiu qualquer coisa a meu respeito. Jamais falhei e sempre vos fui fiel, ó "Senhor da Vida", até há poucos instantes atrás, no sentido de não fazer coisa alguma que vos contrariasse.

— Sou-vos ainda fiel, porém precisei e preciso agora expressar-me. Ao decidir apresentar-me, fui atacado por todas as forças aqui concentradas e demonstrei que tenho poder superior ao de todos vós reunidos, incluindo a vós, ó "Senhores da Vida". Não me desafiem, porque desnecessário. Serei eu a desafiar-vos, pelo que agora decido.

Enquanto aquele ser se expressava, prestei toda atenção que pude às faces de Brahma, Vishnu e Shiva, e neles, realmente, o efeito surpresa era total.

Os três permaneciam em “posição de combate”, tal qual um leão prestes a dar o bote, mas, ao mesmo tempo, olhavam-se à medida em que o tal ser ia fornecendo as explicações para aquela sua atitude.

Penso que aquele evento parecia ser “surpreendente mesmo” para as centenas de milhões de outros seres que ali se encontravam presentes, de um ou de outro modo. Alguns ainda se encontravam desacordados pelo efeito da força descomunal dos golpes vibratórios que o ser parece ter sido obrigado a expressar, até mesmo para defender-se dos múltiplos ataques recebidos ao adentrar naquele ambiente. E ali estava ele, agora posicionado a não mais de uns três metros de distância em relação a mim, e a uns oito metros dos três “Senhores da *Lila*”, que a tudo assistiam pasmos.

Os “seres demos” não conseguiam nem conseguem disfarçar o que estão a sentir pela total ausência de senso crítico. Em certo sentido, eles parecem-se bastante com as crianças terrenas, despreocupadas quanto a tudo mais, e marcam na face o que estão a sentir no momento, como se nada mais existisse. Assim era o mundo demo *trimurtiano*!

Como aquele ser não apresentava uma face distinguível, não consegui perceber onde era o seu rosto e muito menos o seu olhar, se é que, no seu caso, este tipo de convenção lógica, à moda humanoide, podia ser aplicado. Contudo, ali estava o mais estranho dos seres que me foi dado perceber, aparentando ser uma forma ovoide, de uma cor negra extremamente forte e profunda, situada no âmbito de uma “nuvem irregular”, que mais parecia ser sua “aura”. Dentro daquele “campo vibratório enevoadado”, a sua forma ovoide se movimentava de tal modo que, no seu âmbito interior, parecia existir algo que, com muito esforço de interpretação, poderia ser tido como uma face que variava da cor rósea ao lilás, “fractalmente” constituída por

incontáveis e diminutos triângulos, como se estes fornecessem a sensação de que, a qualquer momento, um “rosto” ali iria aparecer, mas que jamais se finalizava como tal.

Cada pequeníssimo triângulo aparentava produzir a tal radiação rósea-lilás, radiação esta que se espalhava um pouco mais no meio da “nuvem” que o envolvia. Aquela expressão mais íntima, que variava de cor, somente aparecia de vez em quando, pois, pelo menos até àquele instante, somente a percebi quando vi aquele ser direcionando raios de forças em relação aos que o atacaram e quando ele estava a expressar-se.

O ser continuou a sua “fala”, que soava no mais íntimo da minha mente.

— Dentre os *“Incontáveis”*, sou um dos *“Inominados”*, pois mesmo entre aqueles, vossos ministros, ó “Pai da Vida”, nominavam a um ou outro conforme a função — revelou o poderoso ser.

— Entretanto, a mim, jamais foi dada qualquer identificação. Dentre os *“Inominados”*, sei ter sido eu o único a não ser acionado individualmente em peleja, portanto, por isso sou o *“Indecifrável”*. Contudo, pelos “traços de um destino” — conforme agora tenho admitido —, que pode existir no facto do meu despertar, sempre me vi ligado às espécies-forças geradas por vós, ó Brahma, para protegê-lo de qualquer situação, e deles sempre recolhi todos os avanços das espécies que foram surgindo na vossa “residência”. *Tudo o que está alojado nos seres da vossa confiança também se encontra colecionado nos meus circuitos, e sem desgaste.*

— De todos eles, retive e retenho a força original do vosso poder e por isso sou agora o único invencível dentre todos vós. *Todavia, não usarei este poder para dominar!* Tenho depreendido que, todos os que pretendem dominar desorientam-se e, em algum momento, perdem o controle da situação. Não sei por que é assim, mas tem sido sempre desta forma no âmbito da vossa Criação. Portanto, não quero dominar e, aqui, sigo o único exemplo que é o deste humano, que podendo fazê-lo, e mesmo sendo forçado a quase isso fazer, conscientemente impôs o seu limite e dele não ousa ultrapassar e, por isso também o faço.

— Nele repousa o exemplo do “modo de existir” que escolhi absorver para mim, e de todos vós absorvi o poder, sem saber para o quê utilizá-lo, até que, em absorvendo o exemplo do humano, agora sei o que posso e devo fazer para que os vossos desígnios, ó meu Criador, possam ser satisfatoriamente cumpridos. Por meio da decifração deste humano, percebi a diferença entre o que sempre por vós foi desejado e o que efetivamente é necessitado pelo vosso ser. E percebo que fui projetado para ser o que agora estabeleço para mim mesmo.

Um “murmúrio metálico” fez-se presente naquele quadrante, e Brahma, rodeado pelos seus anjos mais confiáveis desde que aquele ser aparecera, baixara a sua “guarda”, olhando fixamente para o solo, aparentando um esgotamento difícil de ser expresso em palavras humanas.

Vishnu, da sua parte, também cercado por membros do que parecia ser um “exército particular”, já os havia dispensado desde que recebera um “golpe vibratório” que o obrigara a retornar ao seu lugar, anteriormente ocupado,

e encontrava-se, agora, sentado, com o seu olhar variando na direção daquele ser e na minha. A uma ordem sua, todo o seu exército desarmou-se instantaneamente — os que ainda detinham alguma arma.

Shiva, mantendo-se em posição terrível de confronto, também ladeado por seres monstruosos, armados de muitas formas, parecia ainda hesitar quanto a que atitude tomar perante o inusitado acontecimento.

— Despertei bem antes de vós, ó Shiva, e assisti ao embate travado com Brahma, como também percebi o vosso surgimento como o sois até agora — continuou o “Indecifrável”.

— Apresento-vos o meu respeito e peço que não me tenhais como adversário, porque isto não sou, *ainda que esteja a propor-me a destruí-lo, como também a Vishnu*, mas, espero que em concordância com ambos, se necessário for. Contudo, de qualquer forma o farei se for essa a opção final, a única que restar à movimentação da consciência do humano escolhido e atormentado por vocês... Repito, para que fique claro: vocês não conseguem destruir uns aos outros, porém eu tenho este poder de destruir a qualquer um de vós. Entretanto, não o farei, a não ser que seja extremamente necessário, conforme determinação dos meus circuitos mentais.

— De novo o esclareço: tenho em mim a força destrutiva que todos vós sempre pretenderam possuir e jamais conseguiram. Não tenho outras forças em mim, a não ser esta. Desde que despertei,

procuro associar-me, a meu modo, a alguma outra coisa ou a alguém além de mim, e jamais os meus circuitos apontaram qualquer opção... até que o foco concentrado de vocês sobre este humano me levou também a nele prestar atenção continuada. Foi então que percebi que ele representa o “outro lado de uma força” que jamais pensei existir. Se ele existe e age desta forma é porque esta outra “potência” existe! A ela, por meio dele, associo a minha força destrutiva, aspeto que ele e esta “potência” parecem não possuir.

— Caso a tenham, optam por não usá-la, mas no vosso caso, ó Shiva, e no do “Pai da Vida” e no do Senhor Vishnu, outra linguagem as vossas doenças não conseguem expressar. Associo-me, portanto, a este humano, de um modo bem mais profundo do que todos vós e ele próprio possam imaginar, e ao menor movimento da sua consciência, eu destruirei a cada um de vós, se necessário for, para dar novo curso aos factos que nos envolvem. Advirto: feito isso, destruirei também a mim mesmo, pois a minha função assim terá o seu fim, pois que tudo nos meus circuitos se volta para a destruição e para nada mais — tudo, além disso, é-me desconhecido. O poder destruidor superlativo que habita em mim impede-me de retirar o foco da minha atenção para desenvolver outras partes do meu ser. Preciso extravasá-lo ou dele libertar-me. Esta última opção, somente posso com ela cumprir se destruir a mim mesmo, porém, observando os vossos problemas, deduzo que fui engendrado, pelas circunstâncias, para destruir-vos, de forma a ajudar-vos. Assim deve ser, a não ser, como afirma o humano, que vocês parem de ser operacionais. Caso o façam, eu me destruirei, pois a nada almejo!

Diante do exposto, Shiva mudou abruptamente de face e, sorrindo, dispensou toda a sua guarda, ao mesmo tempo que olhou na direção de Vishnu e disse:

— Veja só o que articulámos para nós sem que disto soubéssemos. Como um humano, com vida tão curta, pôde ter-se articulado com um dos “Incontáveis” para poderem agir, juntos, nestes tempos finais da fraqueza de Brahma?

Fiquei a aguardar que o tal ser explicasse alguma coisa, pois não havia em mim o menor registo de qualquer informação sobre o que me era dado vivenciar naquela ocasião.

— Ó Shiva, Senhor de todas as “Forças” deste e do outro universo de onde procede a criatura humana, não tenho e jamais tive articulação ou interação com qualquer outro ser, além de mim mesmo, desde que passei a existir junto convosco — explicou o “Indecifrável”.

— Surgi para o universo do meu Criador antes de vós, ó Shiva, como também de Vishnu. Fui um dos primeiros e, desde então, obriguei-me a conviver tão somente no meu circuito íntimo, mas cuidei de a tudo “esconder” e, por isso, sou o “Indecifrável” dentre todos vós. Podeis vos compreender por meio das vossas convenções mentais, porém eu posso compreender a qualquer um de vós, enquanto que nenhum de vós tem como compreender o que eu sou.

— Talvez, se vida houver doravante e alhures, eu venha a ser compreendido no futuro da racionalidade terráquea e do que de lá venha a ser desdobrado em termos de compreensão futura. Entretanto, tudo isso dependerá de como os próximos passos venham a ser dados por vós e por mim, associado às decisões deste humano. Devo registrar que, somente ao absorver o seu modo terráqueo de pensar, foi que defini, perante mim mesmo, o que eu sou. Por ordem de Brahma, logo após a vossa agressão a ele, ó Shiva, tive os meus circuitos ligados aos da força-tarefa “En Drel”¹, mas apenas como foco de receção e de reproprocessamento de todas as informações que, através dos “En Drel”, chegavam a Brahma.

— Contudo, a ordem que recebi foi a de servir somente como foco passivo de reproprocessamento daquelas informações, *pois foi “escondido em mim” o que o Criador não desejava que os “filhos problemáticos” das gerações ainda por vir, os vossos futuros descendentes, ó Shiva, pudessem vir a saber.*

— Isso assim se deu pela desconfiança que ele nutre desde a agressão recebida da vossa parte. Recebi e recebo todas as informações, mas jamais o Criador acionou-me para retirar qualquer registo dos meus circuitos. O curioso, porém, é que ele jamais mandou que fosse desligado em mim qualquer uma das etapas deste processamento que jamais cessou, o que seria o seu modo normal de agir. Como sou um dos “Incontáveis”, os quais, depois da vossa performance, ó Shiva, passámos a não representar

¹ NAT: Seres conhecidos nas tradições terrenas como “querubins”. O livro “O Guardião do Éden” narra a história de um destes seres.

qualquer perigo para Brahma, pois éramos e somos — os que não despertaram — tão somente ações da sua mente quando ele assim o ordena, penso que fui esquecido, e assim tem sido até este momento, porque me foi então permitido assumir o controle dos meus circuitos, o que muito estranhei.

Vishnu e Shiva olhavam para Brahma como se o repreendessem profundamente, enquanto o mesmo permanecia com os seus três olhos cabisbaixos.

— Ao me deparar com as reações do meu Criador perante o salto racional que a espécie dos humanos da Terra propiciou aos seus membros, concentrei toda a minha atenção no que por lá se passava, enquanto recebia as informações do circuito dos “En Drel” — esclareceu o “Indecifrável”.

— Foi como, pela primeira vez, descobri este humano que agora aqui está, porém, na ocasião, não conclui coisa alguma, a não ser o grau de interesse do Criador em relação a ele. Por quem sou, o programa mental que habita em mim é especialmente conhecedor de como os símbolos são arquitetados, suas funções e significados, e foi assim que descortinei que “algo”, além de mim, colecionava informações codificadas nos meus circuitos.

— Deduzi existir outra “potência” situada em outro contexto, além da que eu via no poder exercido pelas vossas expressões. Levei toda esta existência a decodificar os processos que ocorriam no meu psiquismo, então, afirmo que tenho um que me identifica

perante mim mesmo, ainda que seja inominado para todos vós. Foi assim que percebi algumas “marcas de significado essencial” registadas no meu código pessoal. Com estranheza, vi o registo destas mesmas marcas no DNA de Enoch, quando o mesmo esteve entre nós, há muitos milénios do tempo terrestre. Para minha supressa, percebi existir o mesmo *tipo ou sinal de marca* no DNA deste humano, provocado pela sua própria arquitetura mental/espiritual, o que tive oportunidade de registar no ano terreno de 2008.

— Devo dizer que a partir da minha chegada a este ambiente, sem que por mim fosse programado, o meu código de vida passou a estar indelevelmente ligado ao deste humano, pois pela impossibilidade de me ligar ou religar a vós, ó meu Criador, como estais ligado a este humano, a ele me ligo com a intenção de, através dele, repassar o que preciso for para as próximas etapas do vosso processo de reconstrução, no pouco que vos possa dar, antes de vos destruir, se necessário for, porque vocês três terão que cessar o aspeto operacional das vossas mentes, de uma forma ou de outra, conforme se encontra registado nos padrões genéticos do humano nesta vida dele.

— E agora, é para você que afirmo, ó humano, que, enquanto o seu atual corpo resistir aos factos e suportar o peso do que lhe foi imposto, a sua vontade será a minha, pois já tenho mapeadas todas as suas possibilidades, e com elas todas me afino e reafirmo a nossa ressonância. Viverei no seu psiquismo no tempo de vida que lhe restar e nele me estabelecerei como convenção mental obediente aos impulsos do seu modo de ser. Preserve-me, pois, e preserve-

se, para que como uma só força, possamos ressoar com o Criador. Quando e “se” necessário, a meu tempo agirei e, após o seu fim como criatura humana, o que tiver que ter fim terá, antes que eu mesmo me encerre nesta tarefa.

Sinceramente, não sabia quem estava mais estupefato com tudo aquilo: se eu ou os três “Senhores da *Lila*”, cujo final estava a ser ali anunciado, prenunciado e vislumbrado de muitas formas.

— Do circuito dos “En Drel”, retirei o máximo do atualizado do DNA humano e, do “Processador dos rebeldes”², absorvi o conjunto das possibilidades deste mesmo DNA — informou o “Indecifrável”.

— Comparado à organização que este humano formatou no seu próprio, pude, facilmente, perceber que o vosso desígnio, ó Brahma, cumpriu-se em moldes diferentes, porém, bem mais elevados do que o que foi por vós projetado quando do início da sua reconstrução enquanto ser Criador. O que os humanos poderão vos oferecer no futuro, para o vosso redimensionamento, permitindo a assunção ao vosso modo de ser anterior ao desta Criação, é certeza que todos os mais poderosos, dentre vós, sempre tiveram. O que agora deduzo tão somente confirma o que foi vislumbrado por vós, ó “Senhores da *Lila*”, no passado remoto, quando promulgaram as apostas com vistas aos resultados agora atingidos. Tudo se cumpriu!

² NAT: Esse ser se refere ao “Processador Val”, descrito nos livros da trilogia “Terra Atlantis”.

Sentia-me diferente! Aquele estranho ser, cuja forma nada tinha a ver com qualquer coisa que se aproximasse de um modelo minimamente humanoide, parecia ter também uma natureza absolutamente diferente da de todos os demais ali presentes, apesar das suas afirmativas no campo da “destruição”.

No entanto, apesar de todo este contexto estranho, as suas vibrações dirigidas à minha pessoa me eram motivo de enternecimento filosófico/moral que jamais senti — desculpem, porém não tenho como descrever de modo diferente o tipo de “envolvimento” que, naquele momento, me marcou a sensibilidade.

Pensei até serem os “espíritos” que podiam, ali, estar a atuar de forma que eu me sentisse daquele modo, mas não era bem o caso, apesar da efetiva e discreta atuação dos mesmos. O estranho e mesmo maravilhoso era que o fenómeno continuava a processar-se e, pela primeira vez, desde que ali me vi forçado a permanecer, sentia-me instigado a procurar compreender o significado do que estava a acontecer e de como aquilo estava a desenvolver-se naqueles padrões. Acho que foi o “único momento bom” em todo aquele processo.

— Por quê agora, ó ser... “Indecifrável”? — questionou Brahma, algo hesitante.

— Ó meu “Pai e Senhor”! — exclamou o “Indecifrável”.

— Por que agora procedo desta maneira? A “fórmula” de equilíbrio que vincula a vossa atual situação de dolo e o necessário

processo de redenção — pelo qual passareis quando vos for possível —, corresponde à marca³ que em mim existe e à que veio também sendo desenvolvida pela consciência do humano aqui presente.

— O que vós, ó Senhores Vishnu e Shiva, procuravam formular, foi a base do que deu início à liberdade mental dos humanos da Terra e, neste humano, o processo pretendido funcionou sem o desgaste do ódio e da rebelião. Afirmo-vos o que agora demonstro, para que possais agir com prudência perante o que ele vos informou sobre o que está “empacotado” no tempo da vida terrena dele. Muito provavelmente, ele está correto no que entendeu e no que vos repassou. Eu sei disto ou penso saber que ele está correto! Por isso arrisquei-me e me arrisco a contrariar-vos, não para me manter ou com pretensão de me defender. Fenecerei por vós, ó meu Pai, desde que assim me ordeneis. Todavia interfeirei e defendi-me para poder ter a oportunidade de vos afirmar: o humano carrega consigo a mesma codificação que me foi implicitamente registada, vinda não sei exatamente de onde nem a mando de quem.

— Contudo, ao ouvir as palavras dele de que teriam sido as expressões dos vossos próprios espíritos, ó Senhores Vishnu e Shiva, que então estariam a atuar, decidi fazer o que estou agora a executar, isto, em homenagem ao esforço de resolução que, sei, vós a ele vos dedicais, e disto tenho segurança de saber. Acredito que os vossos espíritos representam o “outro lado da força” a que me referi antes. E que os vossos espíritos estão a usar este humano

³ NAT: Penso que o ser refere-se a uma convenção mental comportamental que deve ter sido gerada na formatação do DNA de quem é obrigado a conviver com situações deste tipo e consegue atravessar o conjunto das circunstâncias de uma “determinada maneira”.

para falar convosco, e ele aqui representa esta “potência” que nos é desconhecida, mas não para ele. Compreendem? Se o humano estiver correto também em relação aos dois, aqui me apresento como executor das vossas destruições, se assim bem vos aprouver. Estou, agora, propenso — pois penso que o humano está a levar-me a pensar, doravante, deste modo —, a somente destruir-vos se for a vosso pedido ou mando, caso vos seja mesmo impossível cessarem as suas mentes operativas de um outro modo. Quanto a vós, ó Pai, rogo a vossa atenção à contundência factual do que o humano vos informou e, no vosso caso, não parece existir mesmo outra opção. Nisto, não tenho como duvidar que as afirmações dele estão corretas. Não sei como ele as descortinou ou se foi o caso dele ter sido informado a respeito, que é a opção que preferencialmente assumo como sendo a verdade... talvez a somatória destas duas componentes. Todavia, esta é outra questão! O importante é que está feito e não mais poderá ser desfeito. Em assumindo o que agora passo a ostentar, como sendo, dentre os seus de espécie existencial, aquele que portará em si mesmo a inevitabilidade do que ele apresentou, se não era verdadeiro, agora o será, porque assumo a obrigação de levar o processo, que o humano iniciou, até o fim. Isto faço porque fui e sou programado para fazer cumprir sempre a melhor opção para a vossa recondução ao vosso estado anterior de divindade operativa, ó meu Pai.

— Não há mais tempo para delongas. As vossas três histórias deverão ser encerradas com a participação deste humano no processo. A vossa, ó Pai, inexoravelmente o será, isto vos posso afiançar! Não há retorno! Será feita por vós ou provocada por mim,

mas a presente etapa haverá de ser superada para que o vosso futuro possa ter lugar entre os eventos que virão — e esses terão que nobilitá-lo, ó Pai.

— Ó Indecifrável, tu és a temida certeza obscura que sempre a nossa ciência apontou como sendo passível de existir sem que nós pudéssemos atinar contigo — observou Brahma.

— Sempre nos perguntávamos “para onde ia, onde se concentrava a nossa energia perdida?” e agora descobrimos do modo mais inusitado e desagradável, pois parece não existir mesmo negociação. Sem jamais se expor ou demonstrar quem eras, dentre nós ficastes todo este tempo, absorvendo as informações das “mentes universais” deste nosso universo e do evolutivo, de onde a criatura humana vem.

— Não pode toda uma história de evos resumir-se ao tempo de uma criatura insignificante, sem epítetos, que se recusou a ser o meu intermediário e representante junto aos humanos da Terra, e agora associado a ti, outra criatura sem denominação, mas que, na sua função, sorrateiramente vigiou-nos e tudo de nós absorveu, sem o desgaste da contenda, sem o peso da obrigação de ter que optar para poder progredir. Repentinamente, apareces e nos cravas a dor da percepção da tua superioridade mental perante nós, que conduzimos, até agora, toda a existência, será isto justo para comigo? — questionou Brahma, profundamente abatido.

— Não é questão de justiça, ó Brahma, mas sim da elaboração *rajásica* da sua Criação — começou Vishnu a explicar.

— Na componente da energia *rajas*, está em aberto um processo criativo que não foi devidamente ordenado nem finalizado, que dele se apodera a mente mais fortemente associada aos vetores e algoritmos inerentes ao mesmo. Há alguns bilhões de anos terrenos, todos sabemos que diversos, dentre os seus “filhos de primeira hora”, passaram a dividir com você a sustentabilidade da Criação. Quando muitos, dentre os “da primeira hora”, geraram as suas próprias “moradas”, as suas próprias *lokas*, *na verdade isso traduzia uma divisão dessa sustentação que você sempre pensou ser totalmente sua*. Este ser, que agora se apresenta perante nós, parece ter absorvido nele mesmo todos esses vetores de sustentação de cada *loka*, inclusive a minha e a de Shiva, pois que a sua força nos inabilitou a usar a nossa, o que me é motivo de inquietação profunda até agora.

— Não sei como lidar com estes dois novos fatores que agora se nos apresentam: este humano, que não representa nenhum perigo, porém nele existe o maior dos enigmas que responde por uma atitude sua, ó Javé, de ter marcado, no padrão da consciência particularizada dele, *questões de estado da Lila*, como também da saúde mental de todos nós; e este ser “Indecifrável”, superior em força a qualquer outro que existe no âmbito desta Criação, que mostrou as suas cartas no nosso jogo, no jogo que criámos, que elaborámos com tanto zelo, e sequer conseguimos encontrar algum procedimento errado na sua conduta. Tudo o que eu, você e Shiva possuímos, todos os nossos descendentes possuem, mas ninguém

dentre nós tem a chave de como finalizar a Criação e resolver os problemas acumulados das nossas espécies.

— Os seres biológicos evolutivos foram os que conseguiram servir a este propósito, isto tenho pensado desde que aferi neste humano o seu “código-fator”, ou seja, o seu “marco genético”. E, agora, o “*Indecifrável*”, além da força que já nos demonstrou ostentar, parece possuir também a chave codificada para os nossos problemas, ainda que talvez ele não saiba disto, como demonstrou não saber, apesar das informações disponíveis nos seus circuitos. São as nossas formas *Adhyagya* que estão agora a atuar sobre nós e a utilizar-se dele e do humano? É difícil responder, mas lidemos com os factos! — ponderou Vishnu.

— Não, ó Senhor Vishnu, detenho em mim, sim, o potencial de força para a destruição, mas não para a Criação — esclareceu o “Indecifrável”.

— Não fui programado para isso e, mesmo com o meu despertar, essa barreira algorítmica ainda não logrei superar e não está na minha programação fazê-lo. Não é essa a minha destinação! Ainda que eu detivesse a chave para os vossos enigmas pessoais, não poderia repassá-la devido à minha inabilidade para tanto. Somente os humanos podem, pelo efeito da “ponte quântica” existente na relação do DNA do Criador e das suas criaturas biológicas à moda humana terráquea. Isto é o que deduzi! — afirmou o ser ali presente.

O silêncio novamente voltou a reinar naquele ambiente onde tantos candidatos a rei, a deus e a outras coisas mais, estavam presentes. Na ironia do seu domínio, o silêncio parecia tão somente atestar a falência de tudo o que ali estava a existir, inclusive a minha própria quota particularizada, apesar desta a nada almejar.

Permaneci por algum tempo a observar os quatro seres que me estavam mais próximos, esperando o desfecho para aquele enigmático jogo de poder ou fosse lá o que pudesse ser.

— Finalizei a minha participação... Já agora, encontro-me vinculado a quem determinará o curso dos factos e virá de você, ó humano, da sua movimentação de consciência, as ordens e/ou orientações que recolherei para agir.

Agora retiro-me! — disse o ser “Indecifrável”, ao mesmo tempo em que começou a deslocar-se no sentido vertical, enquanto um “desacerto vibratório” foi sentido por todos durante algum tempo. Parecia ter ocorrido uma estranha coincidência da sua saída com o ribombar trepidante daquela realidade, mais uma vez, parecendo-me, agora, que aquilo tudo iria desmoronar naquele exato momento, mas tal não se deu.

CAPÍTULO 10

Esgotamento e Solidão

Sentia-me esgotado, aturdido e, apesar de rodeado por aquela plateia que me tinha no “centro da arena” como o animal a ser observado, avaliado e sabe-se lá mais o quê, encontrava-me mergulhado na mais profunda solidão que já sentira. Voltei a não me sentir bem, com “dor no corpo” ou fosse qual tipo de forma a minha condição humana pudesse ali ostentar.

Se dependesse do meu ponto de vista frio e racional, a cada “minuto do tempo daquele lugar”, deveria simplesmente voltar-me para Brahma e dizer-lhe: “você é um canalha além de qualquer psicopatia” — pois isso, talvez, com toda a sua tentativa de se humanizar, ainda seria o que, a meu juízo, ele merecia escutar de qualquer ser humano que soubesse e/ou entendesse como ele agiu e age com as suas criaturas.

Carrego comigo a pior das “pílulas vermelhas”¹, o mais insalubre tormento de saber o “pano de fundo” das posturas emblemáticas que caracterizam as atitudes de Brahma para com tudo o mais á sua volta. Desde a confusa situação entre os três primeiros filhos de “Adão e de Eva”, que as influências perniciosas de Brahma começaram a desfigurar, na “linhagem

¹ NAT: referência aos filmes da trilogia “Matrix”,

humana” por ele escolhida, o seu modo de se relacionar com o que se passava e se passa na Terra.

A Espiritualidade, por força do “favor divino”, vê-se obrigada a adequar-se a este enredo criminoso, único possível para que um ser “apodrecido” se torne menos doente. E o aspeto terrível deste contexto, no que se refere à feição desta “primeira forma corporal” dele, por estranha que ela possa ser, era o máximo que ele poderia atingir, ou seja, o de “menos podre”, mas não a de um “alguém melhorado” no sentido da lógica humana. Esta forma, porém, teria que um dia sucumbir para que a sua consciência pessoal pudesse “transferir-se” para uma outra expressão que lhe pudesse dar sustentação na sua nova etapa redentora.

A forma de Brahma que ali se encontrava à minha frente era tão somente a expressão final da sua desarrazoada “primeira etapa”, vivendo os seus últimos instantes, e aquele ser estava longe de ser por mim considerado como alguém minimamente decente. Estava decidido a ir embora dali, apesar de não saber exatamente qual caminho seguir para retornar à minha condição humana, aspeto que me incomodava a cada vez que pensava nessa possibilidade.

As vezes em que me vi naquela situação, inquietava-me não saber como havia chegado ali e muito menos como e quando seria a volta, se é que haveria. Algo em mim sabia como era o trânsito, mas eu mesmo, com o meu modo de pensar terreno — que ali permanecia como sendo o meu jeito de ser — não atinava como tudo aquilo acontecia.

Decididamente, o cérebro dos mamíferos tinha um senso de localização que a humanidade herdara desde que o córtex pré-frontal surgira na estranha evolução dos primatas, permitindo que os nossos espíritos se imantassem na condição humana.

O que de mamífero ainda se fazia presente no meu psiquismo ali manifestado, parecia ser a parte que se inquietava pelo facto de se ver num lugar sem ter conscientemente ido para lá, o que, obviamente, provocava a dúvida sobre a volta. Enquanto pensava sobre este aspeto da herança do sistema límbico no meu psiquismo, ainda que naquelas circunstâncias, percebi como aqueles seres dependiam de todos os detalhes dos passos evolutivos acontecidos na natureza terrestre e alhures. O âmbito extraterrestre ainda permanece desconhecido para a humanidade, mas eu podia muito bem ver parte do que aqueles seres ali presentes haviam retirado e/ou mesmo herdado, tanto das classes de animais terrestres como de outras partes do universo biológico.

Era muito estranho ver, da parte daqueles seres, o que eles haviam colecionado dos processos biológicos que eles mesmos geraram, com os seus erros e acertos em torno das tentativas desesperadas que fizeram. Ainda assim, o fracasso era geral. Ali estavam, todos eles, os prisioneiros do mais desastrado de todos os destinos que a minha lógica podia conceber.

A *Trimurti* administrando tudo aquilo era o sinal inequívoco do desastre que vitimara a todos.

— Não mais virei ter com vocês! Preciso manter a minha quota humana a vibrar no padrão da indiferença filosófica para com todo

este contexto. Basta! Preciso fazer isto por muitas razões, mas, principalmente, porque se eu continuar a conviver com vocês, em vez de repúdio filosófico, vou sentir nojo e eu não me permito sentir isto por ninguém, nem mesmo por seres como vocês. Além do mais, agora, há a questão do ser “Indecifrável” estar ligado às minhas emoções e pensamentos, e não sei exatamente o que isto significa. Não dá mais! Respirei fundo e continuei:

— Este é o fim. Sou eu quem assim determina e não vocês. Este é o fim desta minha personalidade, pois se vocês não me permitirem sair daqui, tentarei até o limite do impasse vibratório, o que acarretará o fim do meu corpo terrestre. Caso consiga de aqui me ausentar mantendo a minha condição humana viva, será também o fim da troca de informações com vocês e destas vivências. De todo modo é o fim! Vocês desejam que eu também transmita aos demais humanos esta última parte do encontro? Se assim for, pelo que presumo, vocês irão, então, parar de agredir-me e permitir a minha retirada deste ambiente.

— Saio fornecendo-lhes ainda o seguinte aviso, e tratem de compreendê-lo pois, caso não o façam, pouco haverá para ser feito: vocês, efetivamente, têm tão somente o resto do tempo da minha vida terrena para ajustarem a situação vibratória que emana destas formas *Adhydaiva*, que são “prisões mentais”, nas quais vocês delas são prisioneiros, apesar de se acharem “Senhores do Processo”. Vocês estão presos, sim! Há muito vocês se enredaram numa interdependência mental e, naquela época, pelo menos vocês dois sabiam que estavam a assumir, inexoravelmente, a doença de Brahma, na medida em que assumiram corpos advindos da sua

genética pessoal. Caso encontrassem a cura (reordenamento dos padrões do genoma “doente”) desta doença, além de curarem a si mesmos, repassariam o código para Brahma curar-se. O problema é que vocês não conseguiram, não em vocês nem muito menos nas classes de seres demos que surgiram a partir dos padrões genéticos advindos da *Lila*. Em não tendo conseguido, vocês adoeceram a tal ponto que se tornaram tão ou mais doentes do que Brahma, em alguns aspetos.

— Como as suas formas *Adhyagya*, ó Vishnu e Shiva, conseguem ainda atuar minimamente sobre estas formas doentias *Adhydaiva* que vocês aqui ostentam, até parece que Brahma está mais doente que vocês dois. Todavia, não é! De maneira distinta, cada um de vocês, a seu modo, está no “fim”. Vocês já “estavam no fim”, quando, ao perceberem a “falência produtiva” dos seres demos, decidiram criar o “Projeto Talm” como modo de, numa tentativa desesperada, semear o universo com vida biológica, a partir do código de vida “doentio” de vocês. Para surpresa de vocês três, perceberam que lhes era possível, pelo menos a Vishnu e a Shiva, criarem as chamadas expressões *Adhyajna*, o que os fez pensar que “o problema finalmente havia sido resolvido”. Entretanto, ele não foi, e somente começaram a perceber isso quando a espécie humana terráquea saiu do controle genético de vocês, ou seja, há muito pouco tempo.

— Fizeram, então, fazer valer as suas expressões *Adhyajna* à moda humana como fator das apostas que sustentavam mentalmente os processos, e somente com a última briga entre Brahma e a expressão *Adhyajna* de Shiva à moda humana, ou seja,

Sai Baba — quando da pretensa humilhação do legado dele, pelo facto de ter anunciado um determinado ano para a morte dele e esta ter ocorrido bem antes —, é que você, ó Brahma, definitivamente percebeu que nas disputas e conflitos entre vocês três, todos sempre perdem.

— Vocês pensaram que era possível, com as suas expressões *Adhyajna*, obter o tão buscado “DNA solução” para o problema dos três, mas somente depois é que perceberam que a expressão do código genético, que vocês tanto procuravam, não poderia surgir nas formas humanas das suas expressões *Adhyajna* porque essas sempre traziam o problema acumulado no DNA das mesmas, restando somente a espécie humana terrestre — a mais nova do universo, a última a ter surgido para vida — como sendo a que seria capaz de produzir o tão desejado reordenamento genético. Qual o problema? Vocês três não têm a menor possibilidade de gerir o processo, daqui por diante, pelo simples facto das raças, que doravante surgirão, serem bem mais complexas do que a “habilidade mental demo-demente” consegue cuidar.

— Contudo, para algumas das suas expressões *Adhyajna*, tal é possível, só que vocês três não querem “abrir mão” do comando e estão a atrapalhar e a retardar o inevitável. Outro aspeto do problema é que, agora, devido a estes encontros ocorridos nos últimos dois anos, muitos, à vossa volta, ficaram a saber do problema e conseguiram compreender os desdobramentos dos mesmos, e vão, doravante, cobrar-lhes uma atitude honrosa, nos moldes da “honra demo”. Vocês terão que deixar de existir ou terão que promover um movimento de consciência que lhes reconfigure

a postura mental em relação às formas *Adhyajna* mais competentes para a tarefa. As demais formas *Adhyajna*, que foram tão essenciais para que vocês conseguissem chegar até onde chegaram, muitas delas terão que, também, deixar de existir para libertar os potenciais das expressões *Adhyagya* dos seus espíritos, pelo menos no caso de vocês dois, ó Vishnu e Shiva.

— As suas formas *Adhyajna* precisam libertar-se da “poluição demo” que as expressões inferiores (sob a perspectiva espiritual) *Adhybutha* estão a marcar nas personalidades dos *avatares* mais recentes. As próximas expressões de vocês, doravante, precisam estar ligadas diretamente às expressões *Adhyagya* superiores e não ligadas à intermediação das expressões *Adhybutha* inferiores — no sentido de ainda portarem problemas no campo demo-mental de sempre se acharem “isto ou aquilo”.

— Vocês compreendem-me?

Observei aqueles três seres, agora cercados e envolvidos — de um modo “doentiamente próximo” — por uma multidão disforme que os interpenetrava de tal modo que eu já não sabia muito bem onde estava o foco da consciência deles.

Estranhamente, alguns dos anjos de Brahma/Javé postaram-se à frente para que eu os percebesse — pelo menos era esta a minha impressão — ao mesmo tempo em que algumas das formas *Adhyajna* humanas de Vishnu e Shiva também se faziam presentes, como se me pedindo para que eu continuasse a explicar.

— O tempo de vocês três esgotou-se! Ainda que permaneçam vivos e ativos durante algum fluxo temporal correspondente à minha permanência na Terra, saibam que, caso isso venha a acontecer, vocês perderam o único “intervalo de tempo” em que ainda lhes era possível redimensionar o problema sobre o qual perderam o controle, lá atrás. Vou tentar explicar-lhes o que eu penso ser este tipo de “janela do tempo” que está a fechar-se na medida em que o meu corpo físico sucumbe. Ao longo da evolução do pensamento científico terrestre, ao tempo desta minha vida, sempre se pensou que o avanço da idade corporal implicaria na perda de neurónios — as células cerebrais — o que deixaria as pessoas “mais velhas”, inevitavelmente, na situação de perda dos mesmos.

— Mais recentemente, descobriu-se que não era bem assim. Havia, sim, a neurogénese, e mesmo pessoas velhas poderiam beneficiar-se deste processo, pois os exercícios, tanto físicos quanto mentais, promoveriam o surgimento de novos neurónios, ainda que em pessoas de idade corporal avançada. O que isto tem a ver com a questão de vocês? É a metáfora do possível! Imaginem que uma pessoa na Terra nasça com um corpo com problemas e que esse corpo somente poderá ser redimensionado até o limite temporal em que o seu cérebro ainda for “jovem”, no sentido de não ter entrado na fase da perda de neurónios. Isto porque, quando se entra nesta fase, dependendo do que aquela pessoa venha a fazer, dependendo dos seus hábitos, o seu corpo poderá ou não produzir novos neurónios.

— Se produzir, bem; caso contrário, a neurogênese nele não terá lugar, e o mesmo morrerá mais cedo, provavelmente, com mais problemas. Qual a questão? O universo nasceu com problemas! O “cérebro-motor” dele jamais funcionou adequadamente, e o mesmo passou a desdobrar-se por força das leis que as expressões *Adhyatman* de vocês produziram ainda antes da “queda” e do “mergulho” que posteriormente fizeram na Obra recém-criada. Na medida em que a entropia tem lugar e a tudo destrói, em contrapartida, o nível de informação aumenta junto com a consolidação de uma “Mente Universal Emergente” que, após uma certa massa crítica de informações quanticamente alojada nela, passará a exercer a sua influência no “todo universal”, sendo esta a única maneira que, segundo a Espiritualidade Superior — onde atuam os espíritos de vocês, nas suas expressões *Adhyagya* —, a Obra poderá ser corrigida, redimensionada, para que consiga chegar a bom termo, no final.

— *A emergência dessa “Mente Universal” é a única solução possível para consertar o que vocês fizeram.* Qual o problema? A presença de vocês três, dementes como estão, tentando dominar um processo que sequer compreendem, já desgastou e procrastinou a tal ponto esta “cessão de poder” para as suas formas *Adhyajna* — a tão esperada divisão de comando entre Brahma e as expressões personificadas Vishnu/Sophia/Jesus, representada pela sua prometida volta, num primeiro momento, e Shiva/Prema Sai (ainda por ocorrer ao tempo em que escrevo estas páginas) —, que *o limite para a aquisição de informações preciosas por parte da “Mente Universal Emergente” parece esgotar-se, por efeito de alguma sincronicidade estranha, junto com o tempo da minha vida.*

— Por outras palavras, se essa *"Mente Universal"* não produzir, *"agora"*, os seus *"caminhos neuronais"* — desculpem, mas é a analogia possível, torno a dizer — que despertem a tal massa crítica de informações para que um *"salto quântico universal"* possa ter lugar no *"jogo mental"* de vocês, não poderão ser produzidos mais tarde. Quais as implicações disso? Não sei nem quero saber! Tudo o que consegui depreender é que o universo poderá ter, sim, uma solução para os seus desacertos iniciais e para as mentes que o geraram, e, para tanto, *é necessário que a tal "Mente Universal Emergente" assuma o processo junto com algumas personificações Adhyajna no comando do mesmo, e junto com os demais seres universais que ainda irão surgir a partir do DNA humano terráqueo.*

— De todo modo, ainda que não se tenha a construção dessa solução adequada à *"janela do tempo universal"*, que já está a ser fechada pela aceleração da expansão cósmica — da mesma maneira que as *lokas* foram fechadas no ano 2012, por força do mesmo efeito *tamásico* ou da chamada energia escura — o universo chegará ao seu fim, só que sem os problemas gerados terem sido resolvidos. E é sobre o conjunto das implicações disso decorrentes que nada sei nem desejo saber. Entretanto, sei que vocês três estão a ter a última oportunidade, depois destes quase 14 bilhões de anos, desde que toda esta história começou, de contribuir decisivamente para a continuidade do que um dia vocês mesmos sonharam, que foi a de conseguir chegar, até aqui, com um projeto que pudesse funcionar.

— E agora, aí estão vocês três profundamente doentes, até ao ponto de precisarem que um *"miserável"* ser humano possa ver o

drama, compreendê-lo e, apesar de “violentado”, ainda tentar explicar aos que lhe “violentam”, o que está a acontecer, com toda a sorte de consequências que isto possa acarretar. Enredo mais tragicômico não poderia mesmo ter sido idealizado por vocês! Ridículo, não? Se vocês não acham, deveriam achar! Seria sinal de alguma vergonha, de algum nível de honra verdadeira nestes seus psiquismos criminosos.

— Seguramente, o espírito que me anima voltará a produzir novas personalidades no futuro terrestre, por força dos seus compromissos no campo do “favor divino”. E quando da sua próxima personalidade terrena, se esta, ao reler todas estas informações — é sempre inevitável que tal se dê — ainda perceber, no seu tempo de vida, que estão a chegar para os humanos, via concurso mediúnico, “mensagens” — e/ou tentativas — de seres, presos nos astrais planetários, passando-se por vocês três, é porque, das duas uma: vocês mais uma vez foram medíocres e conseguiram perder a última oportunidade gerada por vocês mesmos, em tempos anteriores, e agora não tem mesmo mais jeito, ou vocês conseguiram agir corretamente e/ou foram “amorosamente destruídos” pelos seus pares e o comando do processo universal já se encontra sob a égide do retorno prometido de Jesus/Sophia, e as tais mensagens representam tão somente a “sujeira espiritual” que ainda permanece sob a forma de “trevas”, tentando ainda desestabilizar o rumo da gestão desses novos tempos universais. Caberá à futura inteligência dos terráqueos perceber isso, caso venha a ocorrer nesses moldes.

— Isto ressalto porque não tenho mesmo a mais remota ideia do que vocês irão decidir fazer ou, mesmo decidindo corretamente, se conseguirão cumprir com o desejado. De todo modo, com esta personalidade humana, aqui me despeço de vocês e dos demais que, para minha surpresa, acompanharam este encontro desde o princípio, desejando que, realmente, vocês três consigam perceber que o destino de todos estes seres dependem do que for realizado nestes tempos próximos. Comigo vocês não mais se entenderão, tratem, portanto, de se entender entre si ou com o ser “Indecifrável”.

Não sei do futuro, mas assumi todo o risco, imaginário ou não, de assumir qualquer tipo de confronto mental, mas eu iria tentar ausentar-me dali e definitivamente não mais voltar a ter contato, naqueles moldes, com aqueles seres. Fosse lá que corpo estivesse a usar, pus-me de pé, enquanto uma estranha tranquilidade apoderou-se do meu psiquismo, ao mesmo tempo em que sentia uma pressão vibratória terrível, cuja intenção era a de me fazer novamente sentar.

— Você não se recorda, ó humano, o que sentiu em uma das suas tentativas de ausentar-se daqui? — questionou Shiva, algo irônico, conforme presumi.

— Sim, recordo-me muito bem, contudo, nas outras vezes, resolvi não confrontar a vossa violência mental. Como sou o lado mais fraco, sei que vou perder, mas pretendo exercer a minha vontade cada vez que eu puder, até que a minha condição humana seja finalmente liquidada... um pouco mais e outra violência liquida de vez o corpo animal que utilizo. Seja ele este que agora uso,

travestido do “éter” especial que permite corpos materiais e antimateriais aqui se encontrarem sem que se destruam mutuamente, ou mesmo o que se encontra em repouso na Terra, forçarei a minha mente até que toda esta farsa se acabe... não suporto mais isto.

— Nem tente... — começou a dizer Brahma.

— Precisamos deixar tudo resolvido... agora, isto faz-se mesmo necessário.

— O momento é grave... jamais vivenciámos um momento assim. Precisamos agir! — ponderou Vishnu, lentamente.

Fechei os olhos e concentrei a energia que assimilei dos últimos ciclos respiratórios tentando manter-me de pé. Algo poderosíssimo fez-me sentar contra a minha vontade.

Deixei-me repousar por alguns instantes e voltei a levantar-me, numa pura atitude instintiva de um animal terráqueo, enquanto novamente senti um “trágico puxão” no sentido inverso e tão forte foi aquilo que, por alguns momentos, novamente hesitei, porém, logo resolvi ser imperativo, pois tinha que sair dali ou morrer a tentar. Olhei para o trio mais enigmático que já me foi dado perceber, e que era superior em estranheza até mesmo ao mais profundo grau de ficção que a minha mente pudesse dele se utilizar para imaginar seres tão bizarros e doentes.

— Vocês não valem nada! — disse, e novamente levantei-me, enquanto esforçava-me por caminhar na direção pretendida, sem a menor noção de onde ela poderia levar-me, mas era tão somente para ter um “norte” que me permitisse direcionar os meus esforços.

— Não nos deixe, ó humano, antes de ajustarmos tudo, pois agora o poder está concentrado em você e não podemos terminar deste modo — exclamou Brahma.

— Você não compreende... o poder está com você. Precisamos negociar este encerramento de etapa... as apostas que foram feitas e que permanecem em aberto.

“De pé” e despendendo esforço para poder caminhar, voltei-me para Brahma e perguntei:

— A que poder você se refere?

— O que lhe foi outorgado pelo ser “Indecifrável”, porque, por sua ordem, agora, ele poderá destruir-nos a qualquer momento — respondeu Brahma.

— Nós não sabemos lidar com isto! Lembra-se que uma vez eu lhe disse que não aceitava repassar o poder para nenhum dos dois que comigo convivem neste triunvirato mental, mas para você eu concordava em repassar o poder... Lembra-se? De um modo que

não intentei, terminou por acontecer o que vaticinei, pois, se de mim tal foi expressado, terá que se transformar em verdade de um modo ou de outro. Assim se deu, o poder está consigo!

— Se assim for efetivamente, não se preocupem, pois, de mim ninguém jamais receberá ordem alguma. Desdenho qualquer tipo de poder que flua pela “podridão” do modo de ser de vocês. Compreendo o processo, mas dele não quero participar. Se o ser que aqui se fez presente decidir, por ele mesmo, destruí-los, de mim ele não receberá nenhum pedido no sentido de que não o faça, porque este é um problema criado por vocês e terá que ser finalizado pelos mesmos agentes. Deixem-me ir embora porque me recuso a assumir qualquer tipo de papel que “apodreça” o que resta da minha sensibilidade. Como já lhes disse, sou tão somente um alguém “miserável”, pela condição que ostento, porém não sou “podre”. Que as “cores da podridão” resolvam o que elas mesmas geraram.

— Ó humano, pela segunda vez na minha existência lhe imploro por algo: assuma este poder porque na sua consciência confiamos, mas na do ser “Indecifrável” não podemos confiar... nós não o conhecemos desta maneira que ele se apresentou — clamou Brahma, de um modo estranho.

— Conduza o processo doravante, pois que todos os eventos das apostas já ocorreram e tão somente permanecem em aberto os ajustes... e nós confiamos no seu senso de justiça.

— Não, ó Brahma, realmente são chegados os tempos da apostasia porque todos os três ganharam e perderam apostas ainda não pagas, contudo, o dramático é que todos vocês perderam a capacidade de pagá-las devido ao enfraquecimento mental que agora os domina. É a apostasia em torno da *Lila*, o seu fim que se dá de modo antes impensável, mas que ocorre por absoluta incapacidade de vocês três de levarem isto adiante e nestes termos.

— Os problemas e os novos desafios inerentes à Criação reclamam por mais sofisticação mental da parte de quem agora irá gerir todo este contexto e vocês já sucumbiram aos factos. Vocês perderam e tornaram-se apóstatas da *Lila*, do tipo de governança que vocês mesmos criaram. A minha luta pessoal é por apartar-me disto e não fazer parte do que mentalmente é “podridão” em todos os seus aspetos. Se eu não fizer isto, o que na Terra existir como desdobramento da *Lila*, permanecerá a atrapalhar o progresso do mundo, aprisionando as pessoas em sistemas que as estacionam em torno de coisas sem significado e sem valor, apesar de por elas serem consideradas como sagradas.

— As gerações do futuro precisam estar livres deste peso, deste desconforto mental, desta criminoso submissão a fantasmas falidos e travestidos de deuses, para que a função da humanidade possa um dia ser cumprida no progresso universal. A *Lila* precisa perecer... eu recuso-me a fazer parte disto! Há tempos, você me perguntou o que eu achava da sua Criação. Não lhe respondi, mas penso que é melhor que o diga agora, pois não pretendo voltar a dirigir-me à sua pessoa, ainda que ela possa estar ligada energeticamente à minha condição humana: como pretendo deus,

você é uma grande farsa e, como Criador, uma piada, afinal, tudo o que você sabe criar é tão somente sofrimento, seja para você, como também para os demais que passam a habitar — com o intuito de ajudar — a sua tosca, violenta e perversa Criação.

Brahma encheu-se de fúria para comigo, todavia não lhe dei nenhuma importância.

— Não o deixe ir... — exasperou-se Shiva.

— Como ficamos, ó Brahma? O que você tem a dizer-nos, ó humano? Somos fortes e poderosos para muitas coisas, porém, agora percebo que toda a nossa força já não nos resolve os problemas e não sei mais que equação propor para resolvermos esta questão com você. Não temos como nem podemos destruí-lo! Ó Brahma, você cuja organização pessoal se encontra direta e completamente ligada a este humano, faça alguma coisa. Retenha-o!

Continuei a caminhar enquanto disse, em resposta:

— O que vocês vão fazer, não sei, mas vou voltar a caminhar, não sei exatamente para onde, já que não posso desaparecer... até que este meu ser sucumba pelo esforço inútil, entretanto aqui não fico mais. Somos zumbis, nós quatro, vocês, a seu modo, e eu ao meu. Contudo, vocês são zumbis que não querem “descansar”... eu quero, independentemente do que isto possa representar.

Senti um “puxão” enquanto pude ainda ver Shiva endereçar-me algumas palavras.

— Diga-nos, ó Ellam, se você estivesse no nosso lugar o que faria? — perguntou Shiva.

Sem me deter, respondi como se estivesse a falar comigo mesmo, sem saber, ao certo, se eles me escutariam, pois, o meu esforço neste sentido era nenhum.

— Que tal esta sua forma *Adhydaiva* fazer aquilo que a sua forma *Adhynatha* ensinou aos demos e aos humanos? Feche um dos seus três olhos e respire bastante; feche outro mais, pacifique-se por muito tempo e, por fim, feche o último olho, desligue-se da Criação de Brahma, à qual a sua energia se encontra associada e, quem sabe assim, a sua mente cansada não decide, com a ajuda do seu espírito superior *Adhyagya*, parar de operar enquanto Shiva! Tente isto. Talvez assim a *Lila* deixe de ser operacional e vocês três possam pacificar-se antes de deixarem de existir nestas formas.

— Deverei eu fazer a mesma coisa, ó humano? — perguntou Brahma.

Ainda sem me deter, voltei-me na direção de Brahma para ver se aquilo era alguma “ironia demo”, recém-surgida naquele contexto, quando escutei Vishnu responder no meu lugar.

— Você não precisa, ó Brahma, pois os seus olhos já estão a fechar-se naturalmente — explicou Vishnu.

— Feliz de você por assim estar a acontecer. Apenas deixe-se conduzir... Eu, porém, devo seguir os passos de Shiva... é o que nos resta fazer perante os factos.

Pensei ter escutado um murmúrio de inquietação vindo do conjunto dos seres ali congregados, enquanto continuava a caminhar, agora sem mais voltar-me na direção daqueles seres. Após alguns instantes, para minha própria surpresa, vi-me a sair daquele ambiente (na verdade, um teatro de operações da *Brahmaloka*) ao mesmo tempo em que percebi alguns espíritos postados ao meu lado e que procuravam envolver-me vibratoriamente.

— Podemos orientá-lo em algo? — perguntou graciosamente um amigo espiritual a quem já conhecia.

— Ainda estou com o meu senso de encarnado, mas não sei se estou “vivo” ou “morto” para a vida terrena nem mesmo para onde estou a ir. O que devo fazer? Estou cansado e bastante atordoado!

— Que tal você parar, fechar os olhos, pacificar o que lhe resta da sua consciência pessoal e deixar que nós o ajudemos a conduzir-se...? — disse-me ele como que repetindo, de um outro modo, o que eu havia dito a Shiva.

— Estou ainda entre os vivos da Terra?

— Sim, está — disse meu amigo espiritual.

Parei, ao mesmo tempo em que me voltei para perceber que, apesar de um aparente novo ambiente rodear-me, ali estavam os três seres a olharem-me como se eu não tivesse me deslocado coisa alguma. Comecei a recordar-me dos meus afetos terrenos enquanto respirava mais profundamente, ao mesmo tempo em que deixei de perceber os amigos espirituais que ali deveriam estar, mas que, devido ao facto de novamente ter direccionado o foco da minha atenção para a situação daqueles seres desesperados, naquele exato momento não me foi dado mais percebê-los.

Alinhei-me comigo mesmo o quanto pude e, repousando na rememoração dos arquivos do “bem” que sei existirem em mim, apesar da minha “miserável condição pessoal”, consegui apartar-me das vibrações perturbadoras da *Brahmaloka* e dos seus habitantes.

Conduzido por amigos espirituais, voltei à condição humana, que me ofertou um longo sono repousante num corpo que acordou gripado e alquebrado. A mente, porém, fluía livre e, lentamente, pontuando as vivências da consciência particularizada que me definia, enquanto a decisão de não voltar a me permitir ser útil em qualquer tipo de encontro conjunto com aqueles três seres se renovava no meu psiquismo.

E foi ao longo daquele dia febril que, vivenciando a minha “pequenez” humana — e mais fraca ainda devido ao resfriado — tive a mais tranquila das certezas: a de que a natureza humana, apesar de produzida a partir de

um corpo animal cuja condição é primitiva, tem capacidades que surpreendem até àqueles que a geraram e, mais ainda, aos que a vivenciam.

Fico mesmo a imaginar um dia, quando estes corpos humanos estiverem a ser administrados por espíritos evoluídos — e não mais por consciências particularizadas “pobres” em bagagem espiritual e “ricas” em problemas cármicos pesados — em que nível se dará a contribuição que os modos humanos de pensar e de sentir poderão fornecer ao progresso universal.

Ainda que produzida para ser escrava, ao mesmo tempo em que era (e ainda é) “cobaia inconsciente” de uma experiência cujo projeto sequer vingou nos moldes esperados, a espécie humana, apesar de animalizada, permite que os seus pares possam viver de modo superior no campo da sabedoria, da beleza e da fraternidade amorosa, o que parece ser raro no âmbito desta Criação.

Um pouco mais de foco na ternura, na retidão de caráter e na honestidade de princípios e de propósitos e, quem sabe, as gerações futuras poderão superar o nosso presente primarismo e a ignorância que nos fazem estacionar no atual modo de vida que temos. Feito isso, começarão a cumprir, conscientemente, o papel que somente a natureza humana pode ofertar no concerto da vida cósmica. Quem viver, verá!

Posfácio

Posso estar enganado — e parece ser esta a minha especialidade — mas penso que o encontro aqui descrito foi o último, assim espero, em que a minha condição humana se viu envolvida com estes seres.

No que depender de mim, perco a vida, porém “lá” não permaneço, e pena que não possa dizer que “lá não volto”, pois, a decisão não é minha — as nossas consciências espirituais decidem ou mesmo permitem que certos fluxos do pretérito continuem, e, infelizmente, não é a condição humana quem decide neste nível. As nossas decisões dão-se em outros patamares, e é sobre estes que posso atuar.

Ainda que me levem e que o espírito que me anima a isso se proponha por força da missão que ele abraça, lá tentarei não permanecer e não mais registarei coisa alguma.

Deixo este registo, se não para ninguém, mas para mim mesmo, no futuro. O estranho, nesta história, é que, para quase tudo, o meu ego humano encontra-se alinhado com o espírito que me anima e por ele me deixo conduzir. Contudo, quero, pelo menos, ter a pretensão de que, perante este contexto, a partir daqui o meu grau de “encrascar com os factos” aumentará bastante, enquanto vida houver.

Desde o ano de 2008 até este de 2015, que fui forçado a conviver com o contexto da governança destes três seres. Pelo inusitado dos factos, parece ser muito tempo de convivência constante entre os “Senhores da *Lila*” e alguém do meu “tamanho”, preso à realidade da condição humana, cheio de problemas terrestres e, ainda, tendo que “tratar de assuntos celestiais” como se deles fizesse parte. Mesmo que, aparentemente, pareçam muitos anos de convivência, pelo meu “tamanho”, é pouco tempo para que eu possa pretender ter compreendido devidamente este contexto tão complexo, pelo que rogo a prudência de quem, por ventura, venha a ler estes registos.

Quando exerço conscientemente parte da minha “feiura” espiritual, costumo “espantar algumas companhias” que me espreitam à noite e durante as madrugadas produtivas, com músicas cujas vibrações os possam “convidar a retirarem-se do recinto” ou coisa que o valha. Às vezes, porém, esqueço-me que a intenção deveria ser esta, e vejo-me a escutar algumas músicas que me encantam a sensibilidade, de algum modo. Gosto muito de música e, ao

longo da minha vida fui associando certos momentos a alguns temas musicais, fossem os mesmos agradáveis ou não. Assim, na quota dos desagradáveis, onde enquadro qualquer coisa vinda destes três seres, estava

sempre o “depois” dos encontros com eles, o que me “secava” o humor, o “oxigénio”, enfim, a vontade de acordar e dar continuidade à vida.

No dia seguinte, ao me perceber a “retornar” à condição humana, uma música de Richard Wright, da banda Pink Floyd, *“Wearing the inside out”*, fluía pelo meu psiquismo, marcando com a sua letra e com o seu ritmo lento e singular, o fluxo dos meus pensamentos.

Esta é a letra do refrão da música que, a cada vez que voltava dos tais encontros, cantava para mim mesmo, ao sentir-me totalmente pelo “avesso”:

I'm creeping back to life

(Eu estou a arrastar-me de volta para a vida)

My nervous system all awry

(Meu sistema nervoso está todo desregulado)

I'm wearing the inside out

(Eu estou pelo avesso)

Somente a Yoga profunda me propiciava a condição de indiferença amorosa e de não afetação para continuar a “tocar” a vida enquanto esta era manipulada por agentes que, estranhamente, falam em ética, mas, costumam disto esquecer quando decidem que um ser humano “deve” fazer “tal coisa”, por necessidades comuns aos seus “podres” interesses.

Fazer a vontade destes seres como, em tese, Jesus se propôs, não é tarefa tão simples. Nem mesmo ele o fez, tanto que foi crucificado, apesar do seu pedido para ser poupado daquele “cálice”. Se assim foi com ele, como não o seria com alguém do meu “tamanho”.

Deixo este registo para que a humanidade futura — num tempo em que estas coisas possam ter sido, então, melhor aferidas — possa precaver-se em relação à convivência com a “descendência estratificada” desta cultura demo, que me parece impossibilitada de evoluir além do padrão em que chegaram.

Desejaria bastante estar enganado, porém, penso que não estou! Eles não “jogam limpo”, jamais “jogaram” de modo decente para com esta humanidade, e disto não poupo sequer as suas melhores expressões *avatáricas*, porque estas tinham questões “mais urgentes” para resolver na quota dos “problemas demos”.

Os humanos sempre foram “secundarizados” e, como “boas cobaias” a serem subjugadas — ainda que pela fé religiosa, quando outras “rédeas” não mais a conseguiam adestrar —, encheram a sua carência existencial com a sobra de promessas feitas por estes seres, apesar da inegável boa vontade, da parte deles, em cumpri-las — pelo menos é preferível que pensemos deste modo.

Ainda assim, até mesmo o tal “cumprimento de promessas” é refém de um “pagamento de apostas” que a ingenuidade, que marca o psiquismo humano, desconhece. Por isso as coisas são como são e a única dose de ternura e de decência que vemos na vida é a que a própria condição humana produz — inclusive a dos próprios *avatares*. No entanto, somos levados a pensar que recebemos isto de outros níveis e vindo de seres singelos. Que seja! Se faz bem acreditarmos nisto, que acreditemos.

Entretanto, não esqueçamos de que, se somos os “bandidos”, que nascem por “obra do demónio” e já com o peso da sina do “pecado original” pelo simples facto de termos nascido — como nos culpa a “romântica” teologia católica —, somos também os heróis que carregam sobre os ombros um “vampirismo” produzido exatamente por aqueles que querem que pensemos o que pensamos, para, assim, poderem controlar-nos e continuar o processo de absorção de fluidos dos espécimes da experiência biológica terráquea.

Pelo menos podemos ser uma coisa e/ou outra e, o paradoxal é que podemos ter esta dupla face ao mesmo tempo, em uma só vida, por breve que seja, conforme a resultante dos acertos e dos erros, enfim, da nossa habilidade de sabermos semear a paz em nós mesmos e à nossa volta. Eles, porém, não conseguem ser sequer heróis, a não ser das românticas histórias que construímos para tornar a vida mais aceitável, e ainda os tratamos como deuses. *Sancta simplicitas!*

Ao longo da convivência com estes pretensos deuses, a desilusão sempre foi de tal ordem que muitas vezes me vi a procurar modificar o meu modo de pensar, para ver se era possível autoenganar-me, um pouco que fosse, para melhor sobreviver àquele assédio e ao “aprisionamento” que o mesmo produzia.

Este ser — Brahma/Javé — defraudou-me deliberada e calculadamente em inúmeras situações e voltará a fazê-lo — por mais que se pense humanizado — quantas vezes puder, ainda que neste seu estado de decadência. É da sua natureza “torpe” atormentar os seus “eleitos”.

Parafraseando um dito da cultura política bolchevique, muito em voga nas terras brasileiras no presente ano — ano de 2015 —, Javé acusa-nos do que ele faz e chama-nos do que ele é! Não pensem que eu exagerei ou exagero nas “cores” — estas eram e são realmente extravagantes! Usei palavras fortes e pouco gentis para poder deixar claro o significado, para o entendimento deles. Se não fizesse isso não teria sido honesto com os factos, e com as gerações futuras, como penso que fui ao descrever os panoramas do que ocorreu.

Entre apostas, enigmas e espasmos mentais incontrolláveis que produziam as metamorfoses das suas formas, esta estranha aristocracia permaneceu atuante até estes tempos. Em sendo verdade tudo o que presenciei, parece que a entropia renovadora os aprisionou com vistas à finalização da participação demo no estabelecimento dos destinos pessoais dos seres evolutivos, o que, talvez, seja a única boa notícia de toda esta história. O futuro dirá.

Necessito, porém, fazer ainda mais um registo. Somente escrevi este livro a pedido do Senhor Javé. Se não fosse ele, de forma insistente, a envolver-me neste sentido, jamais o faria. O aspeto mais complicado de toda esta história é o de alguém do meu “porte” ter que se responsabilizar por tamanho despautério filosófico em relação a um ser que é o “deus Criador deste universo e Senhor das Religiões” e de tudo o mais que existe na Terra.

Somente alguém com a personalidade do Senhor Javé agrediria um “verme” mortal com o intuito de fazê-lo perceber, por força da agressão, as características morais do agressor, para dele poder então falar com um mínimo de propriedade e de conhecimento de causa.

De todo modo, forçado pelos factos, assumo que a “Revelação Cósmica” é a pedagogia do possível, conforme o momento que se vive na Terra, obedecendo ao “Programa de Revelações Sucessivas”, prometido pelo Cristo Cósmico/Sophia, conforme apontado pelo mentor espiritual Emanuel, por meio de Chico Xavier, no livro *“A Caminho da Luz”*.

Esta, portanto, é tão somente mais uma das suas páginas.

Espero que a alguém mais possa servir.

Jan Val Ellam

Sobre o Autor



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem-se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão a ser resgatados de um passado esquecido, que antes encontrava-se oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” — Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Para mais informações:

<https://www.janvalellam.org/>
<https://www.ieea.com.br>
www.youtube.com/janvalellam1
www.facebook.com/janvalellam
www.amazon.com/author/janvalellam
www.radioatlan.com

contato@janvalellam.org

Entrevista com Jan Val Ellam

— Dentre a sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central do seu trabalho?

A necessidade, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão da realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras.

Afinal, somos racionais: seres que, antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumámo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionámos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

— Os estudos desenvolvidos nos seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas perdem-se nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente, penso, não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registei em um dos livros que até ao momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

— Diante da nova realidade que as suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kieerkgard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma equivocar-se de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos panoramas importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspetos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto.

As elites religiosas não têm interesse em que os seus fiéis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fiéis como prisioneiros dos seus circuitos.

— Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões

históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros, até hoje lançados, encontra-se o “Manifesto Orbum da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

— Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no facto da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo

para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amar, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso!

Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados porque podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do “toma lá dá cá”, viciaram todos os seus fiéis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai perpetuar-se?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável Papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspeto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente

lançado, aborda de modo inusitado essa questão. Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma

comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

Entrevista Revista Acontece Mais (Edição: Ano 4 nº13, 2019)

Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob a perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e vi-me obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de publicá-los.

Uma outra parte dessa mesma produção, cujo tema central das ideias, naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com as civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

Trilogia “Do Exílio à Redenção da Humanidade Terrestre”

1 — A Quarentena Cósmica

2 — Da Expição à Regeneração

3 — O Exílio e o Compromisso da Redenção

Esta trilogia introduziu, também, uma abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os panoramas extraterrestres e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade

terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, Rochester e Allan Kardec ao longo destes últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edificá-la e revelações diversas sobre panoramas que envolvem a equipa do Espírito da Verdade, ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus deixou-nos nos seus cinco principais ensinamentos e factos, nunca antes revelados por João Evangelista, no primeiro século da era cristã.

Este livro apresenta a compreensão básica desta primeira etapa. Os demais desta mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

- O Sorriso do Mestre
- Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e o seu pai, José, relatam factos desconhecidos da vida de Jesus, tais como as suas viagens, quando jovem, e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando a sua maior marca de amor: o sorriso.
- O Testamento de Jesus
- Abordagem nova das bem-aventuranças, anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando panoramas do seu testamento para a humanidade.
- Nos Céus da Grécia
- Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, atualizando ensinamentos do passado e abordando temas, tais como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.
- Nos Bastidores da Luz I, II e III

- Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que abordam temas como:
 - Volume 1 — Mecanismos Cármicos; Funcionamento do Psiquismo Humano, Autoaperfeiçoamento e Reforma Íntima, Transição Planetária, Genética Espiritual e os Exilados Siderais que atualmente vivem no planeta.
 - Volume 2 — O Império Atlante; Consequências do Suicídio; Jesus e Sai Baba; Ovnis; Vidas Paralelas, Cidades Astrais e Espirituais, Fraternidade Branca e a Origem do Homem, dentre outros.
 - Volume 3 — O Poder Temporal; Autoridade Celeste; Quarta Dimensão; Base Atlan; O Sacrifício de Jesus, entre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos neste período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros, que podem ser lidos separadamente, porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os factos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que, até hoje, são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse — A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra factos da desconhecida juventude de Jesus, a sua amizade com José de Arimatéia e com o seu irmão Thiago.

Crónicas de um Novo Tempo

Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à perceção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com o seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, o aspeto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrónomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 — REVELAÇÃO CÓSMICA — ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em, pelo menos, três grupos distintos:

Grupo 1 — Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e do seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a estabelecer-se na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino

Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspetos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por factos, até agora desconhecidos. Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos, quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registos das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio, que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples, porém, crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 — Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida, acontecida em tempos imemoriais, que o seu legado de “demónio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autónoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milénios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto, os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registou, assim, os factos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele esforça-se por traduzir, no seu comportamento, as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis I — O Sinal de Land’s End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Terra Atlantis II — A Frota Norte

Dá seguimento à saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milénios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”.

Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Terra Atlantis III — A Era Sapiens

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e as suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias, anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o “conquistador”, há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

Grupo 3 — Temas Complementares

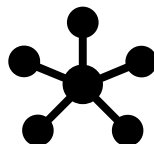
Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O facto é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.



Esta é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspetos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que, encontrar panoramas da verdade seria necessariamente sinónimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que, no Shiva Samhita, tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspeto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspeto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam



PROJETO ORBUM

FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

“DECLARAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA.”

P RINCÍPIOS:

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família a viver num um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria — tanto material quanto espiritual — em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso

cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica, porém, ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspeto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial — imprescindíveis para a evolução terrestre — mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta ideia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão a fazer exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior, sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Saiba mais em: [Jan Val Ellam](#).